

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA**

MESTRADO EM ARQUITETURA

Área de Concentração: Teoria e Projeto

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO



Fabiana dos Santos Souza

A qualidade do espaço construído da creche e suas influências no comportamento e desenvolvimento da autonomia em crianças entre 2-6 anos.

Estudo de caso: Creche UFF

Março, 2003

Professor Orientador: Cristiane Rose Duarte

Membro da Banca (Membro Convidado): Vera Maria Ramos de Vasconcellos

Membro da Banca (Sub-Coordenador da Área): Paulo Afonso Rheingantz

A qualidade do espaço construído da creche
e suas influências no comportamento e desenvolvimento
da autonomia em crianças entre 2-6 anos.

Estudo de caso: Creche UFF

por

Fabiana dos Santos Souza

Dissertação submetida ao Colegiado do **PROARQ** – Programa de Mestrado em Arquitetura da **FAU** – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da **UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Arquitetura, sob a orientação da Prof. Dra. Cristiane Rose Duarte e co-orientação do Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz e da Prof. Dra. Vera Maria Ramos de Vasconcellos.

Rio de Janeiro

Março, 2003

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim e que de alguma forma colaboraram para que mais esta etapa fosse vencida.

À Deus, pela força para continuar enfrente, mesmo nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais pelo exemplo, apoio e amor incondicional.

Ao Alexandre pelo amor, compreensão, incentivo e cumplicidade.

À Lela, por guiar meus passos colocando pessoas tão especiais que trouxeram mais suavidade a esta árdua caminhada.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Cristiane Rose DUARTE, minha orientadora, minha eterna gratidão pela confiança, pelo carinho, pela força dada em todos os momentos, e em especial pelas contribuições a este trabalho;

Ao Prof. Paulo Afonso RHEINGANTZ, meu co-orientador, pelos conhecimentos oferecidos, pelo exemplo de disciplina e organização e pelas orientações que tanto me fizeram crescer;

À Prof. Vera Maria Ramos de VASCONCELLOS, por acreditar em meu trabalho, pelo convívio amigável, pelos ensinamentos e pela oportunidade de pesquisar num ambiente tão cativante.

Aos amigos queridos da Creche UFF, participantes ativos nesta caminhada;

À Prof. Mônica PIKANÇO e à Prof. Márcia PINHEIRO, meu carinho e meu muito obrigada por tudo.

Aos professores, funcionários e colegas do PROARQ/UFRJ pela atenção e troca de experiências.

Aos amigos da APC pelo apoio constante em especial à Raquel FARACO, pelas trocas de idéias estimulantes, e à Patrícia MENDES e à Cacau SANTOS, por permitirem minha ausência em momentos tão atribulados. À Daniele ZIDE, meu obrigada pela presença prestativa e acolhedora.

Ao Prof. Jader JANER, pela atenção e pelos conselhos tão valiosos na análise dos mapas comportamentais. À Cláudia SANTANA pelo material cedido. Ao Luis Roberto VALES, por toda a atenção e troca de experiências no período da qualificação.

Aos amigos do Escritório Rogério Mascarenhas Aguiar pelo incentivo a traçar este novo caminho, em especial ao Rogério AGUIAR, ao Klaus CHAVES e ao Ramon CARVALHO, pelos conhecimentos compartilhados.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo avaliar a qualidade do espaço construído da creche e suas influências no comportamento e desenvolvimento da autonomia em crianças entre 2 e 6 anos. Para tanto, este trabalho se baseia em um estudo de caso realizado na Creche UFF, localizada no Campus Gragoatá, em Niterói. Como metodologia de análise, optou-se pela Avaliação Pós-Ocupação, abrangendo os fatores técnicos, funcionais e comportamentais. Através da análise *walkthrough*, procurou-se identificar a situação da creche e seus principais pontos positivos e negativos. Os questionários aplicados aos educadores, bolsistas, funcionários e pais/responsáveis nos mostraram o grau de satisfação destes usuários, enquanto que os desenhos realizados com as crianças indicaram a opinião que estes tinham da creche e quais são seus locais preferidos. Por sua vez, os mapas comportamentais possibilitaram a visualização dos comportamentos mais frequentes, as áreas em que ocorriam e como influenciavam na autonomia das crianças. Ainda foram observados os tipos de arranjos espaciais oferecidos e as interações pessoais que neles se desenvolviam. Os resultados obtidos permitiram a identificação das deficiências do edifício no qual funciona a creche que acabam por interferir no seu bom desempenho e subsidiaram uma série de recomendações que poderiam servir de base para futuras reformas que visem a solução destas questões. Com o presente trabalho, espera-se contribuir para a sensibilização de profissionais envolvidos com creches – seja em seu projeto, seja no seu dia-a-dia de trabalho – para a importância do espaço como “uma eficiente estratégia de ensino” (SANOFF, 1995:2). Por fim, espera-se que esta pesquisa possa incentivar ainda mais o intercâmbio de conhecimentos entre as áreas de Arquitetura, Psicologia e Educação.

ABSTRACT

ÍNDICE

LISTA DAS FIGURAS

LISTA DAS TABELAS

INTRODUÇÃO	01
I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1- Formulação do Problema	09
1.2- Conceitos Fundamentais	10
1.2.1- Avaliação Pós-Ocupação	11
1.2.1.1- Fatores Técnico, Funcional e Comportamental	12
1.2.2- Relação Homem x Ambiente x Comportamento	14
1.2.3- Desenvolvimento e Aprendizado: Interação x Autonomia	15
1.2.4- Arranjos Espaciais	18
II. ESTUDO DE CASO: CRECHE UFF	
2.1- Notas de Terminologia	22
2.2- Evolução das Instituições Educacionais	23
2.3- Caracterização do Objeto de Estudo	26
2.3.1- Histórico da Creche UFF	26
2.3.2- Projeto da Creche UFF	28
2.3.3- Descrição da Creche UFF	29
2.4- Sujeitos da Pesquisa	35
2.4.1- Recorte Social	35
III. MATERIAIS E MÉTODOS	
3.1- Delineamento Metodológico	38
3.2- Análise Walkthrough	41
3.3- Entrevistas	41
3.4- Questionários	44
3.5- Atividades de Desenho com as Crianças	47
3.6- Mapas Comportamentais	49
3.7- Arranjos Espaciais	50
3.8- Limitações	50

IV.	ANÁLISE DOS RESULTADOS	
	4.1- Análise Walkthrough – Avaliação Técnica	53
	4.2- Opiniões Transmitidas através das Entrevistas e Conversas Informais	80
	4.3- Nível de Satisfação dos Usuários através dos Questionários	82
	4.3.1- Principais Impressões dos Respondentes dos Questionários	83
	4.3.2- Quadro Comparativo das Respostas dos Diferentes Usuários	90
	4.4- Análise dos Desenhos das Crianças	119
	4.5- Análise dos Mapas Comportamentais	128
	4.6- Análise dos Arranjos Espaciais	142
	4.7- Análise Geral dos Dados Obtidos	146
	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
	ANEXOS	
	Anexo 01 – Checklist de documentos úteis para APO	
	Anexo 02 – Checklist de fatores técnicos da APO	
	Anexo 03 – Fichas de registro para orientação na análise walkthrough	
	Anexo 04 – Roteiro para entrevistas	
	Anexo 05 – Questionário de Avaliação Pós-Ocupação para usuários	
	Anexo 06 – Carta de autorização aos pais	
	Anexo 07 – Projeto da Creche UFF	
	Anexo 08 – Análise da Creche UFF	
	Anexo 09 – Resultado das fichas de registro	
	Anexo 10 – Resultado dos questionários de APO para usuários	
	Anexo 11 – Resultado dos desenhos das crianças	
	Anexo 12 – Mapas comportamentais	

ÍNDICE DAS FIGURAS

- FIGURA 1 – Entrada da Creche UFF
- FIGURA 2- Vista frontal da Creche UFF
- FIGURA 3 – Sala de atividades 1
- FIGURA 4 – Sala de atividades 1
- FIGURA 5 – Conexão Salas 1 e 2
- FIGURA 6 – Sala de atividades 3
- FIGURA 7 – Sala de atividades 3
- FIGURA 8 – Sala de atividades 2
- FIGURA 9 – Sala de atividades 5 (Berçário 1)
- FIGURA 10 – Sala de atividades 5 (Berçário 1)
- FIGURA 11 – Sala de atividades 6 (Berçário 2)
- FIGURA 12 – Recepção
- FIGURA 13 – Sala de espera
- FIGURA 14 – Circulação
- FIGURA 15 – Circulação
- FIGURA 16 – Detalhe da circulação
- FIGURA 17 – Sala de reunião
- FIGURA 18 – Sala dos bolsistas
- FIGURA 19 – Enfermaria
- FIGURA 20 – Biblioteca
- FIGURA 21 – Sala de artes
- FIGURA 22 – Refeitório
- FIGURA 23 – Pátio interno
- FIGURA 24 – Pátio interno
- FIGURA 25 – Detalhe da parede cobogó e da grade
- FIGURA 26 – Detalhe dos equipamentos
- FIGURA 27 – Detalhe dos equipamentos
- FIGURA 28 – Detalhe da horta
- FIGURA 29 – Turma dos menores desenhando
- FIGURA 30 – Detalhe de uma garota desenhando
- FIGURA 31 – Turma dos maiores mostra os desenhos
- FIGURA 32 – Detalhe de uma garota e seu desenho
- FIGURA 33 – Parede com infiltração
- FIGURA 34 – Laje com sinais de infiltração de águas pluviais
- FIGURA 35 – Clarabóia com revestimento removido
- FIGURA 36 – Laje do banheiro com infiltrações
- FIGURA 37 – Janelas abrindo para o parquinho
- FIGURA 38 – Aberturas insuficientes
- FIGURA 39 – Ambiente com pouca luz natural
- FIGURA 40 – Ambiente com pouca luz natural
- FIGURA 41 – Funcionária retira água da chuva que invade a sala
- FIGURA 42 – A água da chuva entra pela esquadria da porta
- FIGURA 43 – Detalhe da água entrando pela fresta da esquadria
- FIGURA 44 – Piso do banheiro molhado pela chuva

FIGURA 45 – Bancada do banheiro molhada pela chuva
FIGURA 46 – Detalhe das faixas anti-derrapantes nos degraus
FIGURA 47 – Detalhe dos pontos elétricos fora do alcance das crianças
FIGURA 48 – Sala 3 – momento 1
FIGURA 49 – Sala 3 – momento 2
FIGURA 50 – Piso da sala de reuniões
FIGURA 51 – Parede da sala de reuniões
FIGURA 52 – Sala das bolsistas
FIGURA 53 – Esquadria da sala de reuniões
FIGURA 54 – Piso da circulação
FIGURA 55 – Detalhe do piso
FIGURA 56 – Encontro de materiais
FIGURA 57 – Paredes da circulação interna
FIGURA 58 – Detalhe dos equipamentos fixos na parede
FIGURA 59 – Infiltrações na clarabóia
FIGURA 60 – Forro danificado pelas infiltrações
FIGURA 61 – Desprendimento de material
FIGURA 62 – Ambientes com pouca luz natural
FIGURA 63 – Presença de clarabóias, tijolos vazados e luminárias fluorescentes
FIGURA 64 – Circulação em dias de chuva
FIGURA 65 – Circulação do descanso em dias de chuva
FIGURA 66 – Detalhe das goteiras na entrada da creche
FIGURA 67 – Porta de acesso à creche
FIGURA 68 – Detalhe do extintor de incêndio
FIGURA 69 – Circulação como descanso – Momento 1
FIGURA 70 – Circulação como descanso – Momento 2
FIGURA 71 – Detalhe do piso da sala de artes
FIGURA 72 – Divisória pintada pelas crianças
FIGURA 73 – Detalhe da janela tipo bascula
FIGURA 74 – Detalhe da janela de correr
FIGURA 75 – Ambiente bem iluminado
FIGURA 76 – Infiltração de água pela fresta na divisória
FIGURA 77 – Detalhe da poça d'água
FIGURA 78 – Detalhe do extintor de incêndio
FIGURA 79 – Porta de entrada da sala de artes
FIGURA 80 – Detalhe do interior da sala de artes
FIGURA 81 – Detalhe do piso do refeitório
FIGURA 82 – Porta do refeitório
FIGURA 83 – Detalhe da parede do refeitório
FIGURA 84 – Detalhe do gesso trincado
FIGURA 85 – Detalhe de manchas no teto
FIGURA 86 – Clarabóia permite entrada de luz natural
FIGURA 87 – Detalhe do estado de conservação da clarabóia
FIGURA 88 – Presença de goteiras em dias de chuva
FIGURA 89 – Detalhe do piso molhado
FIGURA 90 – Detalhe da água da chuva entrando pela abertura da clarabóia
FIGURA 91 – Presença de umidade na laje

FIGURA 92 – Presença de umidade na laje
FIGURA 93 – Detalhe da água escorrendo
FIGURA 94 – Detalhe do extintor de incêndio
FIGURA 95 – Detalhe circulação das crianças
FIGURA 96 – Detalhe do piso da área descoberta
FIGURA 97 – Detalhe do piso da área descoberta
FIGURA 98 – Detalhe do piso da área coberta
FIGURA 99 – Estado de conservação do ralo
FIGURA 100 – Manchas nas paredes
FIGURA 101 – Manchas nas paredes
FIGURA 102 – Sinais de ferrugem
FIGURA 103 – Manchas no teto
FIGURA 104 – Porta com sinais de ferrugem
FIGURA 105 – Detalhe do caimento de água
FIGURA 106 – Detalhe do piso molhado
FIGURA 107 – Detalhe do piso molhado
FIGURA 108 – Turma dos menores – Momento 1
FIGURA 109 – Turma dos menores – Momento 2
FIGURA 110 – Turma dos maiores – Momento 1
FIGURA 111 – Turma dos maiores – Momento 2
FIGURA 112 – Detalhe da faixa cimentada e da área gramada
FIGURA 113 – Detalhe do fechamento do pátio externo
FIGURA 114 – Detalhe das infiltrações na fachada
FIGURA 115 – Sinais de manchas na fachada
FIGURA 116 – Equipamentos do pátio externo
FIGURA 117 – Detalhe do brinquedo de escorregar
FIGURA 118 – Crianças no balanço
FIGURA 119 – Crianças no escorregador
FIGURA 120 – Crianças participando de atividade proposta pela educadora
FIGURA 121 – Crianças disputando uma corrida estimulados pela educadora
FIGURA 122 – Crianças cuidando da horta
FIGURA 123 – Crianças brincando no chuveirão
FIGURA 124 – Logomarca da Creche UFF
FIGURA 125 – Número de questionários respondidos
FIGURA 126 – Gráfico referente à localização da creche
FIGURA 127 – Gráfico referente à creche em geral
FIGURA 128 – Gráfico referente às salas de atividades
FIGURA 129 – Gráfico referente aos sanitários
FIGURA 130 – Gráfico referente ao refeitório
FIGURA 131 – Gráfico referente ao setor administrativo
FIGURA 132 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações
FIGURA 133 – Gráfico referente à entrada da creche
FIGURA 133 – Gráfico referente à entrada da creche
FIGURA 134 – Gráfico referente ao pátio externo
FIGURA 135 – Gráfico referente ao pátio interno
FIGURA 136 – Gráfico referente à qualidade dos materiais usados na creche
FIGURA 137 – Gráfico referente à localização da creche segundo o grupo dos pais

FIGURA 138 – Gráfico referente à localização da creche segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 139 – Gráfico referente à localização da creche segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 140 – Gráfico referente à localização da creche segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 141 – Gráfico referente à creche em geral segundo o grupo dos pais
 FIGURA 142 – Gráfico referente à creche em geral segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 143 – Gráfico referente à creche em geral segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 144 – Gráfico referente à creche em geral segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 145 – Gráfico referente à sala de atividades segundo o grupo dos pais
 FIGURA 146 – Gráfico referente à sala de atividades segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 147 – Gráfico referente à sala de atividades segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 148 – Gráfico referente à sala de atividades segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 149 – Gráfico referente ao sanitários segundo o grupo dos pais
 FIGURA 150 – Gráfico referente ao sanitários segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 151 – Gráfico referente ao sanitários segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 152 – Gráfico referente ao sanitários segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 153 – Gráfico referente ao refeitório segundo o grupo dos pais
 FIGURA 154 – Gráfico referente ao refeitório segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 155 – Gráfico referente ao refeitório segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 156 – Gráfico referente ao refeitório segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 157 – Gráfico referente ao setor administrativo segundo o grupo dos pais
 FIGURA 158 – Gráfico referente ao setor administrativo segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 159 – Gráfico referente ao setor administrativo segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 160 – Gráfico referente ao setor administrativo segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 161 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações segundo o grupo dos pais
 FIGURA 162 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 163 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 164 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 165 – Gráfico referente à entrada segundo o grupo dos pais
 FIGURA 166 – Gráfico referente à entrada segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 167 – Gráfico referente à entrada segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 168 – Gráfico referente à entrada segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 169 – Gráfico referente ao pátio externo segundo o grupo dos pais
 FIGURA 170 – Gráfico referente ao pátio externo segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 171 – Gráfico referente ao pátio externo segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 172 – Gráfico referente ao pátio externo segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 173 – Gráfico referente ao pátio interno segundo o grupo dos pais
 FIGURA 174 – Gráfico referente ao pátio interno segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 175 – Gráfico referente ao pátio interno segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 176 – Gráfico referente ao pátio interno segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 177 – Gráfico referente a qualidade dos materiais usados segundo o grupo dos pais
 FIGURA 178 – Gráfico referente a qualidade dos materiais usados segundo o grupo dos educadores
 FIGURA 179 – Gráfico referente a qualidade dos materiais usados segundo o grupo dos bolsistas
 FIGURA 180 – Gráfico referente a qualidade dos materiais usados segundo o grupo dos funcionários
 FIGURA 181 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 1
 FIGURA 182 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 2

FIGURA 183 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 3
FIGURA 184 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 4
FIGURA 185 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 5
FIGURA 186 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 6
FIGURA 187 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 7
FIGURA 188 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 8
FIGURA 189 – Atividade 1 – Turma dos menores – Desenho 1
FIGURA 190 – Atividade 1 – Turma dos menores – Desenho 2
FIGURA 191 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 1
FIGURA 192 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 2
FIGURA 193 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 3
FIGURA 194 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 4
FIGURA 195 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 5
FIGURA 196 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 6
FIGURA 197 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 7
FIGURA 198 – Menina pegando seus objetos na prateleira
FIGURA 199 – Crianças interagindo enquanto escovam os dentes
FIGURA 200 – Garotos conversam sobre seus materiais de higiene pessoal
FIGURA 201 – Crianças escovando os dentes
FIGURA 202 – Os menores se preparam para assistir a um vídeo respeitando o espaço estruturado pela educadora
FIGURA 203 – Crianças se distraem com a entrada de um pássaro
FIGURA 204 – Os maiores fazem bagunça e não cooperam com a bolsista que propõe uma atividade
FIGURA 205 – Garotos correm pelo corredor principal agitados pelo calor
FIGURA 206 – Crianças trocam idéias enquanto participam de atividade proposta pelo educador
FIGURA 207 – Menina levanta-se para buscar material extra nas prateleiras
FIGURA 208 – Meninas desenham e conversam com a bolsista
FIGURA 209 – Garoto vai até a pia lavar as mãos
FIGURA 210 – Enfermeira auxilia as crianças na tarefa
FIGURA 211 – Garoto concentrado na atividade
FIGURA 212 – Bolsista estimulam as crianças durante a atividade de colagem
FIGURA 213 – Professora ensina o que fazer ao garoto
FIGURA 214 – Turma dos menores no refeitório
FIGURA 215 – Turma dos maiores no refeitório
FIGURA 216 – Crianças conversam enquanto comem a sobremesa - melancia
FIGURA 217 – Garoto abaixa para pegar seu brinquedo que o acompanhou durante a refeição
FIGURA 218 – Bolsista circulando pelo refeitório
FIGURA 219 – Crianças pegam água no bebedouro
FIGURA 220 – Depois de lancharem crianças dispersam
FIGURA 221 – Meninos brincando nos velocípedes
FIGURA 222 – Meninas brincando próximo às educadoras
FIGURA 223 – Turma dos maiores no pátio interno
FIGURA 224 – Turma dos maiores no pátio interno
FIGURA 225 – Crianças na gangorra
FIGURA 226 – Crianças no escorregador
FIGURA 227 – Crianças no chuveirão
FIGURA 228 – Crianças interagindo

FIGURA 229 – Crianças da turma dos mais velhos brincando próximas aos brinquedos

FIGURA 230 – Crianças da turma dos mais novos brincando próximas aos brinquedos

FIGURA 231 – Educadora propõe à turma dos mais novos uma corrida na área não-estruturada

FIGURA 232 – Educadora propõe à turma dos mais novos uma corrida na área não-estruturada

FIGURA 233 – A turma dos mais novos brincando na área não-estruturada com a educadora

FIGURA 234 – Garotinho brincando com o túnel sob olhar da educadora

FIGURA 235 – Grupo de meninas tocam idéias sobre a atividade na sala

FIGURA 236 – O mesmo grupo de meninas interagindo durante uma atividade no pátio interno

FIGURA 237 – Grupo dos maiores trocam idéias durante atividade na sala de artes

FIGURA 238 – Grupo dos menores é estimulado pelas educadoras enquanto participam da atividade

ÍNDICE DAS TABELAS

- TABELA 1 – Relação dos questionários distribuídos e devolvidos
- TABELA 2 – Frequência de questionários respondidos
- TABELA 3 – Localização da creche segundo os pais
- TABELA 4 – Localização da creche segundo os educadores
- TABELA 5 – Localização da creche segundo os bolsistas
- TABELA 6 – Localização da creche segundo os funcionários
- TABELA 7 – Creche em geral segundo os pais
- TABELA 8 – Creche em geral segundo os educadores
- TABELA 9 – Creche em geral segundo os bolsistas
- TABELA 10 – Creche em geral segundo os funcionários
- TABELA 11 – Sala de atividades segundo os pais
- TABELA 12 – Sala de atividades segundo os educadores
- TABELA 13 – Sala de atividades segundo os bolsistas
- TABELA 14 – Sala de atividades segundo os funcionários
- TABELA 15 – Sanitários segundo os pais
- TABELA 16 – Sanitários segundo os educadores
- TABELA 17 – Sanitários segundo os bolsistas
- TABELA 18 – Sanitários segundo os funcionários
- TABELA 19 – Refeitório segundo os pais
- TABELA 20 – Refeitório segundo os educadores
- TABELA 21 – Refeitório segundo os bolsistas
- TABELA 22 – Refeitório segundo os funcionários
- TABELA 23 – Setor administrativo segundo os pais
- TABELA 24 – Setor administrativo segundo os educadores
- TABELA 25 – Setor administrativo segundo os bolsistas
- TABELA 26 – Setor administrativo segundo os funcionários
- TABELA 27 – Espaços livres e circulações segundo os pais
- TABELA 28 – Espaços livres e circulações segundo os educadores
- TABELA 29 – Espaços livres e circulações segundo os bolsistas
- TABELA 30 – Espaços livres e circulações segundo os funcionários
- TABELA 31 – Entrada segundo os pais
- TABELA 33 – Entrada segundo os bolsistas
- TABELA 34 – Entrada segundo os funcionários
- TABELA 35 – Pátio externo segundo os pais
- TABELA 36 – Pátio externo segundo os educadores
- TABELA 37 – Pátio externo segundo os bolsistas
- TABELA 38 – Pátio externo segundo os funcionários
- TABELA 39 – Pátio interno segundo os pais
- TABELA 40 – Pátio interno segundo os educadores
- TABELA 41 – Pátio interno segundo os bolsistas
- TABELA 42 – Pátio interno segundo os funcionários
- TABELA 43 – Qualidade dos materiais usados segundo os pais
- TABELA 44 – Qualidade dos materiais usados segundo os educadores
- TABELA 45 – Qualidade dos materiais usados segundo os bolsistas
- TABELA 46 – Qualidade dos materiais usados segundo os funcionários

INTRODUÇÃO

“Com ou sem filosofia consciente ou reconhecimento explícito do fato, os projetistas estão dando forma às pessoas, bem como aos edifícios” (SOMMER, 1973)

O trabalho “A qualidade do espaço construído da creche e suas influências no comportamento e desenvolvimento da autonomia em crianças entre 2-6 anos. Estudo de caso: Creche UFF” iniciou-se com o interesse pela relação entre o homem e seu ambiente construído. Nesta relação, percebemos que o homem modifica a natureza em busca da satisfação de suas necessidades, sejam elas físicas, sociais ou emocionais. Podemos dizer que o homem, cada vez mais, despende seu tempo dentro de edificações. O ambiente construído, que a princípio tinha sua função ligada ao abrigo, apresenta-se como responsável por uma infinidade de atividades ainda mais complexas. Segundo ORNSTEIN, as edificações passam a abranger “todo um modo de vida que se renova com as próprias condições geradas nesse ambiente construído, e em contínua transformação, face às necessidades do homem-usuário contemporâneo.” (ORNSTEIN, 1995:27). Tudo isso se deu especialmente depois da Revolução Industrial.

Esta pesquisa surge, assim, de inquietações de como tornar as edificações espaços que satisfaçam às necessidades da maioria que as vivenciam. LIMA (1989), parece compartilhar destas inquietações ao mostrar-se preocupada com a tirania do desenho dos espaços coletivos cujos profissionais responsáveis pela elaboração do projeto consideram-se capazes de interpretar os anseios dos usuários, sem tê-los antes consultado, gerando, assim, “um processo de redução dos espaços: redução cultural, redução de áreas, redução de material” (LIMA, 1989:10). Tal fato é verificado pela autora na padronização das escolas.

Henry Sanoff (1995, 2000, 2002a e 2002b), assim como LIMA, mostra-se preocupado com a questão do usuário. Em seus livros, o arquiteto defende a importância da participação dos usuários no processo de projetar e relata suas experiências positivas conquistadas através da sua metodologia de trabalho que visa reconhecer as expectativas e anseios dos usuários através deste desenvolvimento conjunto.

Robert SOMMER também demonstra preocupação com a qualidade das edificação ao escrever sobre a *Conscientização do design* (1987). Ele acredita que uma das causas de não ser comum a avaliação de uma edificação em uso esteja ligada a questões de ética e de ego, já que pela ética um arquiteto não deve tecer comentários que depreciem o trabalho de colegas. Para tanto, o psicólogo chega até a fazer sugestões do tipo: manter em sigilo a identidade do arquiteto – como ocorre em pesquisas do campo da ciência social, em que preserva-se a identidade do entrevistado. SOMMER frisa ainda que a responsabilidade do sucesso ou fracasso nem sempre se deve ao arquiteto, uma vez que na maior parte dos projetos, deve-se seguir um edital, questões sócio-econômicas ou mesmo o desejo de um cliente. O autor acredita ser importante a criação de um banco de dados, criado a partir destas avaliações, para que qualquer arquiteto possa ter acesso à pesquisa de modo a projetar de forma mais eficaz. Para tanto, sugere que este hábito comece por edificações mais comuns – no sentido de atender a um público maior, não-especializado, como é o caso de escolas, parques e hospitais.

Na busca por um método possível de avaliar o ambiente construído deparamo-nos com a Avaliação Pós-Ocupação (APO). O primeiro contato com a APO veio por intermédio de artigos e da tese de doutorado de Paulo Afonso RHEINGANTZ (2000) intitulada *Aplicação do Modelo de Análise Hierárquica Coppetec-Cosenza na Avaliação do Desempenho de Edifício de Escritório*. Por sua influência, outros grandes nomes da APO foram-nos introduzidos. Reconhecemos nesta metodologia uma possível forma de analisar os pontos negativos e positivos de uma edificação de modo a gerar elaborações que possam ser utilizadas também em futuros projetos.

Diante de tais considerações, fomos levados a estudar o assunto escola assim como seus usuários, interessando-nos principalmente pelas instituições e educação infantil. Tornou-se necessário, assim, um aprofundamento do estudo do comportamento do usuário em questão – a criança. Nesta etapa, foi trabalhada uma bibliografia voltada para a Psicologia e Educação com trabalhos de PIAGET e VYGOTSKY.

Nasceu, assim, o desejo enorme de compreender de que maneira a Arquitetura, aliada à Psicologia e a Educação, poderia ser trabalhada de forma a criar ambientes mais agradáveis para as crianças, propiciando-lhes melhores condições de desenvolvimento na primeira infância. Neste sentido, temos como objetivo principal a análise do papel do ambiente

construído da creche no desenvolvimento das crianças. Esta pesquisa, buscou então temáticas interdisciplinares com a finalidade de ampliar de forma mais prudente a bibliografia voltada às influências do espaço das instituições no desenvolvimento infantil. Buscando um olhar sob a ótica da arquitetura, estudamos os trabalhos de SANOFF (2002a e 2002b), ORNSTEIN et al. (1995), AZEVEDO & BASTOS (2002), FEDRIZZI (2002) e HORNE (2002).

Para averiguar nossas suposições precisaríamos de um objeto de estudo. Dentre as instituições visitadas, optamos pela Creche UFF já que esta, além de ter sido projetada por uma arquiteta especialmente para este fim – creche -, tem como princípio servir de base para estudos que visem o bem-estar das crianças¹. Selecionamos, ainda, como metodologia para averiguação da qualidade de seus espaços, a Avaliação Pós-Ocupação. A escolha desta metodologia deve-se ao fato de acreditarmos que a APO, ao considerar em sua análise não apenas a visão do pesquisador/investigador mas também o olhar dos usuário, vai de encontro com as inquietações que deram origem a nossa pesquisa. No entanto, reconhecendo que as crianças pequenas possuem um grande leque de comunicação não-verbal, optamos por também trabalhar com métodos qualitativos, com base em observações participativas e observações de campo, inspirados em metodologias oriundas das áreas voltadas para as ciências humanas (como a Psicologia), acreditando que, desta forma, estaremos complementando a APO para a identificação do nível de satisfação de usuários nesta faixa etária.

Pretendemos, assim, através do estudo de caso, identificar os diferentes arranjos espaciais, tanto externos quanto internos, e as diferentes interações que estes promovem, com a finalidade de compreender como se dá esta relação bidirecional ambiente-usuário em ambientes educacionais voltados para crianças pequenas. É importante salientar que, mesmo sendo conhecida e divulgada a relevância de estudos envolvendo o usuário e seu ambiente (SANOFF 2000 e 2002, DEL RIO 1998a e 1999, ORNSTEIN 1995, RHEINGANTZ 1995, SOMMER 1983, etc.), restritos ainda são os relatos de arquitetos envolvendo trabalhos relevantes que tratam da interação criança pequena x espaço². Nesta

¹ Maiores detalhes serão explorados nos capítulos que se seguem.

² No campo da Psicologia, podemos destacar os trabalhos de Robert SOMMER, que têm relatado a relação da criança com o seu meio, bem como os de Alain LEGENDRE (1983, 1986 e 1987), na França e Mara Ignez CAMPO-DE-CARVALHO (1994 e 1998), Cláudia SANTANA (2000) e Vera VASCONCELLOS

mesma linha de pensamento, podemos dizer que, apesar de ser conhecida a importância da organização espacial dos ambientes educacionais, percebe-se que em muitos casos esta preocupação não é efetivamente rebatida nos espaços das instituições educacionais (SANOFF 2002b, AZEVEDO & BASTOS 2002). Segundo AZEVEDO & BASTOS,

“o questionamento sobre a qualidade de vida no ambiente construído vem sendo sustentado por pesquisas na área da arquitetura e da psicologia ambiental, revelando a necessidade de um olhar mais atento às relações pessoa-ambiente. Porém ainda há uma lacuna entre essa crescente reflexão e a realidade revelada pela produção da arquitetura escolar, apesar do tema ser fonte de permanente discussão e controvérsia” (AZEVEDO & BASTOS, 2002:154).

Ainda segundo a autora, nosso país é palco de práticas projetuais convencionais que visam alcançar o maior número de salas de aula sem a preocupação com a satisfação de seus usuários. A maioria das instituições escolares, principalmente as da rede pública, é tratada de forma reducionista, o que acaba por diminuir também a possibilidade da criança/aluno experimentar³ e desenvolver-se no seu ambiente educacional.

SOMMER demonstra este interesse por experimentar os espaços e afirma que,

“na extensa literatura sobre qualidade ambiental, poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experimentar (sensório-motor, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos – muitas vezes ambivalentes” (SOMMER, 1973:7)

Através da revisão bibliográfica, notamos que, em alguns casos, não é dado à criança a possibilidade de apropriar-se da sala de aula, seja com desenhos, seja com objetos pessoais (LIMA, 1989). Neste sentido, acreditamos ser possível avaliar a possibilidade de um melhor planejamento da disposição do arranjo espacial, visando uma maior apropriação por parte das crianças e uma conseqüente qualificação do espaço da sala de aula que passam a condição de *ambiente*⁴, segundo LIMA, e *lugar*⁵, conforme TUAN.

(2002), influenciados por ele no Brasil, com estudos a respeito dos reflexos dos espaços educacionais no comportamento infantil.

³ “Experimentar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele.” (SOMMER, 1973:10)

⁴ Para Mayumi LIMA, “O ambiente significa a fusão da atmosfera, e se define na relação que os homens estabelecem entre si, ou do homem consigo mesmo, com o espaço construído ou organizado” (1989:14).

⁵ “Na experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983:6).

Vale frisar aqui a importância da apropriação do espaço por parte do homem e do animal. Pesquisadores como FISHER e SOMMER desenvolveram estudos a respeito desta apropriação. FISCHER descreve o conceito de território que poderia ser traduzido como “o uso que fazemos dos lugares segundo os significados psicológicos e culturais que lhe conferem quadros sociais.” (FISCHER, 1994:23). Tal conceito estaria intimamente ligado a uma necessidade do indivíduo de personalização do lugar através de marcações e elementos de apropriação que possibilite demonstrar que se é o ocupante de determinado espaço. Para SANOFF (2002b), a “personalização dos espaços” é um objetivo importante a ser atingido nos projetos, já que considera que os alunos tem necessidade de ter uma elo de ligação com o ambiente escolar.

Sensíveis a atual situação das creches e pré-escolas, que se encontram em muitos casos instaladas em edificações pré-existentes, e desejosos de contribuir com o desenvolvimento infantil, optamos, então, em focar nossa análise privilegiando a questão da autonomia – considerada significativa para o novo quadro da Educação⁶. Fundamentada nestes dados, a pesquisa voltou-se para a investigação das diferentes possibilidades de interação, seja adulto-criança, seja criança-criança, nos diferentes espaços da creche, potencializada ou inibida pela composição do espaço e da disposição do mobiliário, com o intuito de identificar suas conseqüências no desenvolvimento do senso de autonomia das crianças de 2 a 6 anos.

Esperamos que, através da reflexão das teorias acima mencionadas e na investigação do estudo de caso, seja possível a elaboração de um relatório de descobertas e recomendações em que sejam propostos subsídios para avaliação de edifícios educacionais, contribuindo desta forma com um arquivo que possa ser consultado em projetos semelhantes. É nosso desejo uma contribuição de ordem metodológica na medida em que averiguamos a validade de se aplicar uma APO em crianças pequenas auxiliada por outros fundamentos oriundos de áreas como Psicologia e Antropologia – arranjos espaciais e investigação de dados comportamentais e culturais dos usuários. Acreditamos ainda que este estudo possa ser usado para auxiliar na tomada de consciência dos educadores sobre o potencial dos espaços educacionais.

⁶ “As recentes mudanças na legislação brasileira referente à Educação Infantil indicam a autonomia como um dos principais objetivos educacionais”(DIAS & VASCONCELLOS, 1999:9)

Finalmente, buscamos, através deste estudo, reforçar o compromisso social do arquiteto evitando o descaso com seus projetos após finalizada a edificação. Acreditamos que nós, arquitetos, deveríamos nos preocupar sempre com as obras colocadas em uso, considerando que só temos a ganhar quando experienciar/vivenciar a arquitetura como “um fechamento cultural, e não apenas um fechamento físico”(WIGLEY, in RHEINGANTZ, 2000:xxiii).

Vale, no entanto, aqui retomar o pensamento de SOMMER e frisar que nem sempre o sucesso ou o fracasso das edificações estão nas mãos dos arquitetos já que estes dependem de fatores externos tais como: editais, situação sócio-econômica e desejos de clientes.

A presente pesquisa foi dividida em 5 capítulos, esquematizados de forma a possibilitar um melhor desenvolvimento das questões abordadas.

O Capítulo 1, *Fundamentação Teórica*, que se inicia com um breve relato sobre a situação atual das instituições educacionais a fim de demonstrar a importância deste estudo em averiguar a qualidade dos espaços da Creche UFF e suas influências no desenvolvimento infantil tanto para o campo da Arquitetura, quanto da Psicologia e Educação. Para melhor compreensão do trabalho, apresentamos também suas bases teóricas que englobam os conceitos básicos de Avaliação Pós-Ocupação – metodologia de trabalho – e as reflexões a respeito da relação homem x ambiente x comportamento e percepção ambiental – já que acreditamos que a APO, sendo uma metodologia de aferição do ambiente construído, seja um tema referente às relações entre o mesmo e o comportamento humano. Além disso, são expostos conceitos relativos aos arranjos espaciais – visto que serão trabalhados em conjunto a APO, de forma a auxiliar na produção e interpretação de dados e observações –, assim como referentes a autonomia x interação – uma vez que, nosso enfoque está voltado para o impacto do ambiente no desenvolvimento da autonomia das crianças.

No Capítulo 2, *Estudo de Caso: Creche UFF*, apresentamos, inicialmente, uma reflexão a respeito das instituições educacionais a partir da qual procura-se, ao mostrar um breve relato de seu histórico, reconhecer seu papel ao longo do tempo. Em seguida, caracterizamos nosso objeto de estudo – a Creche UFF, seu histórico, descrição e filosofia

- e dos sujeitos que dela participam – apesar do foco na criança de 2-6 anos, teremos ainda os educadores, colaboradores e pais como personagens coadjuvantes.

Iniciamos o Capítulo 3, *Materiais e Métodos*, introduzindo a metodologia adotada em nosso estudo. Em seguida, apresentamos a descrição dos instrumentos usados na produção e coleta dos dados – análise *walkthrough*, entrevistas, questionários, desenhos com as crianças, mapas comportamentais e análise dos arranjos espaciais.

A parte empírica da pesquisa encontra-se narrada no Capítulo 4, *Análise dos Resultados*, onde descrevemos detalhadamente os procedimentos aplicados na avaliação dos dados obtidos bem como a descrição dos resultados encontrados. A exposição deste material visa expor todas as informações encontradas para uma melhor visualização da aplicação da metodologia elaborada e compreensão dos resultados.

Por fim, apontamos as conclusões sugeridas pela pesquisa de campo junto a recomendações e sugestões para correções de possíveis falhas, quer na edificação, quer na disposição do mobiliário, de modo a elaborar um arquivo de dados que possa ser acionado por outros estudiosos e/ou pesquisadores das áreas de Arquitetura, Psicologia e Educação⁷, esperando poder colaborar, assim, sob um olhar de formação arquitetônica, com a bibliografia relativa às influências do espaço da creche no comportamento das crianças.

⁷ SANOFF (1995:2) acredita que “a organização espacial pode ser uma eficiente estratégia de ensino”.

1 – FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

“O homem jamais teria construído um boeing se não tivesse sonhado ser um pássaro na infância.”
(DAMAZIO,1988)

1.1 – FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

ORNSTEIN acredita que o Brasil, nos últimos tempos tem sido palco de edificações cujo controle da qualidade tem sido pouco considerado, gerando produtos insatisfatórios, o que implicam na redução da vida útil do espaço construído e, conseqüentemente, “deteriora as relações humanas” nestes ambientes (ORNSTEIN & ROMÉRO, 1992:11). Tal constatação demonstra o quão é relevante que o planejador e o arquiteto, conheçam profundamente o comportamento do homem.

No entanto, não é tarefa fácil trabalhar de forma a se promover a satisfação dos usuários de uma determinada edificação. A tarefa parece ainda mais árdua quando se trata de instituições desenvolvidas para acolher crianças as quais, ao representarem nossos cidadãos do futuro, devem receber a devida consideração. Neste sentido, devemos pensar em lhes propiciar um ambiente saudável, onde possam desenvolver-se o mais plenamente possível, preparando-os para “o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”⁸.

Sabemos que a princípio as crianças eram criadas e educadas dentro do ambiente familiar. No entanto, como advento da Revolução Industrial, com sua influência na situação sócio-econômica das sociedades ocidentais, muitas mães tiveram, para trabalhar, que partilhar seus postos de educadoras. Esta transformação do cotidiano social acarretou o problema de com quem deixar as crianças, implicando no surgimento da necessidade de se criar um espaço para guardar as crianças e mantê-las saudáveis, principalmente porque, neste período, a mortalidade infantil ainda apresentava um alto índice. É da tentativa de lidar com esta situação que nascem as primeiras instituições responsáveis pelo desenvolvimento infantil fora do seio familiar.

Podemos afirmar que as instituições educacionais de hoje são conseqüência de sua história⁹ e que o estado atual presencia uma política de “padronização” que parece mais preocupada

⁸ Função da família e do Estado segundo a LDB, Lei 9394/96 Art. 2º.

⁹ Cf. subcapítulo 1.4 – Instituições Educacionais para maiores detalhes

em oferecer vagas a crianças em escolas públicas do que lhes oferecer um espaço de qualidade junto a uma boa base educacional.

Através das visitas realizadas a algumas instituições de educação infantil, pudemos perceber que grande parte delas são adaptadas a construções já existentes, sem uma preocupação com a concepção de um projeto que possa enriquecer as interações adulto-criança e criança-criança. Arriscaríamos afirmar que tal evidência pode ser constatada na grande maioria dessas instituições em todo país.

Acreditamos que a situação atual em que se encontram as instituições educacionais não tira partido das potencialidades proporcionadas pelo espaço físico de suas edificações de modo a colaborar com o desenvolvimento infantil. Baseadas na bibliografia consultada neste estudo poderíamos dizer que, se bem aproveitados, os espaços podem colaborar com o desenvolvimento da autonomia de crianças entre 2-6 anos na medida em que facilitem a interação entre elas. SANOFF acredita que “a menos que os professores compreendam porque a organização de um ambiente pode ser superior a outra, todos os arranjos físicos no mundo irão ter pequeno ou nenhum impacto na natureza do processo de aprendizado na sala de aula”¹⁰ (SANOFF, 2002b:21).

Neste sentido, consideramos que o presente estudo pode colaborar com a Educação na medida em que, apresentando resultados de uma experiência científica, possa servir de base para tomada de consciência por parte de educadores da importância dos espaços e dos arranjos espaciais oferecidos pelas creches e pré-escolas para que, assim, estes possam melhor tirar partido deles. Nossa contribuição se estende ainda aos arquitetos pois, além de sensibilizá-los com os problemas advindos de um planejamento de uma instituição educacional sem que se leve em conta as opiniões dos usuários, esperamos averiguar como métodos oriundos da Psicologia podem auxiliar na aplicação de uma APO em usuários-crianças.

1.2 – CONCEITOS FUNDAMENTAIS

De acordo com Guido FRANCESCATO (1989), um pesquisador que tenha como objetivos quer sejam projetar ambientes satisfatórios, quer sejam desenvolver técnicas

¹⁰ tradução da autora

apropriadas compreendendo seus métodos e limitações, tem que necessariamente ter um bom embasamento teórico. Seguindo a afirmação do autor de que, “em qualquer campo, avanços são impossíveis na ausência de teoria.” (FRANCESCATO, 1989:181), optamos por aqui expor conceitos e teorias que consideramos importantes para o bom desenvolvimento da pesquisa.

1.2.1 – AVALIAÇÃO POS-OCUPAÇÃO

Neste subcapítulo, apresentaremos uma breve exposição sobre Avaliação Pós-Ocupação (APO) por considerá-la uma metodologia que vai de encontro às nossas preocupações com a visão do usuário. Entretanto, ressaltamos que, na presente pesquisa, tal metodologia será trabalhada em conjunto com metodologias advindas das áreas da Psicologia. Esta opção em trabalhar diferentes métodos conjuntamente, deve-se ao fato de acreditarmos que as crianças na faixa etária que desejamos analisar expressam-se também de modo não-verbal e, sendo assim, os desenhos com as crianças, os mapas comportamentais e os estudos de arranjos espaciais poderiam nos auxiliar na análise e interpretação de dados e observações.

A APO, como o próprio nome indica, é um processo de análise de edifícios após um período de sua construção e ocupação, de forma rigorosa e sistemática (PREISER et al. 1988). Diferencia-se das demais metodologias, ligadas à avaliação de desempenho de um edifício, por priorizar elementos como uso, operação e manutenção, através da visão dos seus usuários. Este foco no usuário e suas necessidades permite a formulação de idéias sobre as conseqüências do projeto e o desempenho da edificação. Estes dados podem então ser usados de modo a melhorar a qualidade de vida dos usuários de um espaço, bem como criar um arquivo cujas informações sejam utilizadas de modo a produzir conhecimento sobre o ambiente e as relações de comportamento que nele se desenvolvem (ORNSTEIN & ROMÉRO, 1992).

BECKER (1989) acredita que, apesar de a APO vir sendo desenvolvida há algumas décadas, na verdade, de alguma forma, ela ocorre inconscientemente desde que as pessoas começaram a ocupar as edificações. Segundo este autor a APO serve de ponte entre os cientistas sociais e os profissionais ligados ao projeto.

Observa-se, então, que a APO, ao fazer uma análise que leva em conta as expectativas do projeto e a satisfação de seus usuários, torna-se um condicionante para a manutenção da

qualidade do ambiente construído, já que possibilita a otimização funcional do edifício, melhorando, assim, a vivência em seus espaços. Esta visão inovadora proposta pela APO torna possível a abordagem de questões nunca antes pensadas. Nela os usuários são peças-chaves da análise (CHIMENTI, 2000:6).

1.2.1.1 – FATORES TÉCNICO, FUNCIONAL E COMPORTAMENTAL

Fatores Técnicos

Segundo PREISER et al., os “elementos técnicos podem ser caracterizados como *background* do ambiente” (PREISER et al. 1988:40), ou seja, a base para as atividades que ocorrem no ambiente construído. Desta forma, os fatores técnicos englobam aspectos ligados à saúde, segurança, estrutura, ventilação, acústica e durabilidade, avaliando o desempenho de coberturas, vedações, acabamentos, iluminação, acústica, forros, drenagem de águas pluviais, impermeabilização e instalações em geral. ORNSTEIN acredita que

“o termo técnico é adotado para distinguir os pontos de vista, observações e medidas realizadas pelos pesquisadores/avaliadores daqueles resultantes das entrevistas, aplicações de questionários e outros métodos mais voltados para variáveis psico-comportamentais, objeto de avaliação via respostas, sensações, percepções e/ou julgamento de valores dos usuários” (ORNSTEIN & ROMERO, 1992:56)

Cabe aqui dizer que estes fatores podem ser medidos através de instrumentos seguindo uma estrutura organizada para auxiliar no cumprimento da tarefa. Segundo Harvey RABINOWITZ(1984) é justamente esta facilidade em se avaliar o desempenho através de instrumentos, gerando dados mais objetivos, que faz com que o fator técnico seja o mais utilizado na avaliação de desempenho. Este autor acredita ainda, que a área da avaliação técnica seja mais importante na medida em que os edifícios podem ter sua utilidade diminuída, assim como se tornarem perigosos, se mal projetados. Nossa pesquisa, ao contrário, procura dar ênfase no fator comportamental já que acreditamos que os ambientes refletem no comportamento facilitando ou inibindo as interações entre as crianças – interações estas importantes para o desenvolvimento da autonomia. Segundo ORNSTEIN et al. (1995), a avaliação técnica é usada, principalmente, quando os problemas podem ser observados já nas primeira visitas ao ambiente e seus resultados devem ser confrontados com normas e diretrizes da literatura técnica para que as decisões sejam tomadas de forma acertada.

Fatores Funcionais

São os fatores funcionais os responsáveis por dar suporte às atividades que ocorrem nas edificações (PREISER et al. 1988 e RABINOWITZ 1984) e, portanto, devem ser sensíveis às necessidades de seus usuários. Sob esta ótica, as considerações funcionais também fazem parte dos elementos que garantem o sucesso de uma edificação, pois um erro de projeto pode resultar em inibição de certas funções e, conseqüentemente, em perda financeira. Assim, uma edificação de qualidade permite que seus usuários a utilizem de forma efetiva e eficiente. Nesta avaliação, estudam-se as interligações das áreas dos edifícios, preocupando-se também com a segurança, flexibilidade de uso, comunicação e capacidade espacial. Apesar deste fator ser considerado em vários projetos, não é utilizado da melhor forma, valendo-se das pesquisas e avaliações já realizadas. Uma das formas de avaliação utilizada neste processo é a observação direta das atividades dos usuários, analisando-se tanto o fluxo de trabalho, quanto os movimentos dos que utilizam o espaço, a fim de identificar alguns pontos negativos. ORNSTEIN (1992) acredita que a avaliação funcional esta ligada à avaliação do projeto arquitetônico proposto e o executado, sendo analisado, assim, o desempenho funcional do programa, das áreas mínimas, das circulações, flexibilização dos espaços, adequação do mobiliário, segurança contra roubo e acidentes. Percebemos que a avaliação funcional difere-se da comportamental na medida que está vinculada a objetivos organizacionais, e não a respostas dos usuários, como a segunda. De acordo com PREISER et al. (1988), a avaliação funcional trabalha com fatores humanos como ergonomia buscando uma configuração e dimensionamento do ambiente de acordo com as necessidades físicas e psicológicas do usuário, trabalhando, desta forma, dimensão e configuração do desenho do ambiente correlacionando as necessidades física com a dimensão espacial.

Fatores Comportamentais

PREISER et al. (1988) acreditam que os fatores comportamentais sejam responsáveis pela conexão da atividade e da satisfação do usuários com o ambiente. Nesta análise, procura-se compreender como a edificação afeta o bem estar psicológico e social de seus usuários. Tais fatores levam em consideração o relacionamento entre o comportamento e o meio ambiente físico, analisando desde se o edifício está funcionando como o pretendido em projeto, até em como a imagem da edificação está afetando a comunidade. Sabemos que o ambiente físico pode influenciar no comportamento de seus usuários, no entanto, poucos arquitetos utilizam-se destes dados comportamentais em seus projetos. Tal constatação

deve-se, segundo RABINOWITZ (1984), em parte, à falta de pesquisas avaliativas compreensíveis e realizáveis por parte dos profissionais, assim como à ausência de atitude que leve à pesquisa por parte dos arquitetos. O estudo deste fator comportamental surgiu no fim dos anos 60 e tem como destaque os trabalhos de Christopher ALEXANDER, Robert SOMMER e Clare COOPER. Este fator é mais complexo que os demais, à medida em que não resulta, como os outros, em correlações diretas de causa e efeito. É, portanto, uma tarefa árdua a de se estabelecer e medir a correlação entre o ambiente físico e o comportamento que resulta do ocupante em um dado espaço, visto existirem fatores capazes de afetar ainda mais o comportamento, tais como: regras organizacionais, liderança, tarefas e clima. Outro aspecto a dificultar esta análise é o fato dos comportamentos poderem ser voluntários. Sendo assim, a avaliação comportamental demanda coleta e análise de informações sobre as atividades que ocorrem no ambiente (Quais são? Quem participa? Onde ocorre?) e seus métodos compreendem observações diretas do comportamento, entrevistas e questionários. Segundo PREISER et al. (1988), este fator trabalha com conceitos de territorialidade; privacidade e interação; percepção ambiental; imagem e significado e cognição ambiental.

1.2.2 – RELAÇÃO HOMEM X AMBIENTE X COMPORTAMENTO

Apresentaremos, neste tópico, alguns conceitos considerados importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo Guido FRANCESCATO (1989), sem uma compreensão do papel do ambiente construído na vida das pessoas, torna-se difícil escolher os aspectos a serem analisados e os métodos a serem usados em uma pesquisa que busca compreender a relação do comportamento x ambiente.

Seguindo este raciocínio, como nosso trabalho visa compreender a influência do espaço da creche no desenvolvimento infantil e está baseado principalmente em APO - que envolve as relações entre homem e o ambiente construído -, nada mais justo que destinar parte do trabalho para apresentar tal assunto.

Sabe-se da relação “biunívoca entre ambiente e comportamento de tal forma que o primeiro afeta o segundo e vice-versa” (ORNSTEIN, 1995:55). A autora dividi estas interações em 4 categorias:

- a) ambiente construído, que comportam as relações entre o comportamento e o projeto, uso e manutenção. Assim, são avaliados aspectos como: forma externa, aparência, forma interna, pé direito, vistas, imagem, materiais, entre outros.
- b) conforto ambiental, que contemplam as interações entre o conforto ambiental e comportamento advindo de respostas a estas condições. São avaliadas as condições de conforto em geral a saber, quantidade de iluminação, de iluminação artificial, posicionamento e altura das lâmpadas e forros, etc.
- c) tipo de trabalho: englobam interações entre o comportamento e o tipo de trabalho, sendo consideradas as influências as tarefas no comportamento dos usuários que a executam.
- d) relações pessoais: abrange as relações entre o ambiente construído e as relações pessoais, avaliando a influência destas relações no nível de satisfação e produtividade.

ORNSTEIN acredita que através de uma APO todos estes aspectos desta relação bidirecional entre o homem e o ambiente podem ser avaliados já que “a APO é assim um conjunto de métodos aplicados aos estudos das relações ambiente-comportamento, cujos resultados se relacionam com a participação, na própria pesquisa, dos diversos agentes envolvidos na produção e uso do ambiente em foco ...”(ORNSTEIN, 1995:70)

1.2.3 – DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO: AUTONOMIA E INTERAÇÃO

Nossa pesquisa surgiu de inquietações a respeito da influência da arquitetura no desenvolvimento infantil. No entanto, trabalhar o desenvolvimento infantil como um todo seria complicado já que este possibilita uma imensa gama de possibilidades. Neste sentido, optamos por um recorte, enfocando a interação e a autonomia. Como já foi explicitado anteriormente, a opção por trabalhar a autonomia está ligada à importância dada pela nova legislação a este fator no contexto atual da Educação Infantil. Segundo DIAS & VASCONCELLOS (1999), a partir da promulgação da Constituição de 1988, podemos perceber uma mudança significativa no quadro da Educação Infantil que passa a ser vista como dever do Estado e aponta a autonomia como fator primordial na Educação Infantil.

Desta forma, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI/98), baseado na nova Constituição e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) sugere,

“como diretriz orientadora do projeto pedagógico da Educação Infantil, que as UEI¹¹ criem condição para o *desenvolvimento integral das crianças*, através de uma atuação que propicie o *desenvolvimento das capacidades física, cognitiva, afetiva, estética e ética*, além da preocupação com o *desenvolvimento das relações interpessoais e da inserção social*”(DIAS & VASCONCELLOS, 1999:10).

A partir do momento desta tomada de consciência, tanto por parte da Legislação quanto da Escola, da importância da autonomia no desenvolvimento da criança, abriu-se mais um campo para a arquitetura trabalhar, no sentido de empenhar-se em um objetivo comum através de um estudo interdisciplinar.

Nesta pesquisa, usaremos como suporte teórico os trabalhos de DIAS & VASCONCELLOS (1999) e SILVA & SPERB (1999) já que estas autoras desenvolvem uma visão do tema com foco na criança, quer nas introduções de idéias a respeito de Heteronomia e Autonomia, quer em reflexões a respeito de quão significativo é a interação das crianças em seu meio como parte do processo de desenvolvimento da autonomia.

De acordo com SILVA & SPERB (1999), numa visão behaviorista, a autonomia poderia ser tomada a partir de indicadores comportamentais como iniciativa e independência na execução de ações. Na visão psicodinâmica, no entanto, tal termo poderia ser compreendido como a evolução da dependência para a independência. Segundo uma visão cognitivista, o conceito de autonomia esta intimamente ligado ao desenvolvimento da moralidade como conseqüência de uma construção atada à educação.

Por acreditar que a autonomia se constrói através da relação com o outro, optamos por trabalhar com conceitos da área de Psicologia que estudam a relação do indivíduo com o meio, quer seja o ambiente construído, quer sejam as pessoas que dele participam. DIAS & VASCONCELLOS acreditam que “as teorias educacionais que discutem autonomia, em sua grande maioria, vêm das teorias psicológicas do Desenvolvimento Moral e dentre elas, destaca-se a Teoria Moral de Jean Piaget.” (DIAS & VASCONCELLOS, 1999:11). As autoras afirmam que, para Piaget, o nível de julgamento moral estava intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do raciocínio lógico. Trabalhando a noção de moral que as

¹¹ Unidade de Educação Infantil

crianças apresentavam em relação a regras e senso de justiça, PIAGET pôde distinguir duas etapas responsáveis pela construção desta moralidade: a Heteronomia e a Autonomia.

A Heteronomia é o momento onde leis e valores são pré-estabelecidos de forma inquestionáveis, numa relação unilateral, em que o adulto determina tais valores e as crianças os aceitam. Na Autonomia, ao contrário, a relação é bilateral, havendo, assim, um consenso no estabelecimento de regras. É nesta segunda etapa que a criança desenvolve sua capacidade crítica através de um crescimento do pensamento moral. PIAGET acredita que o desenvolvimento deste senso de autonomia “depende do tipo de relações sociais que as crianças experienciam, do desenvolvimento do respeito social e do declínio do egocentrismo” (DIAS & VASCONCELLOS, 1999:12). Ainda segundo PIAGET, esta passagem da Heteronomia para a Autonomia se dá através das relações de cooperação e de respeito mútuo.

“Piaget destaca o processo de descentração, isto é, a necessidade de a criança coordenar os diferentes pontos de vista, como possibilitador da construção da autonomia. A moral da autonomia deve-se segundo Piaget, especialmente ao fato de a criança passar a viver relações com outras, quando se torna necessária e possível a troca de pontos de vista, de desejos, de opiniões entre iguais. Nestas relações não há mais uma única autoridade a quem obedecer (possuidora de um poder maior) e a necessidade de respeitar equipara-se à necessidade de ser respeitado (respeito mútuo)”(SILVA & SPERB, 1999:66).

Em seu trabalho, SILVA & SPERB expõem estudos de outros autores como KAMII¹², MENIN¹³ e ARAUJO¹⁴ enquanto suporte para sua pesquisa. Tais autores defendem que as relações sociais dentro do ambiente escolar influenciam de forma significativa na construção da autonomia da criança. Desta forma, um ambiente onde há cooperação e respeito mútuo entre os participantes, sejam eles adultos ou crianças, tende a desenvolver tanto a autonomia moral quanto intelectual.

¹² KAMII, C. “A autonomia como finalidade da educação”. In: **A criança e o número: Implicações educacionais da teoria de Piaget para atuação junto a escolares de 4 a 6 anos**. Campinas: Papirus, 1990. p.103-124.

¹³ MENIN, M. S. **Autonomia e heteronomia às regras escolares: Observações e entrevistas na escola**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

¹⁴ ARAUJO, U. F. **Um estudo da relação entre o ambiente “cooperativo” e o julgamento moral na criança**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993
ARAUJO, U. F. “O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil”. In: MACHADO, L. (org.) **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1996. p.105-135

Vale ressaltar que, apesar das crianças da pré-escola não serem ainda capazes de construir um sistema moral por si só, já que se trata de um processo progressivo, é neste período da infância que elas, através da relação com o meio, começam a formar seu próprio conjunto de convicções pessoais.

A presente pesquisa objetiva, assim, investigar a influência da Arquitetura no processo de desenvolvimento infantil – com o foco na autonomia - das crianças na idade entre 2 a 6 anos, utilizando-se dos conceitos trabalhados acima como subsídio para interpretação dos dados produzidos na observação comportamental realizadas através da aplicação da APO no estudo de caso - Creche UFF.

1.2.4 – ARRANJOS ESPACIAIS

Complementando o tema acima explorado, que descreve a interação de indivíduos em um ambiente pré-escolar como colaboradora do desenvolvimento da autonomia, falaremos agora dos arranjos espaciais, responsáveis por facilitar ou inibir essas interações. Este subcapítulo encontra-se também intimamente ligado ao 1.2.2, *Relação homem x ambiente x comportamento e percepção ambiental*, na medida em que trabalha a relação bidirecional entre pessoa-ambiente. Tal bidirecionalidade pode ser verificada na criança que

“explora, descobre e inicia ações em seu ambiente; seleciona parceiros, objetos e áreas para suas atividades, mudando o ambiente através de seus comportamentos. Por outro lado, os comportamentos infantis são influenciados pelo ambiente, físico e social, fornecido pelos adultos de acordo com seus objetivos pessoais, construídos com base em suas expectativas culturais sobre os comportamentos e desenvolvimento infantis” (CAMPOS-DE-CARVALHO, 1998:126).

Devido a esta preocupação com a influência da disposição do mobiliário no comportamento das crianças demonstrada nos estudos referentes aos arranjos espaciais, acreditamos que tais conceitos vão de encontro com os apresentados na APO. Sob esta visão, consideramos oportuno o trabalho conjunto destas idéias na busca da compreensão dos fatores comportamentais – foco principal de nosso estudo.

A bibliografia selecionada a respeito da influência dos arranjos espaciais no comportamento de crianças parece-nos ainda estar ligada principalmente a área de Psicologia. Nosso estudo, embasado nas pesquisas de LEGENDRE, CAMPOS-DE-CARVALHO, SANTANA e VASCONCELLOS, buscará, então, trabalhar a temática sob

uma visão mais arquitetônica¹⁵ visando avaliar a qualidade dos espaços da creche de forma a averiguar como os arranjos por eles oferecidos podem potencializar a construção da autonomia nas crianças na faixa etária de 2-6 anos.

Traduzimos arranjo espacial como a forma em que o mobiliário de um dado ambiente está disposto em relação aos demais. LEGENDRE (1983, 1986 e 1987) vem trabalhando, há vários anos, o tema em creches francesas com crianças na faixa de 2-3 anos. Para tanto, ele subdivide os arranjos em: semi-aberto, aberto e fechado. Segundo o autor, o *arranjo semi-aberto* é aquele que se distingue pela presença de zonas circunscritas¹⁶, o que possibilita à criança uma visualização completa de seu entorno. Percebemos que, neste tipo de arranjo, as crianças ocupam com mais frequência as zonas circunscritas, onde presenciam-se interações aflitivas entre elas (CAMPOS-DE-CARVALHO, 1998:128). De forma oposta, não se observa nenhum tipo de zona circunscrita nos *arranjos abertos*, gerando assim, na maioria dos casos, um vazio central. Nesta forma de arranjo, a criança tende a manter-se próxima do adulto, apesar de pouco relacionar-se com ele, interagindo pouco com seus coleguinhas. Por fim, nos arranjos fechados observam-se barreiras físicas que separam o ambiente e dificultam a visualização do espaço com um todo. Desta forma, as crianças posicionam-se perto da figura do adulto, esquivando-se de locais onde a visualização do conjunto seja impossível. Notamos que, tanto nos arranjos fechados, quanto nos abertos, há pouca interação entre coetâneos.

Os trabalhos de Beatriz FEDRIZZI (2002) e Sandra Christine HORNE (2002) também são utilizados na parte prática da pesquisa, ao aproveitar dos métodos propostos em seus estudos para observação e análise dos ambientes. FEDRIZZI traz uma grande contribuição para a análise de pátios escolares pequenos e grandes e sua influência no comportamento das crianças. Já HORNE apresenta um trabalho que envolve o layout - que aqui denominamos arranjos – e a prática escolar.

¹⁵ Vale ressaltar que da bibliografia utilizada na pesquisa, apenas LEGENDRE tem formação em Arquitetura.

¹⁶ Considera-se como *zona circunscrita* uma área delimitada por obstáculos, sejam eles mobiliários, paredes ou desníveis, ao menos em 3 dos seus lados.

2 – ESTUDO DE CASO: CRECHE UFF

“O espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vende-lo, para guarda-lo. Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços da liberdade ou da opressão.” (LIMA, 1989)

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar a utilização dos espaços da Creche UFF, em seus 5 anos, com a finalidade de experienciar a interação dos usuários no seu campo de vivência. A escolha dessa instituição entre as demais visitadas¹⁷, deveu-se ao fato da mesma pertencer a uma Universidade e ter como um de seus princípios básicos a produção do conhecimento em todas as áreas que tenham o bem estar da criança como foco, além do fato de ter tido esta um projeto arquitetônico específico, estudado, planejado e executado para este fim. Esta creche teve como um dos objetivos em sua elaboração, a construção de “*um locus de formação, pesquisa e estudo para profissionais de creche.*” (VASCONCELLOS, 2002:6). Vale ressaltar que em nosso país, poucas são as universidades que oferecem esta possibilidade, fazendo a Creche UFF, parte de um grupo de apenas 27 creches mantidas por instituições federais. (VASCONCELLOS, 2002).

Esta instituição ofereceu-nos ainda trabalhar com a faixa etária desejada para tal pesquisa, além dos responsáveis pela Creche UFF demonstraram-se disponíveis a colaborar com nossa pesquisa, cedendo material proveniente do diálogo com a Prefeitura do Campus, e os educadores, que trabalham diretamente com as crianças, apresentaram-se bastante solícitos.

Percebemos também, como ponto significativo, que “a Creche UFF (...) tem uma fisionomia própria, foi pensada a partir de um referencial teórico que valoriza a *autonomia*¹⁸ de todos os seus integrantes (profissionais, famílias, crianças) e oferece situações de promoção das interações de crianças.” (VASCONCELLOS, 2002:95). Tal fato, contribuiu para a relevância da escolha desta unidade como objeto de estudo de nossa

¹⁷ Na cidade do Rio de Janeiro estivemos visitando 3 instituições de filosofia construtivista nos bairros Gávea, Barra e Botafogo. Estas nos permitiram visitar suas instalações, nos explicaram sua filosofia e métodos de trabalho, mas no entanto não nos permitiram tirar fotografias nem um livre acesso aos ambientes e professores.

¹⁸ Grifo nosso.

pesquisa que tem como objetivo trabalhar espaços de forma a contribuir com o desenvolvimento do senso de *autonomia* em crianças na primeira infância.

Neste capítulo, então, introduzimos um breve relato da evolução das Instituições Educacionais, a fim de permitir ao leitor uma melhor compreensão do seu papel ao longo da história para, em seguida, apresentarmos nosso Objeto de Estudo – Creche UFF. Neste segundo momento, relatamos o processo de criação da Creche UFF, seu projeto, dificuldades de viabilização, descrição dos ambientes e usuários. Sendo assim, optamos por descrever as terminologias adotadas no corpo do texto

2.1 – NOTAS DE TERMINOLOGIA

Para começar, dirigirmo-nos ao nosso objeto de estudo como *Creche UFF* pode parecer errôneo, uma vez que a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394 de 20/12/96) considera que as creches acolhem crianças até 3 anos e as pré-escolas crianças entre 4 e 6 anos. No entanto, optamos por nos referirmos a esta instituição desta forma, já que ela é conhecida pela população local como *Creche UFF*, além de ser tratada por esta terminologia em outros tantos textos científicos nela desenvolvidos.

É importante também descrevermos os termos adotados quando nos referidos às crianças – nossos principais sujeitos da pesquisa. A creche possui 3 conjuntos de salas geminadas que acolhem aos três grupos etários de crianças: Grupo 1 (crianças entre 3 e ½ e 6 anos), Grupo 2 (crianças entre 2 e ½ e 3 e ½ anos) e Grupo 3 (crianças entre 2 e 2 e 1/2 anos). Como descartamos a possibilidade de trabalharmos com o Grupo 3, já que as criança nesta faixa etária ainda estão começando a desenvolver sua capacidade de expressão, decidimos por chamar o Grupo 1 de *turma dos maiores e/ou turma dos mais velhos* e o Grupo 2 de *turma dos menores e/ou turma dos mais novos*.

Em relação aos ambientes da creche, outras terminologias foram também adotadas. Apesar de cada conjunto de salas geminadas conter 2 salas de atividades, decidimos, na maior parte do texto, por nos referir a estes conjuntos como *sala de atividades 1* (sala de atividades 1 e 2) e *sala de atividades 2* (sala de atividades 3 e 4), já que correspondem, respectivamente, à sala do Grupo 1 e do Grupo 2. No caso do pátio externo, em alguns momentos nos referimos à ele como *parquinho*, uma vez que é assim que as crianças o

chamam. O ambiente que faz a ligação entre as duas salas geminadas é comumente chamado de *cantinho da chamada* pelos usuários da creche. O termo *cantinho* também está presente no texto quando queremos nos referir aos espaços formados pelos encontros das arestas da sala de atividades.

Por tratar de uma temática tão envolvente, nos sentimos no direito de entrar neste mundo das crianças, nos permitindo usar o mesmo vocabulário adotado pelos usuários da creche. Assim, apesar de se tratar de um trabalho científico, durante a leitura do nosso estudo, termos simples como *crescidinhos*, *menorzinhos*, *parquinho*, *cantinho*, *rodinha*, serão comumente utilizados.

2.2 – EVOLUÇÃO DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

Apesar do desenvolvimento de uma arquitetura escolar já ser relatada na metade do séc. XIX, na França e na Inglaterra, os primeiros trabalhos sobre instituições educacionais voltadas para crianças parecem advir da época da Revolução Industrial, quando com a “absorção da força de trabalho feminina nas fábricas, a educação das crianças pequenas passou a ser um grande problema a ser enfrentado tanto pelo capital como pelas famílias dos trabalhadores” (FARIA, 1999:71). É necessário ressaltar que a autora demonstra que tal fato pode ser ampliado com os estudos de KRAMER¹⁹, KISHIMOTO²⁰ e VIEIRA²¹ (1987), que também consideram que os cuidados com a infância em nosso país remontar ao período da industrialização. Desta forma, notamos como a história do desenvolvimento educacional está intimamente ligada ao contexto sócio econômico vivido na época.

Ainda segundo KRAMER, “a creche e a pré-escola são instituições criadas pela sociedade burguesa” (KRAMER apud FARIA, 1999:59), que já no final do século XVIII tinha seus filhos freqüentando a escola, podendo desfrutar de brinquedos, livros e professores, enquanto os filhos da classe trabalhadora permaneciam sob condições de vida adulta.

Apesar do período Entre-Guerras tratar-se de um momento conturbado, presenciou-se uma preocupação comprovada com as crianças menores através de alternativas institucionais

¹⁹ KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil – a arte do disfarce**. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1987.

²⁰ KISHIMOTO, Tizuko. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo, Loyola, 1988.

²¹ VIEIRA, Lívía. **Creches no Brasil: de mal necessário a lugar de compensar carências. Rumo à construção de um projeto educativo**. Dissertação de Mestrado. UFMG, 1987.

que visavam, principalmente, conservá-las saudáveis naquele momento. Buscavam, assim, um controle sanitário e social de uma população que crescia rapidamente. Apesar da preocupação com a mortalidade infantil tratar-se de um assunto que afetava a todas as classes, estas instituições demonstravam, ainda, uma clara separação da educação burguesa para a proletária. O capitalismo trouxe consigo um novo papel para a infância, tornando as creches e pré-escolas responsáveis também por preparar as crianças para o mercado de trabalho (FARIA, 1999:64-66).

As primeiras escolas criadas pelas elites refletiam sua superioridade, tanto através de uma arquitetura rica em detalhes, quanto dos ambientes disponíveis – biblioteca e auditório. (LIMA, 1989 e 1995; AZEVEDO & BASTOS, 2002) Entretanto, quando ocorreu a popularização escolar, o modelo já não era mais o mesmo, a política era a do merecimento, em que usava-se como desculpa para uma arquitetura pobre, o fato de não se querer provocar o choque entre a escola e seu entorno. Como consequência, as escolas se padronizaram e empobreceram, perdendo parte de seu programa de necessidades. Elementos como auditórios e bibliotecas desapareceram e o próprio galpão destinado ao lazer foi redimensionado, passando a ser utilizado por diversas crianças em turnos diferenciados segundo sua faixa etária. Se anteriormente as escolas eram construídas nos melhores terrenos, agora se localizam em espaços de sobra, doados por prefeitura ou particulares, mas, principalmente, em funções dos terrenos estarem inviáveis para o mercado imobiliário. Desta forma, percebemos que, em nome da economia, há um comprometimento da qualidade do espaço. Esta “adequação aos valores populares”²² pode ser traduzida em padronização.

A creche, como ambiente educacional para crianças na primeira infância, tem sua origem no decorrer de 1920 (VASCONCELLOS, 2002). Na cidade do Rio de Janeiro, seu surgimento está ligado ao desenvolvimento da sociedade industrial. Baseada em modelos europeu, são criadas as primeiras creches nas vilas operárias de modo a possibilitar que as mulheres trabalhassem nos empreendimentos de grande porte²³. Cabe aqui dizer que estas primeiras unidades eram atendidas por irmandades e congregações religiosas. Percebemos,

²² Giselle AZEVEDO & Leopoldo BASTOS, Qualidade de Vida nas Escolas: Produção de uma Arquitetura Fundamentada na Interação Usuário-Ambiente, 2002

²³ PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Manual para elaboração de creches na cidade do Rio de Janeiro, 2000

assim, como é recente a criação/educação de crianças fora do contexto familiar. Nosso contexto sócio-histórico-econômico demonstra que, atualmente, muitas mulheres dividem seu tempo com a família e o trabalho; desta forma, estas instituições surgem como apoio a estas mães, e passam a compartilhar a educação de seus filhos.

A partir desta demanda, houve uma necessidade de repensar o espaço em que a criança vai ocupar na ausência da mãe. A própria Legislação, consciente destas necessidades, buscou estabelecer uma nova visão da educação infantil. A promulgação da carta Magna (1988) e as últimas Diretrizes Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2000) são exemplos desta nova ótica (VASCONCELLOS, 2002:4).

Segundo a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9.394 de 20/12/96)²⁴,

“Art.29 – A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art.30 – A educação infantil será oferecida em:

- I- creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II- pré-escolas, para as crianças de quatro anos a seis anos de idade”

Nestas citações, percebemos que a legislação divide as instituições responsáveis pela educação infantil em creche e pré-escola. No entanto, verificamos que na maior parte dos casos estas instituições trabalham com ambas as faixas etárias.

As instituições de educação infantil, quer sejam creches, quer sejam pré-escolas, passam, assim, a dividir com as famílias a responsabilidade de preparar as crianças para o futuro, desenvolvendo seu caráter afetivo, físico e social (VASCONCELLOS, 2002). Diante de tamanha responsabilidade, vale frisar, mais uma vez, a importância da presente pesquisa em buscar a qualidade dos espaços educacionais, visando promover uma maior interação do usuário x ambiente. Esperamos que o papel destas instituições supere o de acolhimento e interaja de forma a colaborar com o aprendizado infantil.

²⁴ PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, op. Cit.

2.3 – CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

2.3.1 – HISTORICO DA CRECHE UFF

A Creche UFF, inaugurada em outubro de 1997, surge como resultado de mais de uma década de reivindicações, tendo em seu projeto inúmeros professores de diferentes áreas da própria Universidade, buscando, como objetivo principal, um trabalho de cunho social trabalhado de forma interdisciplinar (VASCONCELLOS, 2002). Sua inauguração, mesmo com as instalações parcialmente acabadas - cerca de 40% do projeto -, possibilitou o atendimento a cerca de 40 crianças, filhos de alunos, funcionários e professores, com uma proposta nova, baseada em “grupos de brincadeiras”²⁵. O restante das instalações foram entregues um ano depois. No entanto, continuou atendendo a um mesmo número de crianças já que não foi possível contratar mais profissionais para atendê-las.



Figura 1 – Entrada da Creche UFF



Figura 2- Vista Frontal da Creche UFF

Seu projeto foi iniciado a partir de 1986, com a formação da Comissão de Creche, da qual fez parte a arquiteta Márcia PINHEIRO que projetou a creche. Sua execução ficou a cargo da Prefeitura do Campus da UFF, durando cerca de 4 anos. Os profissionais envolvidos neste projeto visavam não apenas um espaço educacional que atendesse aos filhos de funcionários, professores e alunos, mas também um objeto de estudo que possibilitasse o desenvolvimento de pesquisas bem como de formação profissional. No entanto, findado o projeto, a execução não ocorreu como planejado, permanecendo, por um certo tempo, a edificação apenas “no osso” (VASCONCELLOS, 2002).

²⁵ Para maiores detalhes visite o site da Creche (www.uff.br/creche)

A luta pela criação da creche ganhou força com a formação do Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa, Extensão e Estudo da Criança de 0 a 6 anos (NMPEEC/UFF), em 1989, que desenvolvia pesquisas sobre o tema, trabalhando junto à comunidade de Niterói. Desta forma, os professores dos diferentes Departamentos mantiveram-se unidos em nome deste objetivo comum – Creche UFF – que pretendiam que fosse um objeto de “formação, orientação e referência” para o Estado (VASCONCELLOS, 2002).

Segundo VASCONCELLOS (2002), “a creche UFF encontra-se, segundo a Norma de Serviço N° 499/99 – BS 089 de 08/06/99, subordinada, administrativamente à Pro-Reitoria de Extensão, tendo esta Pro-Reitoria a incumbência de a suprir com os recursos necessários ao seu funcionamento, no tocante à obtenção de material permanente, de consumo e recursos humanos” Vale ressaltar aqui que estes recursos não englobam a compra de mobiliário, brinquedos e outros materiais importantes para o desenvolvimentos dos “grupos de brincadeiras”. Colaboram, ainda, com o funcionamento da creche os bolsistas de pesquisa e extensão que, supervisionados por diferentes departamentos da universidade (Serviço Social, Psicologia, Educação, Medicina e Biblioteconomia) e coordenados pela coordenadora da Creche UFF, participam de projetos específicos tanto com as crianças quanto com seus pais e educadores. A instituição consta também de um Grupo de Trabalho cuja função é estudar e apresentar diretrizes com sugestões para os problemas detectados. É importante lembrar que o Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa e Extensão e Estudo da Criança de 0 a 6 anos (NMPEEC), coordenado pela prof. Vera Maria Ramos VASCONCELLOS, propicia o debate científico de temas relacionados à Educação Infantil buscando, através de projetos vinculados ao CNPq, a construção contínua do conhecimento que possa melhorar o atendimento a este grupo de crianças.

O objetivo da Creche UFF é que as crianças se sintam desejadas tanto quanto foi o projeto da criação da instituição. Para isso, procuram inserir as crianças em pequenos grupos e com a presença da família buscando uma vivência prazerosa na sua unidade. As brincadeiras são consideradas o fio condutor das atividades infantis pois acredita-se que é a partir destas brincadeiras que a criança comece a compreender o mundo ao seu redor e aprendem coisas úteis para sua vida. Toda sua proposta de trabalho esta baseada nos princípios sócio-construtivistas se apropriando de conceitos, desenvolvidos por PIAGET (1976 e 1977), sobre equilíbrio majorante e autonomia, e sobre atividade mediada,

propostos por VYGOTSKY (1988). Neste sentido, sua atenção está voltada para a criação de situações que desafiem as crianças e favoreçam sua interação tanto com os adultos quanto com outras crianças.

Esta filosofia é percebida na rotina da creche, principalmente nas “rodinhas”, onde todos os dias as crianças discutem com seus educadores as atividades que desenvolverão. Desta forma, é apresentada às crianças a possibilidade de escolherem os temas que querem trabalhar e dissertar sobre o que sabem a seu respeito, o que permite a professora trabalhar a partir deste conhecimento já adquirido. Estes conceitos propostos pela creche podem ser observados também no espaço físico da creche, como, por exemplo, a ausência de portas nas salas de atividades 1 e 2 que permitem um maior autonomia dos mais crescidinhos. Tal fato é notado na experiência cotidiana e em certas atitudes tomadas pelas crianças. Estes assunto será aprofundado na análise comportamental dos espaços da creche a serem descritos no capítulo IV – *Resultados*.

2.3.2 – PROJETO DA CRECHE UFF

Segundo os relatos da arquiteta responsável pelo projeto da creche, Márcia PINHEIRO, desde o início do planejamento do Campus Gragoatá, com projeção para 20.000 alunos, foi previsto uma creche. Assim, em 1987, formou-se uma comissão cuja preocupação era elaborar um projeto que atendesse não aos 20.000 alunos, mas a um programa de necessidades menor. Por isso, o projeto deveria ser modular de modo que pudesse ser ampliado quando houvesse necessidade e possibilidade.

A arquiteta foi convidada a elaborar um estudo para uma creche, no qual trabalhou durante um fim de semana inteiro – a proposta exigia urgência. Seu estudo preliminar foi então apresentado à comissão da futura creche em uma reunião do qual retornou com várias sugestões de alterações. Assim, iniciaram-se as trocas de experiências entre a arquiteta e os futuros usuários da creche. O programa foi preparado em inúmeras reuniões entre a arquiteta e a Comissão de Creche para que então o projeto²⁶ pudesse ser desenvolvido.

Como já dissemos, era esperado que o projeto pudesse ser ampliado e, deste modo, foi baseado em módulos hexagonais que conformam um amplo pátio interno. PINHEIRO

²⁶ Cf. Anexo 7 para conhecer o projeto da Creche UFF

procurou, ainda, dar a creche uma aparência de casa através da composição de telhados quadrangulares, pois acreditava que, assim, estaria se aproximando da casa que habita o imaginário infantil. Tal medida visava permitir à criança uma identificação com a creche.

2.3.3 – DESCRIÇÃO DA CRECHE UFF

A Creche UFF, escolhida como nosso objeto de pesquisa, encontra-se próxima à entrada do Campus Universitário Gragoatá, à esquerda de quem chega. Está inserida em uma grande área verde, diante do refeitório universitário e de uma área destinada ao estacionamento de veículos. Logo na sua entrada, o usuário depara-se com uma gama de texturas constituída de britas no caminho, gramado nas laterais e, claro, os revestimentos da edificação. À esquerda da entrada principal encontra-se uma área destinada a atividades de recreação externa, gramada e com brinquedos (balanço e escorregador). Tal espaço permite ser acessado pelas salas de atividades que são geminadas duas a duas com um banheiro no centro.

Cada sala de atividade possui em média 22 metros quadrados e são conectadas à uma segunda sala por uma ambiente - de 8,5 metros quadrados – que possibilitam o acesso ao pátio externo. Os 3 conjuntos de salas geminadas possuem piso vinílico em dois tons trabalhados como um tabuleiro de dama, alvenaria estrutural com acabamento em pintura cor creme e forro em treliça de madeira também pintada.



Figura 3 – Sala de atividades 1



Figura 4 – Sala de atividades 1



Figura 5 – Conexão Salas 1 e 2



Figura 6 – Sala de atividades 3



Figura 7 – Sala de atividades 3



Figura 8 – Sala de atividades 2



Figura 9 – Sala de atividades 5 (Berçário 1)



Figura 10 – Sala de atividades 5 (Berçário 1)



Figura 11 – Sala de atividades 6 (Berçário 2)

Assim como as salas de atividades, os ambientes destinados aos professores e bolsistas, a recepção, espera, enfermaria e a biblioteca/brinquedoteca são em piso vinílico cor claro. No entanto, estes apresentam um encanto a mais para as crianças, a circulação principal é marcada por adesivos ilustrativos em forma de flor em diversas cores aplicados no piso. As paredes da circulação e recepção são pintadas em tons de laranja e verde água e apresentam inúmeros painéis coloridos onde são expostos os projetos da creche e os trabalhos mais recentes das crianças. O forro também é em treliça de madeira onde estão embutidas as luminárias. Percebe-se, ainda, na entrada a presença de 3 clarabóias que possibilitam a entrada de luz natural no ambiente. Este artifício também é usado no refeitório e nos banheiros das salas de atividades.



Figura 12 - Recepção



Figura 13 – Sala de espera



Figura 14 - Circulação



Figura 15 - Circulação



Figura 16 – Detalhe da circulação



Figura 17 – Sala de reunião



Figura 18 – Sala dos bolsistas



Figura 19 - Enfermaria



Figura 20 – Biblioteca

O pátio interno, sala de artes, refeitório e parte da circulação possuem piso tipo granilite. Também demarcando o fluxo do pátio interno, percebemos adesivos de variados motivos aplicado no piso. Já as paredes do refeitório e do pátio são pintadas em tom de creme. O pátio interno é parcialmente coberto, o que permite seu acesso mesmo em dias de chuva. As instalações da edificação estão todas aparentes e, nos cômodos mais frequentados pelas crianças, estas se apresenta a meia parede impedindo possíveis acidentes com as crianças.



Figura 21 – Sala de artes



Figura 22 - Refeitório



Figura 23 – Pátio interno



Figura 24 – Pátio interno

A creche possui ainda uma ampla área externa gramada onde estão dispostos equipamentos de play-ground, como por exemplo, balanço e escorregador. Recentemente, foi iniciado um projeto que criou uma pequena horta neste ambiente. Este pátio é cercado por grade e por parede de cobogó permitindo, assim, que a criança possa visualizar o entorno da creche. Cabe ressaltar que dois conjuntos de salas geminadas possuem abertura para este pátio.



Figura 25 – Detalhe da parede cobogó e da grade



Figura 26 – Detalhe dos equipamentos



Figura 27 – Detalhe do equipamento



Figura 28 – Detalhe da horta

O quadro da Creche UFF é composto de 6 professores membros do Grupo Gestor – incluído a coordenadora Prof. Mônica PICANÇO –, 4 servidores – dentre eles 1 recepcionista, 1 arquivista, 1 assistente administrativa e 1 enfermeira –, 5 prestadores de serviço – incluindo 3 recreadoras, 1 auxiliar de creche e 1 auxiliar de cozinha –, 3 responsáveis pela limpeza e 13 bolsistas da PROEX – sendo 3 do Serviço Social, 3 da educação, 4 Psicologia, 1 da Biblioteconomia e 2 da Medicina. A unidade acolhe 58 alunos sendo 34 filho de alunos, 8 de docentes, 14 de servidores e 2 cuja mãe é funcionária da Prefeitura de Niterói. Seu atendimento é dividido em 2 turnos, o primeiro de 8:00-12:00 e o segundo de 14:00-18:00, sendo oferecido às crianças 8 turnos por semana, o que significa que estas podem permanecer na creche 3 sessões integrais. As crianças que permanecem na creche 2 períodos seguidos almoçam na creche por volta de 12:15 e, em seguida, são acompanhadas pelas recreadoras e bolsistas para a área de descanso ou para a sala de artes a fim de relaxarem ou fazer alguma atividade mais tranquila até que a educadora e as crianças do turno seguinte cheguem para iniciar esta segunda etapa do dia.

2.4 –SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da presente pesquisa são os usuários – crianças, pais, educadores e funcionários - e os responsáveis pela criação e organização do objeto de estudo – Creche UFF – que atende à comunidade do Município de Niterói, englobando filhos de funcionários, professores e alunos da Universidade. Apesar do foco do nosso estudo ser voltado às crianças, decidimos por envolver os adultos pois acreditamos que, por estarmos trabalhando com crianças que ainda não sabem ler e escrever, estes seriam as pessoas mais indicadas a responderem os questionários da APO. Sua importância na pesquisa está também ligada ao fato destes adultos - pais, educadores, bolsistas e funcionários –, além de conhecerem as qualidades e carências do espaço da creche, poderem nos relatar como as crianças se comportam nos ambientes. Assim, estes dados obtidos através dos adultos nos auxiliaram a interpretar e analisar as interações criança-criança e criança-adulto, verificadas durante as observações participativas.

Esta creche foi projetada por uma professora da faculdade de Arquitetura da UFF – a arquiteta Márcia PINHEIRO - e construída pela Prefeitura do Campus da UFF, portanto, todos estes atores foram entrevistados, a fim de mapear suas intenções no projeto e comparar com o resultado encontrado.

2.4.1 – RECORTE SOCIAL

Nosso recorte foi influenciado por PIAGET (1990 e 2002), pois segundo o autor o período entre 2-7 anos é justamente quando a criança começa a construir sua representação de espaço a qual denominamos espaço topológico. Este período, considerado como a “segunda parte da primeira infância”, é tratado pelo autor como “o estágio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações de submissão ao adulto” (PIAGET 2002:15). Nesta fase, ocorrem transformações na conduta da crianças advindas do surgimento da linguagem. Segundo PIAGET (2002), a linguagem traz então conseqüências ao desenvolvimento infantil, na medida em que é dada a criança a possibilidade de intercâmbio com os outros – responsável pela socialização –, de interiorização da palavra refletida no surgimento do pensamento propriamente dito e, também, da interiorização da ação, quando a criança passa, então, a ser reconstruída no plano intuitivo das imagens e das chamadas “experiências mentais”²⁷. Poderíamos traduzir

²⁷ Maiores detalhes no livro *Seis Estudos de Psicologia*.

esta conseqüências como socialização, pensamento e intuição. Percebe-se, então, como este período onde a criança começa a se socializar vem de encontro com nossos objetivos de trabalhar com a interação e sua influência na criação da autonomia. Acreditamos que as relações interindividuais ocorram ainda no período do desenvolvimento sensório-motor, mas é depois da linguagem que ela se potencializam.

Cabe aqui acrescentar que a escolha da faixa etária de 2 a 6 anos deveu-se, também, ao fato da maior parte das instituições voltadas para a educação infantil prestarem atendimento a crianças nessas idades. Este recorte nos possibilitou ainda observar as diferenças de interação não apenas em arranjos diferenciados, mas também em crianças de idades diferentes permitindo até mesmo um estudo comparativo.

Diante deste relato sobre o papel das instituições educacionais e da caracterização do Objeto de Estudo, passamos então a apresentação dos **Materiais e Métodos** utilizados nesta pesquisa. No próximo capítulo, procuramos justificar a adoção da Avaliação Pós-Ocupação como base metodológica deste trabalho, adotando, ainda, métodos de outras áreas como Psicologia e educação para complementar nossos resultados. Assim, apresentaremos em detalhes os instrumentos selecionados: análise *walkthrough*, entrevistas, questionários, desenhos com as crianças e mapas comportamentais.

3 – MATERIAIS E MÉTODOS

“Se a essência dos objetos coincidissem com a forma de suas manifestações externas, então toda ciência seria supérflua.” (MARX apud VYGOTSKY, 1998)

3.1 – DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Tendo em vista a preocupação com a influência do ambiente construído das instituições educacionais no comportamento e desenvolvimento de seus usuários, e com base nos pressupostos teóricos expostos anteriormente, a elaboração desse estudo buscou fundamento nas áreas da Educação, da Psicologia e da Arquitetura.

Na Educação e na Psicologia buscamos suporte teórico de autores como Jean PIAGET (1990, 2000) e Lev VYGOTSKY²⁸ (1998) para compreender o processo de desenvolvimento da criança e o papel do contexto (ambiente) nesse processo. Ainda nesta temática, reconhecemos, nos conceitos de arranjos espaciais, um importante suporte para avaliação comportamental dos espaços da creche (LEGENDRE, 1983, 1986, 1987). Por fim, a Arquitetura nos guiou para tratar da apreensão dos espaços e nos apresentou a metodologia da APO para análise da qualidade do ambiente construído.

A escolha da metodologia mais coerente e adequada para atingir-se as metas propostas no projeto é fato primordial para o sucesso do estudo. É a partir dela que se espera garantir o cumprimento do projeto de metas planejado de antemão (CHIMENTI, 2000). Sendo assim, estudamos algumas possibilidades de trabalho, ou seja, analisamos algumas metodologias, a fim de se alcançar aquela mais apropriada às características dos problemas abordados no estudo em questão. Segundo ORNSTEIN, “a variedade de métodos e técnicas, que podem ser aplicados na avaliação das relações ambiente-comportamento, é hoje um amplo campo específico, pois se pode sempre associar vários métodos e técnicas em prol dos melhores resultados” (ORNSTEIN et al., 1995:66). ORNSTEIN et al.(1995) e REIS & LAY (1994) afirmam ainda que a utilização de vários métodos para coletar diferentes tipos de dados colabora também para contrabalançar possíveis desvios desses métodos. “O uso simultâneo de múltiplos métodos é necessário para ressaltar a validade dos resultados e afirmar a

²⁸ Lev VYGOTSKY trata da importância das interações sociais e do ambiente sócio-cultural como elementos fundantes na constituição da mente humana.

confiabilidade, credibilidade e qualidade da pesquisa” (REIS & LAY, 1994:35). Apoiando-nos nestas afirmações, optamos por trabalhar a metodologia da pesquisa combinando métodos inerentes ao estudo da arquitetura e da psicologia que estão intimamente ligados.

Da Arquitetura, tomamos como base a Avaliação Pós-Ocupação, que nos oferece 3 níveis de profundidades - indicativa, investigativa e diagnose - no entanto, devido ao curto prazo para a aplicação e à ênfase desejada ao aspecto comportamental, optamos por trabalhar a metodologia da APO indicativa, que nos permite identificar as principais falhas e méritos da performance do edifício. Para tal, baseamo-nos em trabalhos de autores consagrados como PREISER et al. (1988), SANOFF (1995 e 2002), ORNSTEIN et al. (1995) e RHEINGANTZ (1995) adotando, então, instrumentos da APO que consideramos mais apropriados ao enfoque desejado na pesquisa.

Da Psicologia, tomamos como base os trabalhos de LEGENDRE (1983, 1986, 1987) para a avaliação dos arranjos espaciais e as interações que estes promovem, além de textos inéditos, cedidos pelo próprio autor²⁹, que nos auxiliaram na confecção dos mapas comportamentais. Seus conceitos foram usados de forma a complementar nossa análise comportamental dos espaços oferecidos pela Creche UFF às crianças. Utilizamos, ainda, como suporte teórico para o conceito de autonomia, os trabalhos de Adelaide DIAS & Vera VASCONCELLOS (1999) e Patrícia SILVA & Tania SPERB (1999), já que tais autoras desenvolvem a temática de autonomia com ênfase na interação das crianças.

O maior desafio consistiu em agrupar todos estes pontos numa metodologia capaz de ser aplicada em tão pouco tempo e com uma gama tão diversificada de instrumentos. Nosso estudo seguiu, assim, os seguintes passos:

- Levantamento de dados sobre o histórico da creche UFF. Através de estudos sobre a Creche UFF, do site da instituição, de relatos dos envolvidos no seu nascimento e evolução, do projeto original ao executado, procuramos esboçar um panorama global da unidade incluindo seu programa pedagógico.

²⁹ Mantivemos contato com o autor Alan LEGENDRE, professor do Laboratoire de Psychologie Environnementale CNRS-Université Paris V, que gentilmente colaborou com orientações e textos ainda não publicados: **Ebauche pour L'observation in situ** e **La cartographie comportementale : Une approche spatiale du comportement** (escrito em conjunto com Sandrine Depeau).

- Confecção do ‘as built’ da edificação. A única planta que conseguimos com a administração da creche encontrava-se ultrapassada. Sendo assim, optamos por fazer um ‘as built’ atualizando a planta que tínhamos em mãos de acordo com a obra executada.
- Registros fotográficos, desenhos e anotações. Com o objetivo de preencher nossas fichas de registros, fizemos um inventário do mobiliário e do estado de conservação dos ambientes da creche.
- Análise *walkthrough*. A fim de analisar o desempenho da edificação, realizamos uma análise técnica nos ambientes seguindo parâmetros pré-determinados.
- Entrevistas com as pessoas consideradas chave. Os diálogos com as coordenadoras do NMPEEC/UFF e da Creche, com a arquiteta responsável pelo projeto e com pessoas responsáveis por etapas de sua execução, colaboraram para nossa compreensão de como se deu a criação da creche, seu projeto, sua execução e seu funcionamento ao longo dos 5 anos de existência.
- Conversas informais com professores, funcionários, bolsistas e pais. Essas conversas nos auxiliaram tanto na interpretação dos questionários quanto na compreensão do comportamento das crianças em sala de aula.
- Aplicação de questionários aos educadores, bolsistas, funcionários e pais. Através dos questionários, procuramos reconhecer o nível de satisfação dos usuários da creche em relação aos ambientes oferecidos.
- Atividades de desenhos com as crianças. Este contato com as crianças possibilitou-nos compreender a opinião que elas tinham em relação à creche e seus ambientes prediletos.
- Confecção dos mapas comportamentais. Já os mapas nos auxiliaram a visualizar como as informações coletadas até então e os aspectos físicos da edificação se refletiam no comportamento das crianças.

3.2 - ANÁLISE *WALKTHROUGH*

Com o intuito de reconhecer a atual situação do imóvel, foi realizada no período de três dias (3 a 5 de setembro), uma análise através de observações técnicas, utilizando do método *walkthrough*, seguindo um *checklist* pré-estabelecido baseado nos trabalhos de PREISER et al. (1988) e SANOFF (2002b). De início, foi realizada uma primeira incursão no ambiente coletando dados para o ‘*as built*’ e para o preenchimento das fichas de registros elaboradas de forma a se obter um inventário ambiental - o mobiliário existente e sua disposição - que auxiliasse a direcionar a avaliação de desempenho da creche. Em uma segunda incursão, com um olhar mais atento, detivemo-nos em cada ambiente individualmente, avaliando sua condição física, de conforto térmico e acústico e sua densidade ocupacional. Os instrumentos usados para produção e coleta de dados foram conversas informais, desenhos, fotografias, anotações e observações.

De posse deste material, preparamos as fichas de registros³⁰ que contêm informações sobre cada ambiente analisado referentes à atividade nele desenvolvida, às áreas construídas úteis, aos arranjos de mobiliários, e aos dados relacionados à adequação de iluminação, temperatura, ventilação e acústica dos espaços da creche. Como forma de ilustrar a pesquisa, diversas fotografias foram inseridas tanto nas fichas de registros³¹ como no corpo do texto. Em seguida, fizemos a compilação dos dados, dividindo-os segundo os parâmetros da APO – fatores técnicos, funcionais e comportamentais. Essa categorização permitiu-nos visualizar a situação de cada ambiente segundo os tópicos considerados na análise desenvolvida no próximo capítulo.

3.3 - ENTREVISTAS

Foi elaborado um roteiro para as entrevistas baseado no modelo de PREISER et al. (1988), todavia, nada impediu que durante a realização das entrevistas o caminho seguisse outro rumo, visto tratar-se de entrevistas com respostas abertas, as quais, segundo RHEINGANTZ (1995), são mais indicadas “para a obtenção das percepções, crenças, motivações ou planos do entrevistado, que tem maior liberdade de expressão e flexibilidade para obtenção de informações” (RHEINGANTZ, 1995:118). A opção por esse modelo se deu em função de o considerarmos o mais apropriado aos objetivos

³⁰ Cf. Anexo 3

³¹ Cf. os resultados das fichas de registro no Anexo 9

pretendidos: a) compreender como se deu a criação da creche, b) visualizar seu desempenho nos 5 anos de atuação, c) identificar o nível de satisfação a respeito da aparência estética, funcionalidade, segurança, conforto ambiental, manutenção e limpeza. As pessoas consideradas chaves para entrevista foram: a coordenadora do NMPEEC/UFF, Vera VASCONCELLOS; a coordenadora da Creche, Mônica PIKANÇO; a arquiteta responsável pelo projeto da creche, Márcia PINHEIRO e os responsáveis por parte da execução da obra, Ciro SEPULVEDA e Denise NOGUEIRA.

As primeiras conversas informais a respeito da creche iniciaram-se com a Prof. Vera VASCONCELLOS, num primeiro encontro, realizado no dia 15 de julho de 2002, quando lhe foi apresentada a nossa proposta de trabalho. Este diálogo foi valioso, pois, além da professora mostrar-se interessada em avaliar o desempenho da edificação da Creche UFF que estava para completar 5 anos. Pudemos também estabelecer parâmetros realistas sobre os reais desejos tanto do pesquisador, como da responsável pela Creche UFF. VASCONCELLOS mostrou-se bastante solícita a colaborar com a aplicação da APO, cedendo material escrito sobre o histórico da creche. A partir de então, vários outros encontros foram acontecendo e mais informações foram sendo acrescentadas.

A primeira entrevista formal foi realizada então no dia 3 de setembro com a prof. Mônica PIKANÇO, coordenadora da creche, seguindo o roteiro pré-estabelecido³². A coordenadora nos relatou sobre as tentativas de roubo, sobre as diversas goteiras em dias de chuva e inúmeras questões relativas ao funcionamento da creche, dados estes que nos foram válidos durante a análise *walkthrough* realizada posteriormente. Ela nos contou, ainda, casos sobre crianças da favela ao lado que entravam na creche para brincar. Neste encontro aproveitamos também para combinar com a professora uma possível atividade onde os alunos pudessem desenhar à sua maneira a Creche UFF. Nesta tarefa, os educadores e bolsistas da creche estariam envolvidos de modo a nos auxiliar na interpretação dos desenhos.

A entrevista com a arquiteta Márcia PINHEIRO, realizada por telefone no dia 6 de setembro, permitiu-nos compreender como nasceu o projeto da Creche UFF. A arquiteta nos relatou desde o convite para participar do projeto até os problemas ocorridos em sua

³² Cf. Anexo 4

execução³³. Vale lembrar que a execução ficou a cargo da Prefeitura do Campus e que a arquiteta só acompanhou a fase inicial quando foi levantada a estrutura da edificação e a maior parte da alvenaria.

Nosso segundo diálogo ocorreu no dia 6 de outubro de 2002, quando fomos convidadas para um encontro com educadores e bolsistas da Creche UFF, onde apresentamos parte do trabalho. Um terceiro encontro foi realizado no dia 16 de outubro, em função do Seminário³⁴ ministrado pelo professor Henry SANOFF na Universidade Federal Fluminense, onde a arquiteta justamente apresentava uma palestra falando sobre o projeto da Creche UFF.

Ciro SEPULVEDA, funcionário da Prefeitura do Campus, responsável pela execução de uma etapa da obra cuja finalização coincidiu com a inauguração da creche, nos recebeu no dia 5 de fevereiro de 2003 na própria Prefeitura do Campus. Nesta ocasião, tivemos uma conversa informal onde SEPULVEDA nos relatou que fora contratado pela Prefeitura que lhe solicitou um levantamento dos problemas encontrados e um relatório constando o que seria necessário para a abertura da creche em um curto prazo. Cabe dizer que, nesta época, a obra encontrava-se parada - com as alvenarias levantadas e as esquadrias colocadas - uma vez que a firma responsável pela execução havia sido acionada pelo governo. SEPULVEDA então constatou que as esquadrias eram inadequadas sendo necessária sua troca. O piso também encontrava-se em péssimo estado o que exigiu sua quebra e substituição nas áreas mais prejudicadas – no caso, pela falta de verba, optou-se pelo piso vinílico. Apesar da arquiteta Márcia PINHEIRO ter deixado um projeto todo detalhado, Ciro SEPULVEDA encontrou dificuldades em encontrar todas as plantas – talvez pelo longo processo da execução e pelas mudanças de governo. No entanto, o responsável por esta etapa da execução garante ter procurado seguir ao máximo o projeto evitando alterações. As únicas criações de SEPULVEDA foram a área lateral direita onde encontra-se o “campinho” em que os garotos jogam bola e a entrada de britas. Estas alterações foram realizadas para atender às demandas que surgiram durante a execução. No caso do

³³ Parte destas informações foram descritas no item 2.3.2 – *Projeto da Creche UFF*

³⁴ Este seminário, intitulado *Workshop: Avaliação Pós-Ocupação “Estudo de Caso: Creche UFF”*, foi realizado sob coordenação dos professores Paulo Afonso RHEINGANTZ, Márcia PINHEIRO e Vera VASCONCELLOS, envolvendo alunos de graduação e pós-graduação tanto da UFRJ quanto da UFF. Nele o professor convidado, Henry SANOFF, apresentou sua metodologia de trabalho envolvendo os usuários, aplicando-a, posteriormente, em um workshop com alunos na Creche UFF.

pátio lateral, o engenheiro argumentou que partiu dos pais e responsáveis que solicitaram que as crianças tivessem uma área externa para brincar mas que fosse protegida, uma vez que o muro que hoje separa a favela da creche ainda não existia. Em relação à entrada, as britas foram usadas como forma de permitir que os usuários limpassem os pés antes de entrar na creche já que havia muito barro ao redor.

Ainda no dia 5 de fevereiro, sobre sugestão de SEPULVEDA, procuramos a arquiteta Denise NOGUEIRA, responsável pela finalização da creche (berçário, lactário, descanso e área dos funcionários) após a inauguração. Ela nos relatou sobre sua experiência na creche e nos tirou algumas dúvidas como, por exemplo, que a circulação da área do berçário já havia sido pensado como local de descanso na época do projeto.

Todas essas informações colaboraram para a compreensão tanto do nascimento do projeto quanto das respostas dadas aos questionários e das causas de alguns problemas verificados na análise *walkthrough*.

3.4 - QUESTIONÁRIOS

Com o intuito de identificar o nível de satisfação dos usuários da Creche UFF, elaboramos um questionário baseado em modelos propostos por PREISER et al. (1988), ORNSTEIN (1992), RHEINGANTZ (1995) e CHIMENTI (2000). Desta forma, procuramos obter nas primeiras perguntas (1-3) dados gerais sobre a frequência na creche, a forma de acesso e locais de maior permanência. Nas questões seguintes (4-6), abordamos questões referentes à localização e ao edifício como um todo para, então, aprofundarmo-nos espaços oferecidos pela creche. Nas perguntas do quadro 7-8, apresentamos questões sobre o desempenho das salas de atividades, sanitários, refeitório, setores administrativos, espaços livres e circulação, entrada, pátio lateral e pátio interno, referentes aos aspectos de tamanho, escala em relação à criança, aparência estética, flexibilidade de uso, temperatura, nível de ruído, conforto do mobiliário, iluminação e ventilação. Já o quadro 9, diz respeito à qualidade dos materiais usado nas instalações da creche e o quadro 10 à classificação dos maiores problemas encontrados na unidade. Por fim, apresentamos um espaço para que fossem oferecidas sugestões visando o melhoramento do funcionamento da creche. Os dados relacionados ao respondente foram deixados para o final de modo a não inibi-lo com informações pessoais logo de início.

Vale aqui ressaltar que, as questões referentes à avaliação da satisfação dos usuários utilizaram de uma escala de valores (-3, -2, -1, 1, 2, 3), numa quantidade par (6) para que os respondentes tivessem que optar por respostas mais positivas ou mais negativas, evitando assim, a marcação na coluna do meio. De modo a permitir que os participantes da pesquisa pudessem expressar suas idéias a respeito da Creche UFF, apresentamos, ao fim de cada ambiente específico, o item “outros”.

No dia 3 de setembro, foi aplicado um pré-teste em uma bolsista, uma servidora e uma funcionária da limpeza, a fim de verificar se este instrumento atendia ao propósito para que fora elaborado. Desta forma, foram realizadas mudanças no questionário relativas à redação – termos e expressões -, tais como:

- Adequação à escala da criança foi substituído por Proporção ao tamanho da criança;
- Ao termo Aparência estética, foi acrescida a palavra beleza;
- Ao termo Flexibilidade de uso, foi acrescida, em alguns casos, a pergunta é possível a mudança na disposição dos móveis?; em outros, é possível a troca de sua função original?;
- Ao termo Nível de ruído, foi acrescida a palavra barulho;

Depois de devidamente corrigidos os questionários, foram feitas 89 cópias para distribuir à amostragem já definida – todos os funcionários, bolsistas, educadores e pais/responsáveis. Os questionários foram entregues à recepção da Creche UFF para que a responsável pela recepção pudesse entregá-los a cada pai/responsável, junto à caderneta da criança, no dia 5 de setembro, solicitando que os mesmos fossem devolvidos devidamente preenchidos no prazo de 5 dias. A coordenadora da Creche UFF, prof. Mônica PICANÇO, colaborou bastante com nosso trabalho ao também nos oferecer a ajuda da recepcionista para distribuição dos questionários, não apenas aos pais/responsáveis, mas também aos bolsistas, funcionários e professoras, relacionando as entregas em uma listagem para posterior verificação. Estivemos presentes junto à recepção durante parte da distribuição

para explicar os objetivos da pesquisa a fim de motivar os usuários a colaborar respondendo o questionário³⁵.

Como combinado, os questionários foram recolhidos no dia 10 de setembro. Dos 89 questionários distribuídos, 28 foram devolvidos até o dia 10 de setembro totalizando uma porcentagem de 32%. Fora do prazo, foram entregues mais 17 questionários preenchidos, chegando a uma porcentagem final de 50,6% do total distribuído. Dos 13 bolsistas, apenas 9 devolveram o questionário; em relação aos professores e funcionários, 12 dos 18 responderam; pelos pais só retornaram 24 formulários.

categorias	Distribuídos		Devolvidos		Percentual de devolução
	frequência	percentual	frequência	percentual	
educadores	9	10,1%	7	15,6%	77,8%
funcionários	9	10,1%	5	11,1%	55,5%
bolsistas	13	14,6%	9	20%	69,3%
pais	58	65,2%	24	53,3%	41,4%
total	89	100%	45	100%	50,6%

Tabela 1 – Relação dos questionários distribuídos e devolvidos

Os dados dos questionários foram, então, compilados tanto por suas categorias³⁶, quanto pelo somatório total de respostas obtidas nos questionários³⁷. O método usado para tanto foi o de frequência absoluta. Buscamos, desta forma, traduzir os resultados dos questionários de forma que o leitor pudesse compreender a tendência do respondente, fosse ela positiva ou negativa. Cada item foi quantificado e seu resultado apresentado em função da questão que abordava – localização da creche, creche em geral, salas de atividades, sanitários, refeitório, setores administrativos, espaços livres e circulações, entrada, pátio lateral, pátio semi-aberto e qualidade global dos materiais usados no edifício.

³⁵ Talvez o resultado tivesse sido mais satisfatório se houvesse a possibilidade de acompanhar pessoalmente o preenchimento de cada um deles, já que resultados como, por exemplo, o de uma senhora que nos entregou um formulário todo preenchido numa só coluna mostrando um grande desinteresse por parte de alguns.

³⁶ Cf. item 4.3.2 – *Quadro Comparativo das Respostas dos Diferentes Usuários*.

³⁷ Cf. item 4.3.1- *Principais Impressões dos Respondentes dos Questionários*.

3.5 – ATIVIDADES DE DESENHO COM AS CRIANÇAS

Visando reconhecer a opinião que as crianças têm da Creche UFF, elaboramos atividades de desenhos baseadas em sugestões de SANOFF (1995) que propõem que se façam desenhos com as crianças permitindo-lhes expressar seus ambientes prediletos. No nosso caso, acreditamos que os resultados das atividades de desenho nos auxiliaram na análise dos mapas comportamentais, permitindo, até mesmo, serem tratados de forma comparativa os lugares descritos como preferidos e os comportamentos observados nestes ambientes. A princípio, as atividades seriam realizadas pelas turmas da sala de atividades 1 e 2, a quem denominamos turma dos maiores, e da sala de atividades 3 e 4, a quem chamamos de turma dos menores. No entanto, durante a realização dos desenhos, percebemos que os menores não tinham capacidade motora de expressar suas idéias em forma de desenho e buscamos encontrar as informações que buscávamos através de conversas informais com eles. As educadoras responsáveis pelas turmas acompanharam e colaboraram com o levantamento de dados junto às crianças.

A primeira atividade de desenho foi realizada no dia 5 de novembro de 2002, com a turma dos maiores, às 10:00 da manhã. O local escolhido para o desenvolvimento da tarefa foi a sala de artes. A professora responsável pela turma da manhã, Andréia NASCIMENTO, apresentou a pesquisadora ao restante das crianças, dizendo que juntos desenvolveríamos um trabalho. Explicamos que gostaríamos que eles desenhassem a Creche UFF. Procuramos não lhes fornecer muitas informações a fim de não interferir em seus desenhos. O intuito da atividade era reconhecer o que lhes vinha em mente quando pensavam na creche. Apenas uma parte da turma participou desta atividade, totalizando um número de 7 crianças, 4 meninos e 3 meninas. Enquanto as crianças desenhavam, conversávamos com elas para compreender melhor o que queriam passar com seus desenhos, que imagem da creche estavam retratando. Os resultados da análise destes desenhos estão comentados no próximo capítulo.

A turma dos menores também participou das atividades de desenho. No dia 12 de novembro de 2002, às 10:30 da manhã, a educadora Mabel SANTOS, junto a uma bolsista que a acompanhava, iniciou a tarefa com uma conversa com as crianças cujo assunto era os ambientes da Creche UFF. A professora estimulava as crianças a conversarem sobre os diferentes espaços da instituição com perguntas do tipo: “como é a Creche UFF?”; “onde

se escova os dentes?"; "qual o nome da sala onde fazemos colagens e pinturas?". Depois de fazer uma recapitulação de todos os ambientes da creche, Mabel distribuiu papel e giz de cera para que as crianças desenhassem. Optamos por trabalhar com esta metodologia, porque as crianças desta turma estão entre 2 anos e meio e 3 anos e meio. Assim a pesquisadora participou da atividade apenas observando. Depois de terminados os desenhos, a educadora perguntou a cada criança o que tinha desenhado e escreveu as respostas no papel. Vale dizer que, devido aos resultados obtidos nesta atividade, decidimos não realizar mais desenhos³⁸ com estas crianças.



Figura 29 – Turma dos menores desenhando



Figura 30 – Detalhe de uma garota desenhando

A segunda atividade com a turma dos maiores aconteceu no dia 20 de novembro, às 15:30. O dia estava muito quente e as crianças agitadas, por isso foi difícil conquistar sua atenção. Assim, poucas crianças participaram da atividade, sendo sua maioria meninas. Foi realizado um trato entre a pesquisadora e as crianças: assim que terminassem os desenhos, tiraríamos fotos deles com seus trabalhos. Foi uma alternativa de última hora que serviu de incentivo à realização da tarefa. Solicitamos que fizessem desenhos dos ambientes preferidos da creche e, enquanto realizavam a tarefa, conversávamos sobre o que desenhavam. Pela dificuldade de expressão gráfica nesta fase do desenvolvimento motor da criança, nem sempre os desenhos eram de fácil interpretação e, por este motivo, os comentários e as "traduções" dos desenhos expressas por seus autores mirins eram anotados imediatamente pela pesquisadora em caderno de campo, o que foi de grande valia para sua posterior análise. Por fim, cumprimos o trato e fotografamos as crianças com seus desenhos.

³⁸ Cf. os desenhos das crianças no Anexo 11



Figura 31 – Turma dos maiores mostra os desenhos



Figura 32 – Detalhe de uma garota e seu desenho

Posteriormente digitalizamos os desenhos e descrevemos os relatos das crianças. Os resultados encontram-se detalhados na seção 4.4 – *Análise dos Desenhos das Crianças*.

3.6 - MAPAS COMPORTAMENTAIS

Para complementar o estudo referente ao aspecto comportamental, optamos pelo uso de mapas comportamentais, mencionando as atitudes mais comuns e em que áreas ocorrem. Segundo SANOFF (1995:105) observar as crianças em suas atividades diárias é a melhor forma de compreender o que elas querem e gostam. Da mesma forma que elaboramos fichas de registro para a análise *walkthrough*, montamos fichas para nos auxiliar nas anotações e observações. Baseando-nos em trabalhos de LEGENDRE (2002a e 2002b) e SANTANA (2000), decidimos por trabalhar com intervalos de 10 minutos de observações. Assim, nossas observações foram realizadas nos dias 19 e 20 de novembro de 2002, quando cada ficha foi preenchida de modo a relatar os acontecimentos ocorridos em um determinado ambiente (sala de atividades, sala de artes, descanso, refeitório, pátio interno e pátio externo) num período de 10 minutos. Procuramos observar o comportamento das crianças em sua rotina, utilizando como base as plantas dos ambientes, onde anotamos as principais movimentações dos adultos e das crianças, além de identificar, através dos símbolos pré-estabelecidos, suas atitudes durante aquele período de tempo³⁹. HORNE (2002) utiliza-se também deste artifício em seu trabalho ao mapear, na planta das salas, a localização do professor durante a aula, complementando com uma análise de com quem ele interage e incluindo ilustrações e fotografias das características físicas do local.

³⁹ Cf. a legenda e os mapas comportamentais no Anexo 12

“Observações de comportamento permitem inferir até onde e como o ambiente construído apoia ou interfere na ocorrência dos comportamentos e atividades dos usuários, especialmente os efeitos colaterais que o ambiente construído pode provocar nas relações entre indivíduos e o próprio ambiente, as quais, conseqüentemente, afetam o nível de manutenção e tipo de número de alterações (físicas e comportamentais) introduzidas pelos usuários nas edificações e espaços” (REIS & LAY 1994:36).

Estas observações participativas nos auxiliaram ainda na identificação das interações entre criança-adulto e criança-criança nos diferentes ambientes e arranjos espaciais da creche. Os ambientes escolhidos para esta análise foram: salas de atividades, sala de artes, refeitório, pátio interno e pátio externo. Estes instrumentos foram, então, agrupados e analisados de forma a nos auxiliar na compreensão da influência do espaço no desenvolvimento das crianças. Os resultados obtidos encontram-se no item 4.5 – *Análise dos Mapas Comportamentais*.

3.7 – ARRANJOS ESPACIAIS

Durante nossa incursão na Creche UFF, observamos, ainda, os arranjos espaciais nos diferentes ambientes oferecidos pela creche, buscando classificá-los, segundo conceitos de LEGENDRE (1983, 1986, 1987), em arranjos abertos, semi-abertos e fechados – conceitos esses explicitados no item 1.2.4 - *Arranjos Espaciais*. Nesta etapa, procuramos também reconhecer as interações que esses arranjos promoviam, bem como compreender como estes afetavam no desenvolvimento da autonomia das crianças. Os ambientes avaliados foram os mesmos considerados nos mapas comportamentais: salas de atividades, sala de artes, refeitório, pátio interno e pátio externo. Os resultados deste estudo estão descritos no próximo capítulo, no item 4.6 - *Análise dos Arranjos Espaciais*.

3.8 - LIMITAÇÕES

Apesar da excelente receptividade dos responsáveis pela Creche UFF e de seus funcionários, que se colocaram a nossa disposição para colaborar com nossa pesquisa, tivemos alguns problemas no decorrer da investigação.

As chuvas ocorridas no mês de outubro adiaram a realização de algumas atividades de desenho devido às inúmeras goteiras que se formavam no interior da creche impossibilitando seu funcionamento normal. Nesses dias de muita chuva, muitos pais também deixavam de levar sua crianças à instituição. Ainda no mês de outubro, tivemos a

semana de aniversário da Creche UFF - incluindo o workshop com o professor Henry SANOFF -, que também alterou a rotina da unidade e as férias dos pais/alunos da Universidade Federal Fluminense.

Também encontramos dificuldades na realização da atividade de desenhos com a turma dos mais novos – crianças entre 2 anos e $\frac{1}{2}$ e 3 anos e $\frac{1}{2}$ –, visto essas ainda se encontrarem numa fase de desenvolvimento da coordenação motora para desenhar. Procuramos suprir tal deficiência com conversas informais, buscando descobrir as áreas de sua preferência. No entanto, mesmo com o auxílio dos educadores responsáveis pela turma, obtivemos respostas pouco produtivas.

Cabe aqui dizer que, apesar dessas limitações, os dados produzidos/coletados possibilitaram-nos visualizar o nível de desempenho da edificação da Creche UFF e a sua influência no desenvolvimento das crianças, propósito desta pesquisa, como será mostrado nos capítulos que se seguem. Vale dizer que, neste capítulo, apresentamos de forma detalhada os **Materiais e Métodos** de modo a facilitar a compreensão da **Análise dos Resultados** apresentados no próximo capítulo.

4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS

“Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las
Que tristes caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!”
(Mário Quintana).

Este capítulo objetiva descrever, interpretar e explicar os dados produzidos/coletados em nossa pesquisa de campo, de modo a obter respostas para as questões formuladas em nosso estudo. Os métodos e técnicas de análise levaram em conta os instrumentos, a natureza dos dados e da ênfase desejada.

4.1 – ANÁLISE WALKTHROUGH – AVALIAÇÃO TÉCNICA

Esta etapa da pesquisa, incluindo produção/coleta de dados e sua interpretação, baseou-se em trabalhos de PREISER et al. (1988), RHEINGANTZ (1995) e CHIMENTI (2000). A fim de possibilitar uma melhor compreensão do desempenho da edificação da Creche UFF, trabalhamos com os 3 fatores – técnico, funcional e comportamental – da APO os quais descrevemos separadamente em função de cada ambiente. Optamos por essa maneira de expor os resultados por acreditarmos que, assim, facilitaríamos ao leitor uma compreensão global de cada ambiente avaliado.

Na análise técnica do ambiente, consideramos os pisos, as paredes, as esquadrias, os tetos, iluminação natural/artificial, acústica, movimentação de ar/temperatura/umidade e densidade ocupacional. Já no aspecto funcional, trabalhamos com fatores de segurança, circulações, flexibilidade e mudanças e layout. Por fim, avaliamos os usos dos ambientes e questões de proximidade e território nos fatores comportamentais.

SALAS DE ATIVIDADES

Fatores Técnicos

- Pisos – Os 3 conjuntos de salas geminadas possuem piso vinílico em dois tons trabalhados como um tabuleiro de dama. Este encontra-se bem conservado e limpo. Os banheiros das respectivas salas possuem piso cerâmico, cada um deles com cerâmicas de modelo, cor e dimensões diferentes e estados de conservação adverso.

- Paredes – As paredes são em alvenaria estrutural (blocos de concreto) com acabamento em pintura cor creme e os pilares são pintados com tonalidade mais escura – ocre. De modo geral, as paredes encontram-se conservadas. No entanto, em certas áreas podemos notar marcas de infiltração de águas pluviais (Fig. 33).



Figura 33 – Parede com infiltração



Figura 34 – Laje com sinais de infiltração de águas pluviais

- Tetos – Os tetos das salas recebem forro em treliça de madeira pintada de modo a esconder sua cobertura. A área central que conecta as salas de atividades possui laje que apresenta sinais de infiltração e estrutura danificada (Fig.34). Os tetos dos banheiros encontram-se em situação mais precária. Em algumas situações, notamos desprendimento de material, falta de conservação e marcas de infiltração. Vale frisar que as clarabóias presentes nos sanitários apresentam infiltrações e deterioração do material que a reveste (madeira). No caso do banheiro do berçário, parte desse material foi retirado (Fig.35 e 36).



Figura 35 – Clarabóia com revestimento removido



Figura 36 – Laje do banheiro com infiltrações

- Esquadrias – As esquadrias da sala são em alumínio que fazem parte de um montante de divisória estrutural. Estas, apesar de possuírem uma boa apresentação, permitem a entrada de água em épocas de chuva. Sua forma de abertura – tipo bascula –, além de

torna-se um obstáculo ao se abrir para a parte externa onde as crianças costumam brincar, não permite uma circulação de ar suficiente no interior das salas, comprometendo mais ainda a temperatura em seu interior (Fig.37 e 38).



Figura 37 – Janelas abrindo para o parquinho



Figura 38 – Aberturas insuficientes

- Iluminação natural/artificial– A iluminação natural das salas é feita através das janelas e dos vidros da porta, não sendo suficiente e demandando o uso de luz artificial. Nos banheiros, a iluminação natural se dá através das clarabóias. Como os banheiros possuem uma área menor, este artifício parece cumprir sua função. Toda a iluminação artificial é realizada por meio de luminárias fluorescentes.



Figura 39 – Ambiente com pouca luz natural



Figura 40 – Ambiente com pouca luz natural

- Acústica – Não foram observados problemas de acústica no interior das salas que não se encontram próximas a áreas de barulho excessivo. O único barulho observado é aquele produzido pelas próprias crianças. Durante as atividades, não é preciso que as professoras alterem seu tom de voz, a não ser em ocasiões em que as crianças encontram-se bastante agitadas.

▪ Movimento de ar / Temperatura / Umidade – Em relação à circulação de ar, como dissemos anteriormente, o tipo de esquadria usado e o seu vão de abertura comprometem a ventilação do ambiente. Como o forro é inadequado ao uso, a temperatura interna das salas de atividades é muito elevada, principalmente nos dias mais quentes do ano. Nem mesmo a utilização de ventiladores consegue resolver o desconforto térmico. A ventilação dos banheiros está comprometida pela inexistência de circulação direta de ar. É válido voltar a falar sobre os problemas enfrentados em dias de chuva quando a água invade o ambiente das salas de atividades através das esquadrias que possuem vedação ineficiente (Fig. 41, 42, 43, 44 e 45).



Figura 41 – Funcionária retira água da chuva que invade a sala



Figura 42 – A água da chuva entra pela esquadria da porta



Figura 43 – Detalhe da água entrando pela fresta da esquadria



Figura 44 – Piso do banheiro molhado pela chuva



Figura 45 – Bancada do banheiro molhada pela chuva

▪ Densidade Ocupacional – As salas apresentam uma boa área para o número de crianças e o tipo de atividade que abrigam. Sua área de aproximadamente 51m^2 permite uma relação de 2m^2 por criança. Se comparado com o *Manual para Elaboração de Projetos de Creches na Cidade do Rio de Janeiro* (2000), que aconselha uma área mínima para cada criança entre $1,60\text{m}^2$ (Rel. PROAP-RIO) e $2,00\text{m}^2$ (Res. SMDS 328/98) nas salas de atividades, podemos dizer que a creche oferece um bom espaço para as crianças.

Apesar das normas da legislação vigente recomendarem uma área mínima de 1/6 do piso, o que se constata, na prática, é que, em climas quentes e úmidos como o do Rio de Janeiro, essa metragem não é suficiente para arejar o ambiente.

Fatores Funcionais

- **Segurança** – As salas não possuem um esquema diferenciado de segurança. As portas que estão voltadas para o pátio externo permanecem trancadas o dia todo, sendo abertas apenas pelas professoras nos momentos de recreação com as crianças. Percebemos também que, nas salas de atividades, as instalações elétricas são posicionadas em altura mais elevada que o normal, de modo que as crianças não as acessem, evitando, assim, pequenos acidentes (Fig. 47). Neste mesmo sentido, foram colocadas fitas anti-derrapantes nos degraus do chuveiro para evitar que as crianças escorregassem na hora do banho (Fig. 46).



Figura 46 – Detalhe das faixas anti-derrapantes nos degraus



Figura 47 – Detalhe dos pontos elétricos fora do alcance das crianças

- **Circulações Internas** – Cada conjunto de salas é composto por duas salas ligadas por um ambiente menor onde são realizadas as “rodinhas”. O banheiro, localizado no centro deste conjunto, pode ser acessado pelas duas salas principais. Cabe aqui dizer que a sala dos maiores não possui portas para a circulação interna da creche.

- **Flexibilidade e Mudanças** – O projeto deste conjunto de salas permite uma flexibilidade de uso dos espaços. Os “cantinhos”, formados pelos ângulos nas extremidades das salas, são constantemente utilizados pelas crianças que lhes conferem diferentes usos. O lay-out das salas permite freqüentes alterações conforme a atividade a ser realizada pela professora (Fig.48 e 49).



Figura 48 – Sala 3 – momento 1



Figura 49 – Sala 3 – momento 2

▪ **Layout** – O mobiliário disponível, apesar de ser proporcional ao tamanho das crianças, não parece confortável (Nos questionários distribuídos, verificamos que 32,70% dos respondentes dão notas negativas ao conforto do mobiliário). Seguindo a pedagogia adotada, não há mobiliário específico para os educadores e bolsistas. Os brinquedos estão dispostos em estantes e prateleiras baixas para que as crianças possam utilizá-los independentes da ajuda de um adulto.

Fatores Comportamentais

- **Uso dos ambientes** – As salas são utilizadas de diferentes maneiras: as professoras propõem atividades às crianças, as crianças brincam livremente, nas rodinhas discute-se o que fazer no dia, professoras contam histórias para as crianças, assiste-se a filmes no vídeo, entre outras coisas.
- **Proximidade e Território** – Os painéis espalhados pelas paredes das salas de atividades permitem que as próprias crianças coleem e vejam seus trabalhos expostos, uma vez que estes painéis encontram-se na linha de visão das crianças. Esta possibilidade de apropriar-se do espaço e demarcar seu território possibilita à criança identificar-se com o ambiente.

SETOR ADMINISTRATIVO

Fatores Técnicos

- **Pisos** – Os ambientes que compõem o setor administrativo também possuem piso vinílico em tonalidade clara, o qual encontra-se bem conservado, sem manchas e limpo (Fig.50).



Figura 50 – Piso da sala de reuniões



Figura 51 – Parede da sala de reuniões

- Paredes – As paredes são em alvenaria estrutural (bloco de concreto) com acabamento em pintura cor creme e os pilares são pintados com tonalidade mais escura – ocre. De modo geral, as paredes encontram-se conservadas, sem manchas, trincas ou infiltrações. Uma parte do fechamento destes ambientes é feito por divisória estrutural na qual é fixada a porta – do mesmo material. Estas divisórias também possuem um bom estado de conservação (Fig.50 e 51).
- Tetos – Os tetos das salas recebem forro em treliça de madeira pintada de modo a esconder sua cobertura. Em algumas áreas, o forro apresenta desgaste do material.



Figura 52 – Sala das bolsistas



Figura 53 – Esquadria da sala de reuniões

- Esquadrias – As esquadrias das salas são em alumínio e estão fixadas a um montante de divisória estrutural (Fig.50, 52 e 53). Apesar de apresentar bom estado de conservação, esse tipo de esquadria com abertura para o exterior – pátio interno - não parece ser uma

boa solução, pois, desta forma, além de torna-se um obstáculo à circulação das crianças, compromete a circulação de ar no interior das salas (Fig.53). Diferentemente de outros ambientes, suas esquadrias apresentam boa estanqueidade à penetração das águas da chuva.

- Iluminação natural/artificial – A iluminação natural das salas é feita através das janelas, no entanto, não se mostram suficientes, sendo, assim, necessária a utilização de luz artificial através de luminárias fluorescentes (Fig. 50 e 51).
- Acústica – Não foi observado qualquer tratamento especial em relação à acústica das salas do setor administrativo, talvez pelo fato de não estarem localizadas próximas a áreas de barulho externo. No entanto, é preciso que se mantenham as portas fechadas para que não se ouça o barulho das crianças quando elas estão agitadas. Notamos, ainda, que os encontros mensais entre professores e bolsistas, realizados na sala de reuniões, são sempre à portas fechadas.
- Movimento de ar / Temperatura / Umidade – O tipo de esquadria adotado no projeto não permite um grande aproveitamento das aberturas comprometendo a circulação de ar e, conseqüentemente, a temperatura interna. A temperatura elevada é amenizada pela utilização de aparelhos de ar-condicionado.
- Densidade Ocupacional – As salas destinadas à administração e à coordenação são pequenas e abrigam um número reduzido de pessoas. Já a sala de reuniões possui dimensões mais generosas. No entanto, em ocasiões onde há uma maior densidade, nota-se que seu espaço é insatisfatório. Na ocasião do Workshop proferido pelo arquiteto Henry SANOFF, pudemos participar de uma exposição realizada na sala de reuniões e, assim, constatar que o espaço não suporta um grupo mais numeroso como o do evento.

Fatores Funcionais

- Segurança – As salas não possuem um esquema diferenciado de segurança. Os usuários relatam que as tentativas de assalto são freqüentes.
- Circulações – A circulação entre as salas que compõem o setor administrativo é feita por um átrio, que atende bem à demanda.

- **Flexibilidade e Mudanças** – As salas da administração e coordenadoria são pequenas e o mobiliário não permite alterações no lay-out. A sala de reuniões, apesar das dimensões serem maiores, possui um mobiliário que limita as mudanças.
- **Lay-out** – Os móveis parecem não oferecer muito conforto aos usuários além de não seguirem uma padronização estética (Mais de 70% dos usuários deste espaço reclamam nos questionários do conforto oferecido pelo mobiliário). Encontram-se, nestes ambientes, trabalhos das crianças expostos assim como informações referentes à creche.

Fatores Comportamentais

- **Uso dos ambientes** – As salas de administração e coordenadoria abrigam normalmente um número reduzido de pessoas por um período maior de tempo. Já a sala de reuniões é utilizada, principalmente, em horários e dias programados, quando são realizados encontros e orientações entre educadores e bolsistas. As bolsistas possuem ainda uma pequena sala (Fig.52) para que possam guardar seus materiais e pertences, além de estudar. A coordenadora possui sua própria sala para trabalhar e atender ao público. O setor administrativo propriamente dito ocupa uma sala de dimensões reduzidas onde uma média de 3 pessoas se ocupam da administração da creche. Este ambiente recebe, em algumas ocasiões, a visita de bolsistas e professores por diversos fins.

CIRCULAÇÃO INTERNA E CORREDORES

Fatores Técnicos

- **Pisos** – O material usado na maior parte da circulação interna é o piso vinílico em cor clara (Fig.54). Este revestimento apresenta-se bem conservado, limpo e sem manchas. No entanto, percebe-se, em frente ao acesso ao pátio interno, um encontro de materiais o qual evidencia que os pisos foram executados em épocas diferentes (Fig.56). Nota-se, ainda, a utilização de adesivos plásticos em forma de flor demarcando o fluxo principal (Fig.55).



Figura 54 – Piso da circulação



Figura 55 – Detalhe do piso



Figura 56 – Encontro de materiais

▪ Paredes – As paredes são em alvenaria estrutural (bloco de concreto) com acabamento em pintura cor creme e os pilares são pintados com tonalidade mais escura – ocre. De modo geral, as paredes encontram-se relativamente bem conservadas. No entanto, em certas áreas, podemos notar manchas e marcas de infiltração de águas pluviais⁴⁰. Em pontos chave, são usados tijolos vazados como forma de melhorar a ventilação dos ambientes (Fig.57).



Figura 57 – Paredes da circulação interna



Figura 58 – Detalhe dos equipamentos fixos na parede

▪ Tetos – Os tetos recebem forro em treliça de madeira pintada de modo a esconder sua cobertura. Em algumas áreas, evidenciamos desprendimento de material, falta de conservação e, principalmente, forte incidência de infiltrações (Fig.59, 60 e 61). Assim

⁴⁰ Cf. Anexo 8

como nos sanitários, as clarabóias da recepção apresentam infiltrações e deterioração do material que a reveste (madeira).



Figura 59 – Infiltrações na clarabóia



Figura 60 – Forro danificado pelas infiltrações



Figura 61 – Desprendimento de material

▪ Iluminação natural/artificial – A iluminação natural nestes ambientes se dá através das clarabóias localizadas na recepção e dos fechamentos em tijolo vazado (Fig.63). Tais artifícios, no entanto, não se mostram suficientes deixando os ambientes em alguns horários, um pouco escuro (Fig.62). A utilização de iluminação artificial é realizada por luminárias fluorescentes embutidas no forro (Fig.63).



Figura 62 – Ambientes com pouca luz natural



Figura 63 – Presença de clarabóias, tijolos vazados e luminárias fluorescentes

▪ Movimento de ar / Temperatura / Umidade – Em relação à circulação de ar, podemos dizer que neste ambiente é restrita. Como no restante da creche, o tipo de cobertura e forro adotado, somado à pequena circulação de ar, tornam a temperatura bastante elevada. Cabe aqui ressaltar ainda que, em dias de chuva, diversas goteiras aparecem no forro, molhando o piso e prejudicando o bom funcionamento da creche (Fig.64, 65 e 66).



Figura 64 – Circulação em dias de chuva



Figura 65 – Circulação do descanso em dias de chuva



Figura 66 – Detalhe das goteiras na entrada da creche

- Densidade Ocupacional – Não foram evidenciados problemas com relação ao dimensionamento dos corredores. Mesmo nos momentos de entrada e saída de crianças trazidas pelos responsáveis, a circulação parece atender bem à sua demanda.

Fatores Funcionais

- Segurança – Notamos que existem extintores de incêndio distribuídos pelas circulações e corredores (Fig. 67 e 68). A porta de acesso ao pátio interno permanece aberta quase o tempo todo. Já a porta de entrada da creche é fechada quando a recepção está vazia, ou seja, sem um responsável pelo atendimento ao público.



Figura 67 – Porta de acesso à creche



Figura 68 – Detalhe do extintor de incêndio

- Flexibilidade e Mudanças – Durante as observações, notamos que a circulação a qual dá acesso ao conjunto de salas do berçário assume função de sala de descanso logo após as refeições (Fig.69 e 70). No entanto, devemos frisar que o ambiente não possui mobiliário

adequado a tal função, constando apenas de alguns colchonetes. Normalmente, este espaço também comporta um “estacionamento” de triciclos. A arquiteta Denise NOGUEIRA nos explicou que este ambiente, desde o projeto, foi planejado para servir a este fim e que, normalmente, nas demais creches, os ambientes de descanso são compostos de colchonetes.



Figura 69 – Circulação como descanso – Momento 1



Figura 70 – Circulação como descanso – Momento 2

Fatores Comportamentais

- **Uso dos ambientes** – A circulação de acesso ao berçário assume também funções não previstas no projeto – tal como de “estacionamento” para os triciclos. Esta área é usada, todos os dias depois das refeições, por um grupo de crianças, acompanhadas de seus responsáveis, como local de descanso (Fig.69 e 70). Nestas ocasiões, nem sempre as crianças permanecem fazendo atividades mais tranquilas como leitura de historinhas pelo educador, por exemplo. Durante nossas observações, evidenciamos momentos de bastante descontração com atividades de faz-de-conta. A circulação principal, em algumas situações – geralmente nos dias quentes, quando as crianças estão mais agitadas – é palco de correria dos garotos, em outras, é aproveitada para fazer uma “rodinha” de discussão – como no dia em que as crianças voltavam de um passeio e a professora organizou este encontro na circulação principal para discutir o comportamento agressivo de um garoto durante o passeio.

- **Proximidade e Território** – Notamos a presença de trabalhos das crianças distribuídos nos painéis da circulação, fato que demonstra como lhes é permitido demarcar seu território e imprimir sua marca no espaço da creche. Estes painéis abrigam ainda relatos de projetos pedagógicos desenvolvidos na instituição bem como informações referentes à creche em questão.

SALA DE ARTES

Fatores Técnicos

▪ Piso – O piso da sala de artes é em granilite que apresenta sinais de desgastes e manchas (Fig.71). Vale aqui lembrar que, Ciro SEPULVEDA nos relatou que ao fazer um levantamento da obra – que, na época em que iniciou seus trabalhos, encontrava-se parada -, foi evidenciado que o piso executado encontrava-se em estado de conservação ruim, sendo necessário a troca de parte dele por piso vinílico – encontrado na recepção, setor administrativo, biblioteca, enfermaria, salas de atividades e parte da circulação.



Figura 71 – Detalhe do piso da sala de artes



Figura 72 – Divisória pintada pelas crianças

▪ Paredes – As paredes são parcialmente em alvenaria estrutural (blocos de concreto) com acabamento em pintura cor creme e detalhes ocre e em divisória estrutural que apresenta pintura realizada pelas próprias crianças em diversas tonalidades (Fig.72). Em dias de chuva, essas divisórias permitem que entre água pelo piso o qual possui caimento para o interior do ambiente.

▪ Teto – O teto, como na maior parte da creche, recebe forro em treliça de madeira pintada. Seu estado de conservação é considerado bom, não apresentando sinais de infiltrações.

▪ Esquadrias – As esquadrias da sala são em alumínio e são fixadas a um montante de divisória estrutural. Apesar de apresentarem bom estado de conservação, não têm boa vedação, permitindo a entrada de água de chuva, além de seguirem o padrão das demais esquadrias da creche (Fig.73), tornando-se um obstáculo no caminho dos pequenos. Assim, após um acidente com uma criança, a Prefeitura do Campus responsabilizou-se pela troca, optando por um modelo de correr (Fig.74). Vale, no entanto, dizer que essa alteração só foi realizada no lado de maior fluxo de circulação.

▪ Iluminação natural/artificial – A iluminação natural na sala de artes é feita através de janelas que se encontram nas duas laterais da sala. Devido a estes grandes vãos, podemos dizer que o quesito iluminação é bem atendido neste ambiente (Fig.75). A utilização de iluminação artificial é realizada por luminárias fluorescentes embutidas no forro.



Figura 73 – Detalhe da janela tipo bascula



Figura 74 – Detalhe da janela de correr



Figura 75 – Ambiente bem iluminado

▪ Movimento de ar / Temperatura / Umidade – Em relação à circulação de ar, podemos dizer que neste ambiente é satisfatória. As janelas nas duas paredes laterais, junto ao ventilador, parecem proporcionar uma boa movimentação de ar no ambiente que, ainda assim, é quente nos dias de verão. A janela de correr – diferente das demais – permite uma maior ventilação na sala de artes. Cabe aqui repetir que, em dias de chuva, a divisória permite a entrada de água no ambiente, prejudicando seu funcionamento (Fig.76 e 77).



Figura 76 – Infiltração de água pela fresta na divisória



Figura 77 – Detalhe da poça d'água

▪ Densidade Ocupacional – A sala de artes oferece uma boa área de trabalho. Este ambiente evidencia uma densidade ocupacional maior que os demais, visto abrigar um maior número de pessoas numa metragem quadrada menor. No entanto, é importante ressaltar que, durante as observações, a sala nunca foi usada por mais de 12 crianças –

normalmente as educadoras dividiam a turma dos maiores em dois grupos os quais usavam a sala em momentos distintos. Desta forma, podemos concluir que o ambiente atende de forma confortável aos seus usuários.

Fatores Funcionais

- Segurança – Existe um extintor de incêndio próximo à porta de entrada (Fig.78). Este ambiente costuma ficar fechado quando não está sendo utilizado. As mesas e cadeiras não possuem quinas, evitando, desta forma, que as crianças se machuquem.



Figura 78 – Detalhe do extintor de incêndio



Figura 79 – Porta de entrada da sala de artes



Figura 80 – Detalhe do interior da sala de artes

- Circulação Interna – Por ser um ambiente pequeno e possuir 4 conjuntos de mesas com cadeiras, a circulação fica reduzida. No entanto, por não se tratar de um espaço com muita movimentação, acaba atendendo às necessidades de seus usuários.⁴¹
- Flexibilidade e Mudanças – Durante as observações, não foi verificado outro tipo de uso para este ambiente senão o seu original. O máximo que foi observado foi a união de mesas que logo após a utilização eram retornadas à posição original.
- Lay-out – O mobiliário é proporcional ao tamanho da criança. Não há móvel específico para o educador. As prateleiras, assim como o varal de secar trabalhos, são colocadas de modo que as crianças possam acessá-las facilmente (Fig.80).

⁴¹ No item 4.6 – *Análise dos Arranjos Espaciais*, veremos que trata-se de um ambiente estruturado e cujo foco é a atividade. Neste sentido, nada mais justo que nele ocorram menores movimentações durante uma atividade.

Fatores Comportamentais

- **Uso do ambiente** – Conforme já dissemos, a sala de artes é praticamente usada para sua função original, como um ateliê⁴². Normalmente é utilizada por uma educadora e uma bolsista que propõem atividades manuais – pintura, desenho, artesanato, entre outras – para um grupo pequeno de crianças. A turma dos maiores geralmente utiliza a sala de artes por etapas, ou seja, em um primeiro momento vai metade da turma e em um segundo momento o restante das crianças. Já a turma dos mais novos, tem por hábito participar de atividades com o grupo todo.
- **Proximidade e Território** – As divisórias são coloridas com a pintura das mãos das crianças. Tal fato demonstra que as crianças se apropriam dos espaços deixando suas marcas (Fig. 75, 77 e 80).

REFEITORIO

Fatores Técnicos

- **Piso** – O refeitório também possui piso tipo granilite, que encontra-se um pouco gasto e escuro (Fig.81).



Figura 81 – Detalhe do piso do refeitório



Figura 82 – Porta do refeitório



Figura 83 – Detalhe da parede do refeitório

- **Paredes** – Grande parte do fechamento do refeitório é feito em alvenaria estrutural (bloco de concreto) com acabamento em pintura cor creme e detalhes ocre. Apenas as paredes que possuem janelas são executadas em divisória estrutural. No refeitório, notamos grande incidência de lascas nas paredes, sinais de infiltrações e desprendimento de material (Fig.83).

⁴² As crianças e educadoras da creche têm o hábito de se referir à sala de artes como “ateliê”.

▪ Teto – O teto também apresenta dois materiais, rebaixo em gesso e laje, ambos com problemas de má conservação. O rebaixo em gesso apresenta trincas (Fig.84) enquanto a laje evidencia manchas (Fig.85), sinais de infiltrações e desprendimento de materiais (Fig.87). As clarabóias também possuem incidência de infiltrações e umidade. Em dias de chuva, notamos diversas goteiras no ambiente (Fig.88, 89, 90, 91, 92 e 93).



Figura 84 – Detalhe do gesso trincado



Figura 85 – Detalhe de manchas no teto



Figura 86 – Clarabóia permite entrada de luz natural



Figura 87 – Detalhe do estado de conservação da clarabóia

▪ Esquadrias – As esquadrias do refeitório são em alumínio, fixadas à um montante de divisória estrutural que segue o padrão adotado no restante da creche. Este tipo de esquadria dificulta a ventilação. Além disso, devemos explicar que, ao abrir para o pátio interno, resulta em um objeto pontiagudo na altura da cabeça das crianças que, brincando desatentas, podem se ferir.

▪ Iluminação natural/artificial – Enquanto a iluminação natural do refeitório é realizada através das janelas, que se encontram nas paredes principais, a da cozinha se dá pelas clarabóias distribuídas no teto. Este ambiente apresenta uma boa iluminação, o que permite

a utilização, com menor frequência, das luminárias fluorescentes embutidas no forro de gesso.

▪ Movimento de ar / Temperatura / Umidade – Apesar das janelas cobrirem toda a extensão da parede principal, o tipo de abertura adotado não permite uma boa ventilação, comprometendo, desta forma, a temperatura interna do ambiente. Vale repetir que, em dias de chuva, o ambiente apresenta inúmeras goteiras e sinais de infiltrações (Fig.88, 89, 90, 91, 92 e 93).



Figura 88 – Presença de goteiras em dias de chuva



Figura 89 – Detalhe do piso molhado



Figura 90 – Detalhe da água da chuva entrando pela abertura da clarabóia



Figura 91 – Presença de umidade na laje



Figura 92 – Presença de umidade na laje



Figura 93 – Detalhe da água escorrendo

▪ Densidade Ocupacional – O refeitório é usado por grupos de crianças acompanhados por educadores e bolsistas em períodos distintos. Estes ocupam, na maioria das vezes, apenas a metade do refeitório já que este ambiente foi planejado para atender a futuras ampliações da creche⁴³, as quais ainda não foram executadas.

⁴³ O projeto original da creche foi elaborado de modo que pudesse ser ampliado em módulos rebatidos. Assim, apenas metade de sua previsão encontra-se construída.

Fatores Funcionais

▪ **Segurança** – Existe um extintor de incêndio próximo a sua porta de entrada e outro em seu interior (Fig.94). Durante o dia, o refeitório costuma ficar aberto grande parte do tempo. O mobiliário, além de ser proporcional ao tamanho das crianças, não possui quinas, evitando assim pequenos acidentes. O fato das refeições não serem preparadas na própria creche, mas sim entregues por funcionários da Prefeitura do Campus, também proporciona maior segurança às crianças na medida em que diminui a possibilidade de se queimarem no fogão que é usado com menor frequência.



Figura 94 – Detalhe do extintor de incêndio

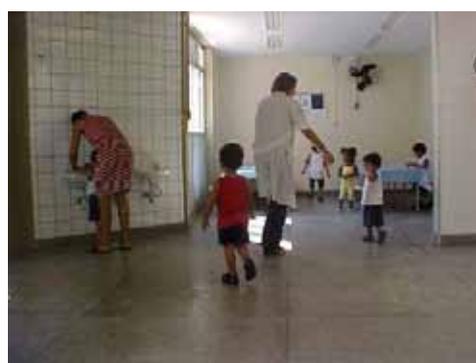


Figura 95 – Detalhe da circulação das crianças

▪ **Circulação Interna** – Por ser um ambiente de dimensões generosas, o refeitório não apresenta problemas de circulação interna (Fig.95). A retirada do lixo é feita pela saída de serviço, localizada no setor dos funcionários. No entanto, vale aqui mencionar que, mesmo apresentando uma entrada de serviços, a entrega das refeições é realizada pela porta principal da creche, passando pelo corredor, pelo pátio interno e, em seguida, pela porta do refeitório.

▪ **Flexibilidade e Mudanças** – Durante as observações, não foi verificado nenhum outro tipo de uso para este ambiente senão o seu original. Entretanto, segundo relatos dos educadores, parte da área do refeitório já foi utilizada para montagem de um “supermercado” – atividade lúdica que foi realizada pelas crianças por algumas semanas.

Fatores Comportamentais

▪ **Uso do ambiente** – Nos horários de lanche da manhã e da tarde, o refeitório recebe uma turma de cada vez, acompanhada de suas respectivas responsáveis. Já na hora do almoço, quando há um número limitado de crianças na creche, estas, independente de suas idades,

fazem a refeição em conjunto. Neste mesmo período, as educadoras e bolsistas também se alimentam.

- Lay-out – O mobiliário disponível neste local é proporcional à escala da criança, assim como possui revestimento de fácil limpeza e manutenção (Fig.81). Todavia, não oferece muito conforto aos seus usuários - mais de 40% dos funcionários e educadoras e 10% das bolsistas, reclamam da qualidade e conforto do mobiliário⁴⁴.

PATIO INTERNO

Fatores Técnicos

- Piso – O piso do pátio central é em granilite o qual apresenta-se gasto e escurecido (Fig.101). Nas extremidades, notamos áreas em que o revestimento usado é o piso cimentado. Nestes locais, percebemos uma grande incidência de desgaste de material, manchas e marcas de ferrugem (Fig.96 e 97). Os ralos existentes também se encontram mal conservados, apresentando sinais de ferrugem e desgaste (Fig.99). Assim como a circulação principal da creche, o piso do pátio interno também recebe adesivos plásticos com desenhos (fig.98)



Figura 96 – Detalhe do piso da área descoberta



Figura 97 – Detalhe do piso da área descoberta



Figura 98 – Detalhe do piso da área coberta



Figura 99 – Estado de conservação do ralo

⁴⁴ Tal fato é verificado através dos questionários de APO. O resultado completo deste instrumento encontra-se detalhado no item 4.3 – *Nível de Satisfação dos Usuários com Base nos Questionários*.

▪ Paredes – A vedação do pátio interno segue o partido adotado em todo o projeto: alvenaria estrutural (bloco de concreto) com acabamento em pintura. As paredes expostas às intempéries encontram-se em pior estado de conservação que as demais, apresentando manchas, grande incidência de infiltrações, sinais de ferrugem e desprendimento de material (Fig.100, 101 e 102).



Figura 100 – Manchas nas paredes



Figura 101 – Manchas nas paredes



Figura 102 – Sinais de ferrugem

▪ Teto – A laje do pátio interno apresenta-se mal conservada, com manchas, sinais de infiltrações e desprendimento de materiais (Fig.103). Em dias de chuva, notamos que seu acabamento – sem pingadeira - proporciona um caimento que faz com que a água da chuva molhe a área coberta.



Figura 103 – Manchas no teto



Figura 104 – Porta com sinais de ferrugem

▪ Esquadrias – As portas e grades deste ambiente que estão sujeitas às intempéries evidenciam sinais de ferrugem e má conservação (Fig104).

▪ Iluminação natural/artificial – Apesar de se tratar de um ambiente semi-aberto, observamos que a área interna não recebe grande incidência de luz natural. Já as áreas descobertas recebem iluminação direta, permitindo aos seus usuários contato com a luz do sol. Apesar da existência de luminária na laje, a utilização da luz artificial é pouco frequente.

- Movimento de ar / Temperatura / Umidade – Por ser um ambiente semi-aberto, o pátio interno permite uma boa circulação de ar e uma temperatura mais amena em dias de verão. Já em dias de chuva, tem seu potencial de uso prejudicado pela água que escorre das extremidades de sua cobertura (Fig.105, 106 e 107).



Figura 105 – Detalhe do caimento de água



Figura 106 – Detalhe do piso molhado



Figura 107 – Detalhe do piso molhado

- Densidade Ocupacional – Há períodos do dia em que verificamos grande densidade ocupacional. São quando as professoras propõem atividades nestes ambientes. Durante nossas observações, pudemos constatar ocasiões em que o grupo 2 (2 e ½ a 3 ½ anos) e o grupo 3 (2 a 2 e ½ anos) utilizavam esta área ao mesmo tempo. Em outros momentos, o pátio interno apresenta-se apenas como local de passagem já que é caminho para sala de artes e para o refeitório. Assim, pudemos notar que o pátio interno atende bem ao número de crianças da creche, oferecendo-lhes diferentes espaços e possibilidades de atividades.

Fatores Funcionais

- Segurança – Existe um extintor de incêndio na área central. As janelas do refeitório, sala de artes, sala de reuniões e biblioteca, que abrem para o exterior, tornam-se obstáculos para as crianças, comprometendo sua segurança física na medida em que apresentam superfície pontiaguda, na altura das crianças, em que, em um momento de distração, podem se acidentar. As portas que dão acesso ao exterior são mantidas trancadas por tempo integral.
- Circulação Interna – Por ser um ambiente de dimensões generosas, mesmo um grande fluxo de pessoas não compromete seu bom desempenho. A circulação principal é visivelmente marcada por adesivos plásticos colados no piso.

- Flexibilidade e Mudanças – Durante as observações, verificamos que o pátio interno permite uma grande diversidade de atividades, pois, além de oferecer uma grande área, apresenta pouco mobiliário e de fácil manejo.⁴⁵

Fatores Comportamentais

- Uso do ambiente – O pátio interno é utilizado em diversos períodos do dia, de formas variadas, por grupos ou não. Comporta, desde circulação para outros ambientes, reuniões de educadores, bolsistas e pais, até atividades de encenação, desenho, rodinhas, brincadeiras com pneu e triciclos.



Figura 108 – Turma dos menores – momento 1



Figura 109 – Turma dos menores – momento 2



Figura 110 – Turma dos maiores – momento 1



Figura 111 – Turma dos maiores – momento 2

PATIO EXTERNO

Fatores Técnicos

- Piso – O pátio externo é gramado e possui apenas uma faixa cimentada seguindo a fachada lateral da creche (Fig. 112). Notamos que a grama é bem cuidada e que a faixa cimentada não apresenta problemas.

⁴⁵ Veremos no item 4.6 – *Análise dos Arranjos Espaciais* que este ambiente considerado semi-estruturado é planejado justamente para oferecer às crianças possibilidade de se expressarem livremente, oferecendo a elas um mínimo de objetos e/ou marcações para que possam estruturar suas brincadeiras.



Figura 112 – Detalhe da faixa cimentada e da área gramada



Figura 113 – Detalhe do fechamento do pátio externo

- Paredes – O fechamento do pátio externo é feito pela fachada lateral da creche, pelo muro de divisa com a rua e, nas laterais, com grade (Fig.113). A fachada é em alvenaria estrutural (blocos de concreto) pintado em uma tonalidade de rosa claro e apresentam inúmeros sinais de infiltrações (Fig. 114) e manchas (Fig.115). As grades que cercam as laterais do pátio externo evidenciam sinais de ferrugem.



Figura 114 – Detalhe das infiltrações na fachada



Figura 115 – Sinais de manchas na fachada.

- Iluminação natural/artificial – Por se tratar de um ambiente aberto, possui uma grande incidência de luz natural. Não foram observados a existência de pontos de iluminação artificial neste ambiente, nem mesmo arandelas na fachada da edificação.
- Movimento de ar / Temperatura / Umidade – O pátio externo é formado por uma grande área aberta, assim, possui excelente ventilação, tornando a temperatura mais amena, mesmo em dias quentes. Vale repetir que na fachada da creche observamos sinais de infiltrações causadas, principalmente, pelas chuvas.

- Densidade Ocupacional – O pátio externo, ou, segundo as crianças, “parquinho”, geralmente é usado por uma turma de cada vez, sempre acompanhada da educadora responsável.

Fatores Funcionais

- Segurança – Se consideramos que o fechamento do pátio impossibilita a fuga das crianças, poderíamos considerá-lo seguro. No entanto, a questão da segurança envolve fatores muito mais complexos. Durante nossa pesquisa, ouvimos bastantes reclamações dos pais e educadores sobre a altura do muro que separa a creche da favela da rua ao lado. Muitos pais se sentem inseguros e recomendam que este seja ampliado. Em relação a acidentes, consideramos o “parquinho” seguro uma vez que os poucos brinquedos oferecidos não apresentam superfícies com quinas (Fig.116 e 117).



Figura 116 – Equipamentos do pátio externo



Figura 117 – Detalhe do brinquedo de escorregar

- Circulação – Por se tratar de uma área livre, percebemos grandes movimentações nela. Vale ressaltar que as crianças tendem a se concentrar próximas aos brinquedos e à figura do adulto.
- Flexibilidade e Mudanças – Como apresenta uma grande área aberta, o pátio externo possibilita uma boa flexibilidade de uso. Percebemos a configuração de algumas áreas mais estruturadas como a dos brinquedos, a do chuveirão e a da horta. No entanto, a maior parte do pátio externo é apenas gramada, não apresentando qualquer tipo de marcação ou mobiliário, o que permite que a professora proponha e estructure a atividade que desejar.

Fatores Comportamentais

▪ Uso do ambiente – Durante nossas observações, pudemos verificar as crianças cuidando da horta, se divertindo nos brinquedos, se refrescando no chuveirão, se distraíndo com seus brinquedos na faixa de concreto, participando de atividade proposta pela educadora, brincando de pique com os adultos, entre outras atividades (Fig. 118, 119, 120, 121, 122 e 123). Vale lembrar que, como já dissemos, normalmente o pátio é usado por um grupo de crianças por vez.



Figura 118 – Crianças no balanço



Figura 119 – Crianças no escorregador



Figura 120 – Crianças participando de atividade proposta pela educadora



Figura 121 – Crianças disputando uma corrida estimulados pela educadora



Figura 122 – Crianças cuidando da horta



Figura 123 – Crianças brincando no chuveirão

4.2 – OPINIÕES TRANSMITIDA ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS E CONVERSAS INFORMAIS

As entrevistas com a coordenadora do Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa, Extensão e Estudo da Criança de 0 a 6 anos (NMPEEC/UFF), Vera VASCONCELLOS, a coordenadora da creche UFF, Mônica PIKANÇO, a arquiteta responsável pelo projeto, Márcia PINHEIRO, e o responsável pela execução do projeto, Ciro SEPULVEDA, auxiliaram-nos muito a compreender a idealização da creche, a concepção de projeto, seu histórico e sua situação atual. No entanto, as conversas informais com as educadoras, bolsistas, funcionários, pais e, principalmente, com as crianças, foram-nos valiosas para compreender o desempenho da edificação segundo a visão desses diferentes grupos. Estas informações auxiliaram-nos a melhor analisar os dados coletados dos questionários e das observações ao longo da análise walkthrough.

No âmbito global, as principais informações obtidas foram as seguintes:

- A Creche representa a concretização de um sonho de um grupo de pessoas que incluía professores de diversas áreas, funcionários e comunidade, que lutaram por sua realização. Segundo relatos da prof. Vera VASCONCELLOS seu projeto foi iniciado em 1986 e inaugurado apenas em 1997. Durante esse período, a formação do Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa, Extensão e Estudo da Criança de 0 a 6 anos (NMPEEC/UFF) e os professores dos diferentes Departamentos, unidos, lutaram pela concretização do projeto.

- A concepção projetual nasceu a partir da integração da arquiteta com a comissão da creche, visando um projeto que tivesse a imagem de “uma casa” e que pudesse ser ampliado de forma modular. Assim, o projeto tirou partido de volumes hexagonais com telhados de quadro águas, fazendo menção à casa e podendo ser rebatido para os lados. Como a creche é um dos primeiros lugares que a criança convive depois da sua casa, houve uma preocupação em proporcionar-lhe um ambiente tão aconchegante quanto o do seu lar. Esta preocupação com a comparação com a casa pode ser observada também no símbolo escolhido para representar a creche UFF (Fig. 124).



Figura 124 – Logomarca da Creche UFF

- A temperatura elevada é considerada como ponto mais problemático. Todos os grupos de usuários foram unânimes em demonstrarem-se insatisfeitos quanto à temperatura interna nos diferentes ambientes da creche. Além da cobertura e forro usados na execução da obra, as janelas não permitem uma boa ventilação de ar, visto sua abertura ser limitada.
- Os usuários, principalmente os da administração da creche, demonstraram preocupação com a segurança da edificação. Educadores relataram as diversas tentativas de assalto enquanto os pais demonstraram-se preocupados com o fácil acesso à recepção da creche.
- As goteiras e infiltrações de água em dias de chuva também foram apontadas como fator que prejudica o funcionamento da creche. Os responsáveis pela creche demonstraram-se preocupados com a situação e pedem que a Prefeitura do Campus tome as devidas providências. Em dias de chuva, notamos que todos, de alguma forma, se ocupavam com a secagem dos ambientes que ficavam alagados.
- Apesar de todos os problemas mencionados, todos demonstram um profundo laço afetivo com a creche UFF. Mesmo relatando os pontos negativos, os pais consideram um ótimo lugar para deixar seus filhos. Vale dizer que, devido à sua incapacidade de abrigar um número maior de crianças, há pais que entram na fila de espera com anos de antecedência. Os educadores também evidenciam sua satisfação em trabalhar na creche, assim como as bolsistas e os funcionários. Algumas educadoras relatam que, apesar das dificuldades encontradas na creche, esta experiência tem sido melhor que as vividas em outras instituições.

4.3 – NÍVEL DE SATISFAÇÃO DOS USUÁRIOS COM BASE NOS QUESTIONÁRIOS

As observações abaixo descritas são resultado da análise dos questionários aplicados aos usuários da Creche UFF no mês de setembro de 2002. Dos 89 questionários distribuídos, apenas 45 retornaram devidamente preenchidos, ou seja, 50,6% deles. A tabela 2 e a figura 125 demonstram o número de questionários preenchidos e devolvidos segundo suas categorias e respectivos percentuais :

	<u>FREQUÊNCIA</u>	<u>PERCENTUAL</u>
Educadores	7	15,6%
Funcionários	5	11,1%
Bolsistas	9	20%
Pais	24	53,3%
Total	45	100%

Tabela 2 – Frequência de questionários respondidos

CATEGORIAS

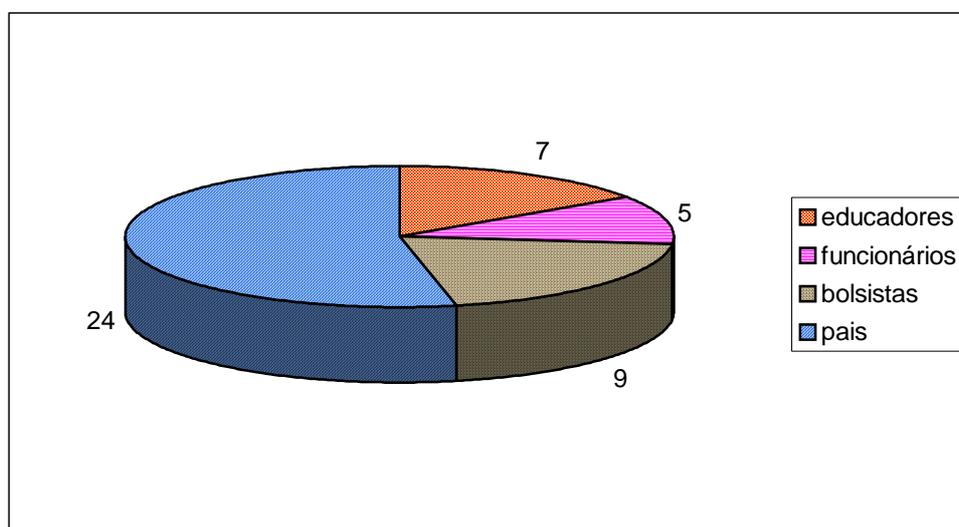


Figura 125 – Número de questionários respondidos

4.3.1– PRINCIPAIS IMPRESSÕES DOS RESPONDENTES DOS QUESTIONÁRIOS

De modo a facilitar a compreensão dos dados obtidos nos questionários, apresentamos, a princípio, as impressões mais frequentes dos respondentes retiradas de suas observações. Acrescentamos, ainda, alguns comentários feitos no ato de entrega dos questionários. São elas:

- os respondentes reclamam da temperatura, que é bastante elevada, e da pouca circulação de ar;
- as janelas, além de não permitirem uma ventilação adequada, são perigosas por abrirem para o pátio interno na altura da cabeça das crianças;
- os respondentes questionam a segurança do edifício, que, segundo relatam, já foi assaltado diversas vezes;
- solicitam que o muro limítrofe entre a creche e a favela seja aumentado;
- esses não consideram adequado o estado de conservação do edifício;
- reclamam das goteiras e infiltrações, que, em época de chuva, atrapalham o bom funcionamento da creche;
- consideram o mobiliário desconfortável e inadequado, principalmente para o horário de repouso;
- os respondentes reclamam de algumas paredes divisórias feitas de compensado;
- argumentam que o piso do banheiro quando molhado torna-se escorregadio e, portanto, perigoso;
- reclamam, ainda, da pouca variedade de brinquedos oferecida na área do parquinho;
- os respondentes solicitam uma via de acesso de veículos para os pais deixarem suas crianças na creche;
- reclamam também da ausência de uma placa identificando o local e sua função – Creche UFF;

- argumentam sobre a retirada da antena de celular atrás da creche;
- os respondentes sugerem a ampliação do espaço físico da creche conforme idéia original ;

Cabe dizer que, apesar das queixas acima relacionadas, os usuário da creche demonstram um grande laço afetivo com a instituição.

De forma geral, os respondentes consideram a creche bem localizada e fácil de ser acessada. No entanto, quanto à sua proximidade aos serviços como restaurantes, bancos e comércio em geral, os dados obtidos nos mostram um pequeno grau de insatisfação. Ainda relativo à localização da creche, percebemos uma preocupação com a segurança do local tanto nas respostas dos questionários quanto nos relatos sobre os assaltos ocorridos na creche. Tais informações podem ser averiguadas no gráfico abaixo:

SOBRE A LOCALIZAÇÃO DA CRECHE

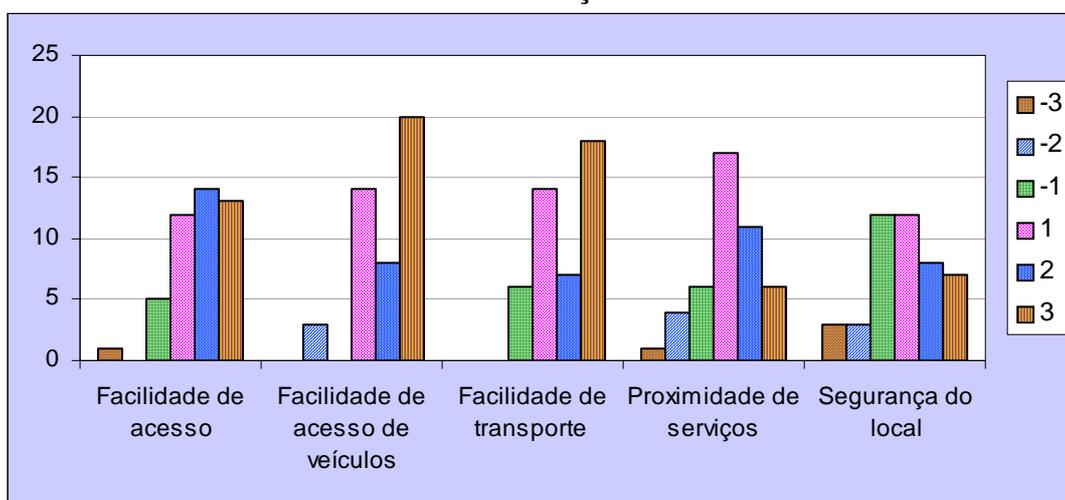


Figura 126 – Gráfico referente à localização da creche

Tomando a creche de forma global, podemos perceber que seus usuários consideram como pontos negativos da creche a acessibilidade por parte dos deficientes físicos e a segurança contra incêndio. Apesar dos respondentes considerarem a conservação do prédio como um dos principais problemas da creche, os dados dos questionários nos mostram que esses estão satisfeitos com a aparência externa da edificação. A figura abaixo apresenta o grau de satisfação do usuário em relação à creche em geral:

SOBRE A CRECHE EM GERAL

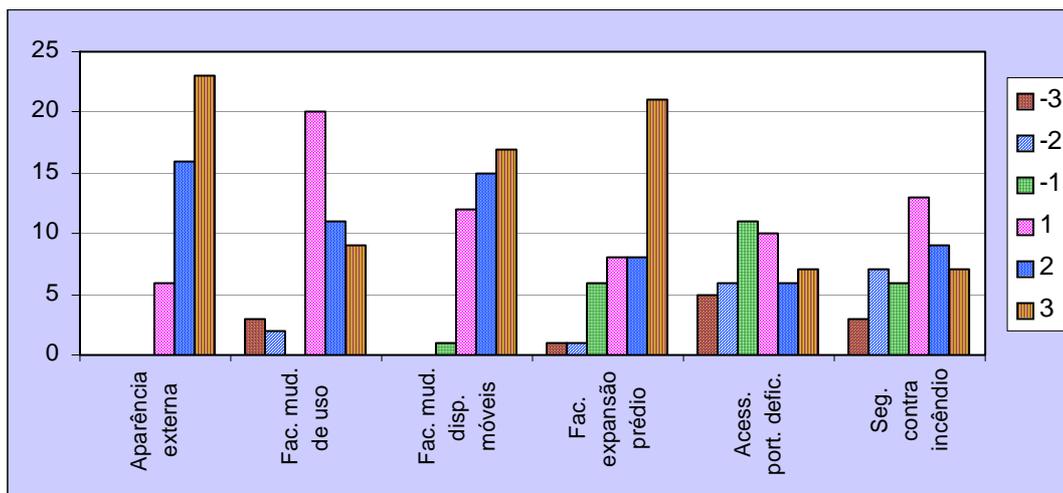


Figura 127 – Gráfico referente à creche em geral

Quanto ao aspecto das salas de atividades, constatamos que o índice de maior insatisfação está ligado à temperatura do ambiente. Os usuários, em sua maioria, consideram as salas muito quente e com pouca circulação de ar. Surgiram também reclamações quanto ao conforto do mobiliário e quanto à diversidade de brinquedos. Os quesitos limpeza, tamanho e proporção ao tamanho da criança são os que aparentam maior aprovação por parte de seus usuários. Observamos, ainda, que os respondentes estão satisfeitos com a aparência estética das salas bem como com sua flexibilidade de uso. Essas informações estão representadas no gráfico que se segue:

SOBRE AS SALAS DE ATIVIDADES

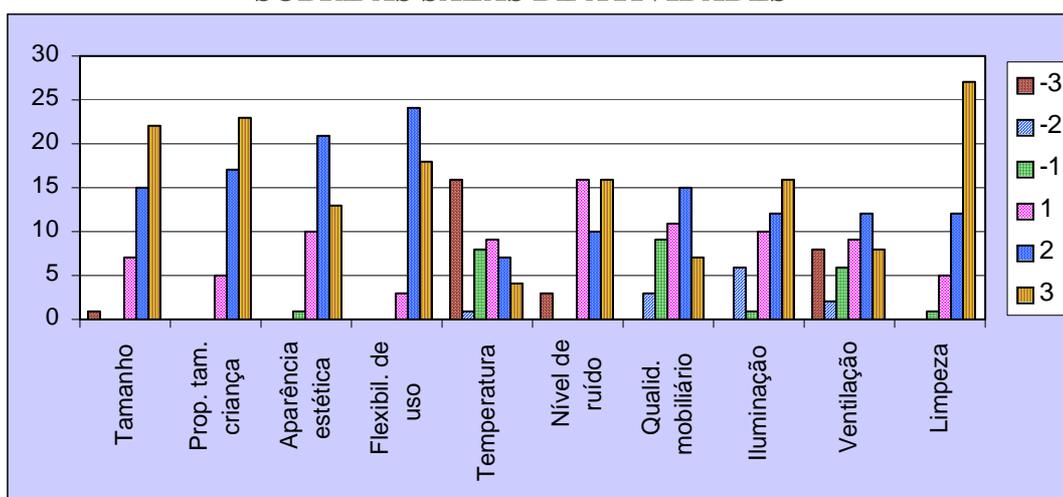


Figura 128 – Gráfico referente às salas de atividades

Podemos considerar que, de modo geral, os usuários estão satisfeitos com os sanitários da creche. No entanto, vale frisar que alguns respondentes não consideram sua quantidade suficiente para atender à instituição. Apesar do quesito limpeza não ter sido incluído no questionário, percebemos que alguns respondentes o especificaram em *outros*, elogiando sua limpeza. Vejamos e comentemo-lo:

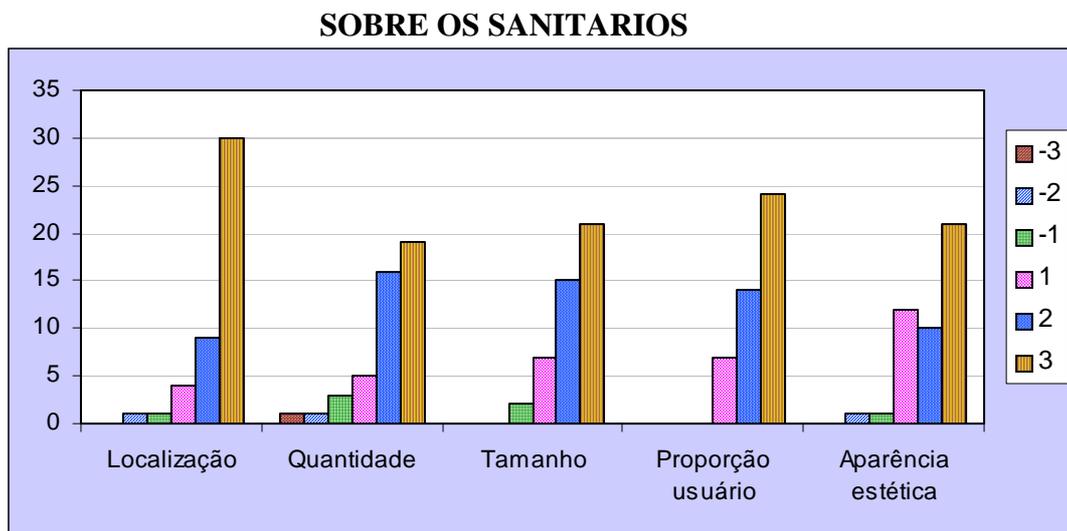


Figura 129 – Gráfico referente aos sanitários

Em relação ao refeitório, notamos que o fator que mais desagrada aos usuários é o da ventilação. Enquanto os respondentes dos questionários demonstram-se satisfeitos com a localização do refeitório, seu tamanho e limpeza, parecem não agrada-los a sua aparência estética e da sua iluminação. Cabe ressaltar que, apesar de considerarem o ambiente proporcional ao usuário, as respostas obtidas evidenciam que estão insatisfeitos com a qualidade e conforto do mobiliário disponível. Confira o gráfico abaixo:

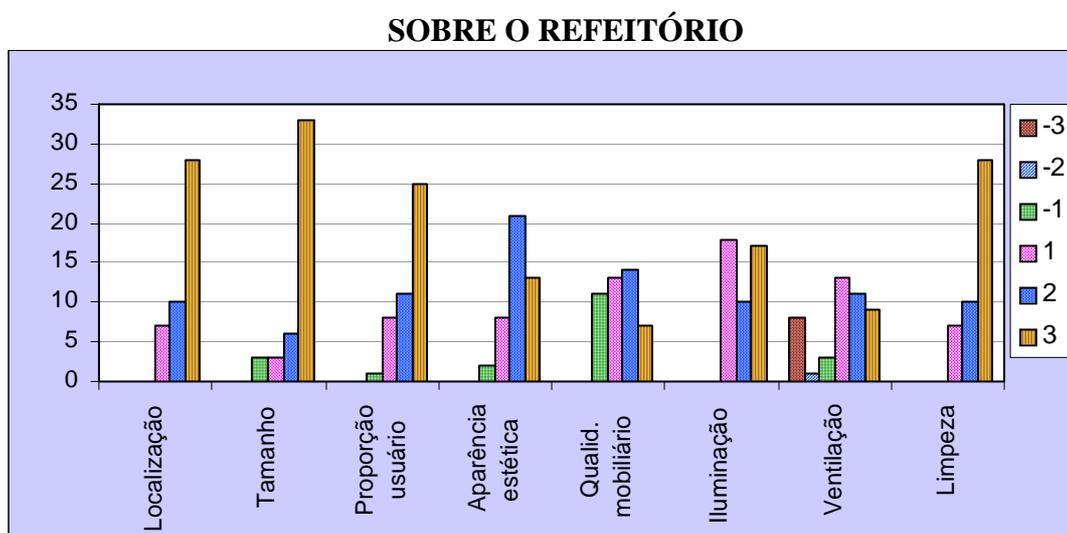


Figura 130 – Gráfico referente ao refeitório

Quanto ao setor administrativo, podemos concluir que, de modo geral, ele não é aprovado pelos seus usuários. Os pontos considerados mais críticos são a temperatura, a ventilação e a segurança. Mostram-se, ainda, insatisfeitos com o nível de ruído, o tamanho e a qualidade e conforto do mobiliário desses ambientes. A aparência estética e a iluminação foram consideradas satisfatórias. O único quesito julgado como positivo foi o relativo à limpeza. O gráfico abaixo demonstra essas informações:

SOBRE O SETOR ADMINISTRATIVO

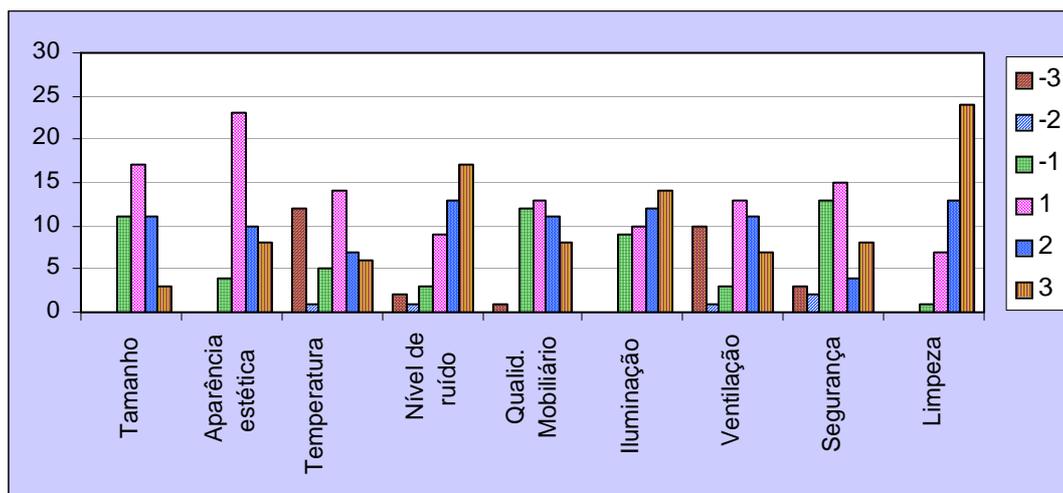


Figura 131 – Gráfico referente ao setor administrativo

As questões relativas aos espaços livres e circulações parecem agradar, principalmente no quesito limpeza. As únicas respostas negativas, apesar de poucas, estão relacionadas com a aparência interna destes ambientes. O gráfico abaixo mostra estes dados:

SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES E CIRCULAÇÕES

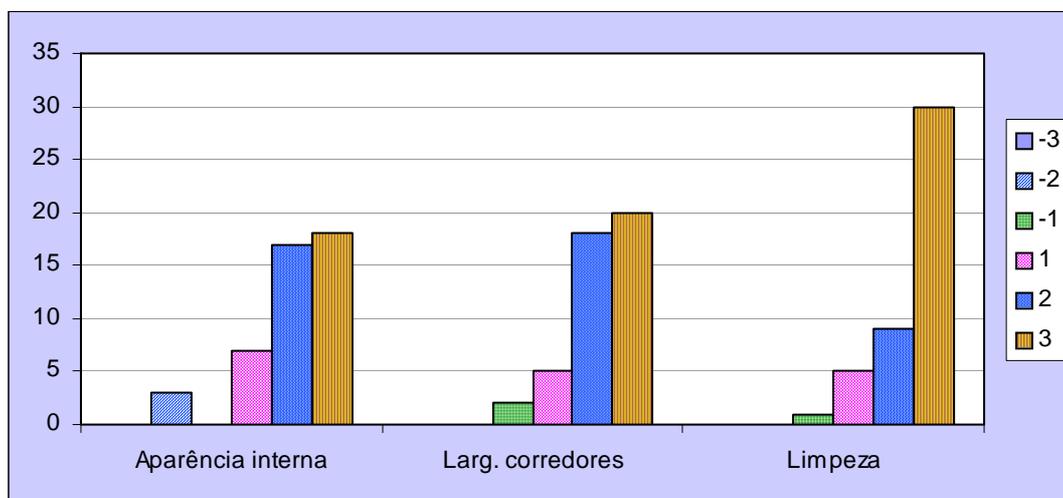


Figura 132 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações

A entrada da creche apresenta como pontos positivos, segundo visão dos usuários, seu tamanho, sua proporção à escala da criança, sua aparência estética e, principalmente, sua limpeza. Porém, as respostas obtidas nos questionários evidenciam uma insatisfação quanto ao nível de ruído, à segurança, à flexibilidade de uso e, especialmente, à questão da temperatura. Confira os dados na figura abaixo:

SOBRE A ENTRADA DA CRECHE

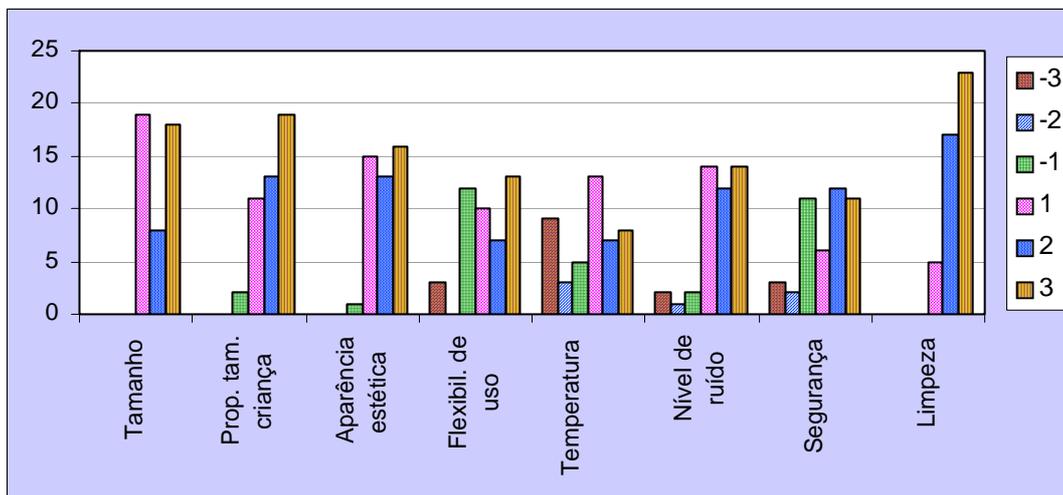


Figura 133 – Gráfico referente à entrada da creche

Quanto ao aspecto do pátio externo, podemos dizer que os usuários consideram insatisfatórios os quesitos aparência estética, qualidade e conforto do mobiliário, temperatura e segurança. Por outro lado, os dados evidenciam que estes estão satisfeitos com a sua localização, seu tamanho, sua proporção ao tamanho da criança e sua limpeza. Os fatores flexibilidade de uso e nível de ruído foram considerados satisfatórios. Confira:

SOBRE O PATIO EXTERNO

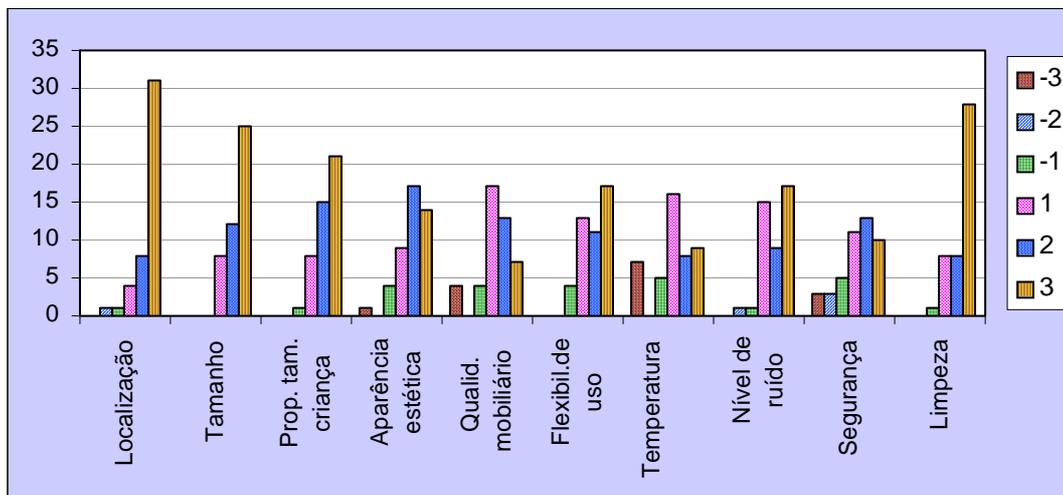


Figura 134 – Gráfico referente ao pátio externo

Já os dados relativos ao pátio interno mostram que, de uma forma geral, seus usuários estão bastante satisfeitos com a sua localização. Apesar de grande parte dos respondentes mostrarem-se contentes com seu tamanho, sua proporção ao tamanho da criança e limpeza, alguns, ainda que minoria, parecem discordar. A aparência estética, a qualidade do mobiliário e a flexibilidade de uso desses espaços também são questões divergentes. Os fatores que mais receberam avaliações negativas foram segurança, iluminação, nível de ruído e, principalmente, temperatura. Vejamos:

SOBRE O PATIO INTERNO

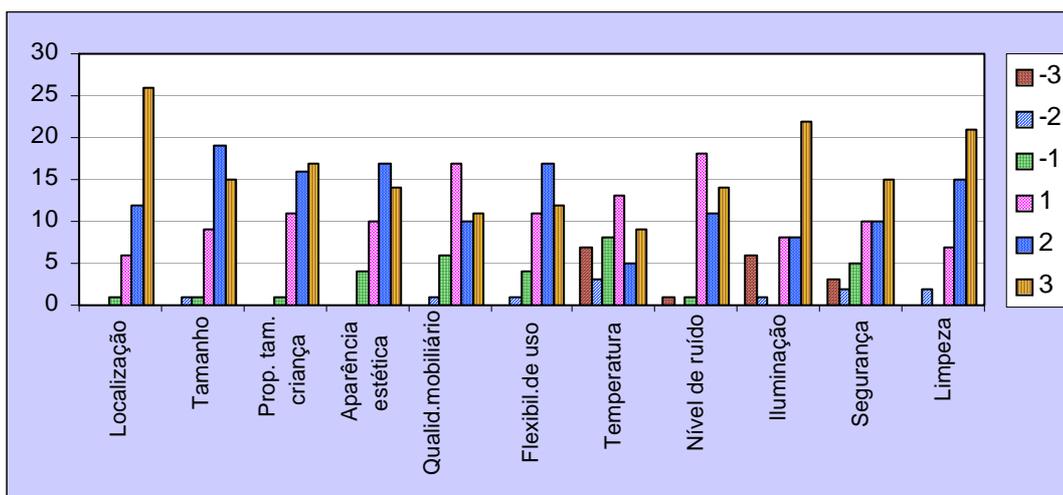


Figura 135 – Gráfico referente ao pátio interno

O último aspecto avaliado no questionário foi o relativo aos materiais usados na edificação da creche. Avaliamos, de modo global, os pisos, as paredes e os tetos. De acordo com os resultados, o teto foi considerado como fator mais crítico do desempenho da creche. Grande parte dos respondentes mostram-se descontentes com a solução adotada como cobertura e forro. Os pisos e as paredes, apesar de obterem alguns pontos negativos, no geral, são satisfatórios. Confira o gráfico abaixo:

SOBRE A QUALIDADE DOS MATERIAIS USADOS

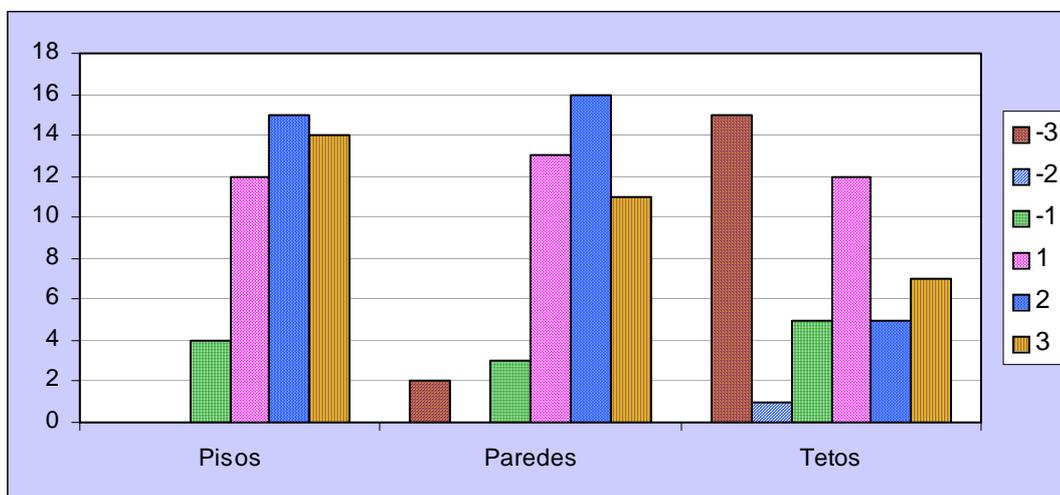


Figura 136 – Gráfico referente à qualidade dos materiais usados na creche

4.3.2– QUADRO COMPARATIVO DAS RESPOSTAS DOS DIFERENTES USUÁRIOS

Procuramos, neste item, analisar comparativamente os dados obtidos nos questionários a fim de identificar os pontos negativos, positivos e possíveis divergências nas respostas dadas. No geral, pudemos evidenciar que o maior índice de respostas negativas estava relacionado ao grupo dos funcionários e dos educadores. Notamos que os pontos considerados como mais críticos foram: a temperatura, a segurança, a ventilação e a conservação do prédio. Nos tópicos que se seguem abordaremos todas as questões tratadas nos questionários de APO, apresentando o resultado deste instrumento categorizado em função dos grupos trabalhados: pais, educadores, bolsistas e funcionários.

4.3.2.1– SOBRE A LOCALIZAÇÃO DA CRECHE

Localização da Creche - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Facil. de acesso	4,17%		20,83%	25%	29,17%	20,83%
Facil. acesso de veículos		12,50%		37,50%	20,83%	29,17%
Facil. de transporte			12,50%	41,67%	12,50%	33,33%
Prox. de serviços		12,50%	12,50%	41,67%	20,83%	12,50%
Segurança do local	8,34%	4,17%	20,83%	33,33%	12,50%	20,83%

Tabela 3 – Localização da creche segundo os pais

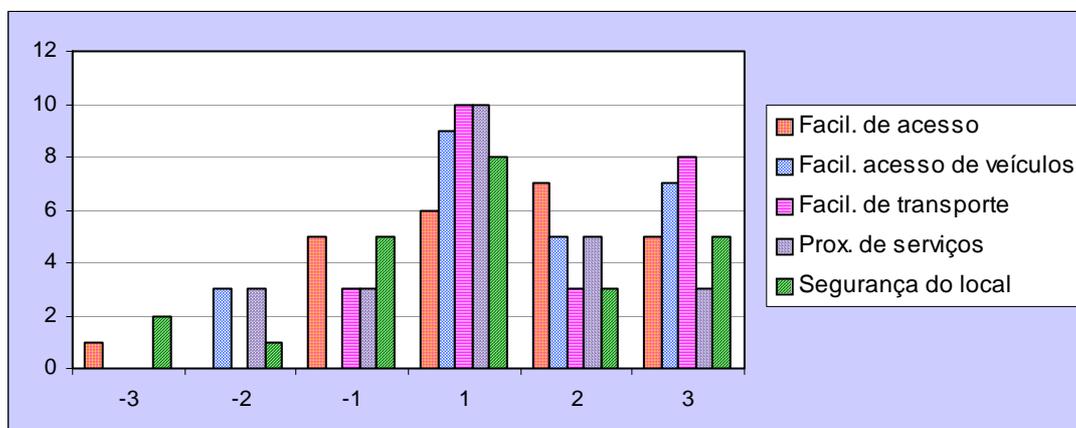


Figura 137 – Gráfico referente à localização da creche segundo o grupo dos pais

Localização da Creche - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Facil. de acesso				28,57%	14,29%	57,14%
Facil. acesso de veículos				28,57%		71,43%
Facil. de transporte			14,29%	14,29%		71,43%
Prox. de serviços			14,29%	28,57%	42,86%	14,29%
Segurança do local	14,29%		28,57%	14,29%	28,57%	14,29%

Tabela 4 – Localização da creche segundo os educadores

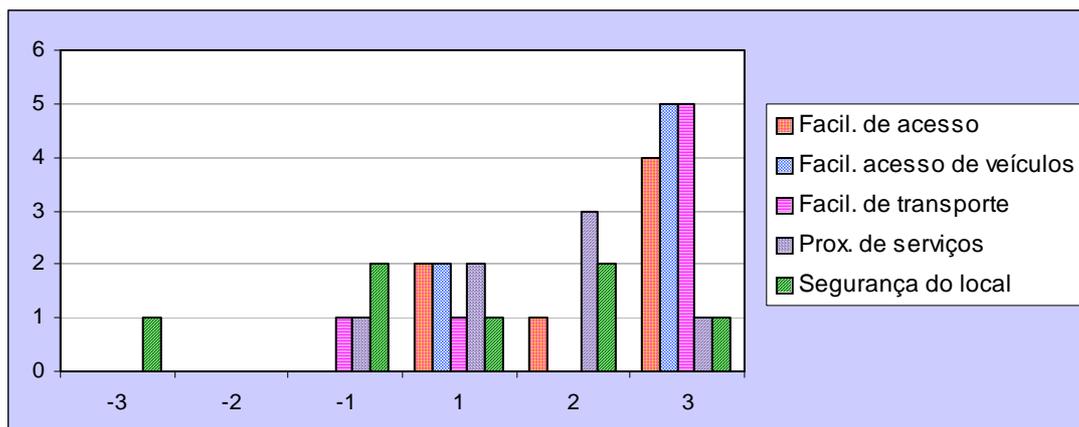


Figura 138 – Gráfico referente à localização da creche segundo o grupo dos educadores

Localização da Creche - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Facil. de acesso				11,11%	55,56%	33,33%
Facil. acesso de veículos					33,33%	66,67%
Facil. de transporte			11,11%	22,22%	33,33%	33,33%
Prox. de serviços		11,11%	22,22%	33,33%	11,11%	22,22%
Segurança do local		11,11%	22,22%	33,33%	22,22%	11,11%

Tabela 5 – Localização da creche segundo os bolsistas

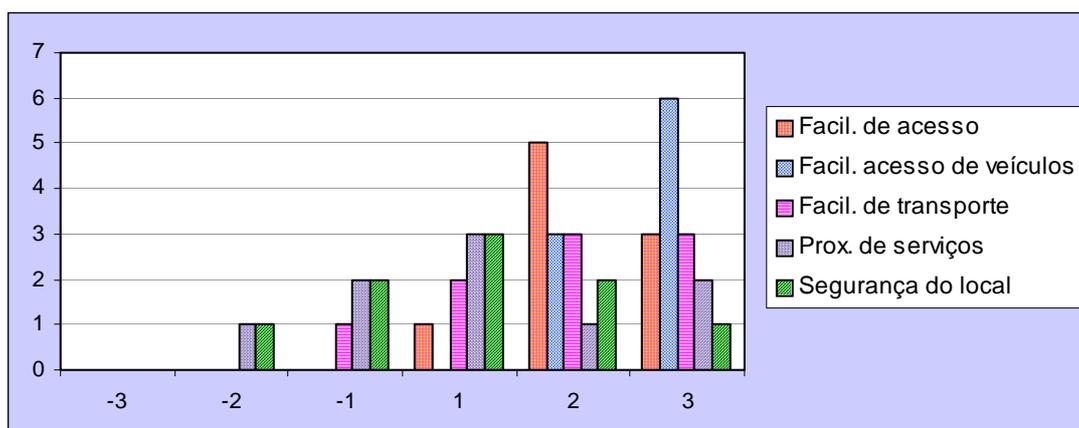


Figura 139 – Gráfico referente à localização da creche segundo o grupo dos bolsistas

Localização da Creche - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Facil. de acesso				60%	20%	20%
Facil. acesso de veículos				60%		40%
Facil. de transporte			20%	20%	20%	40%
Prox. de serviços	20%			40%	40%	
Segurança do local			60%	20%	20%	

Tabela 6 – Localização da creche segundo os funcionários

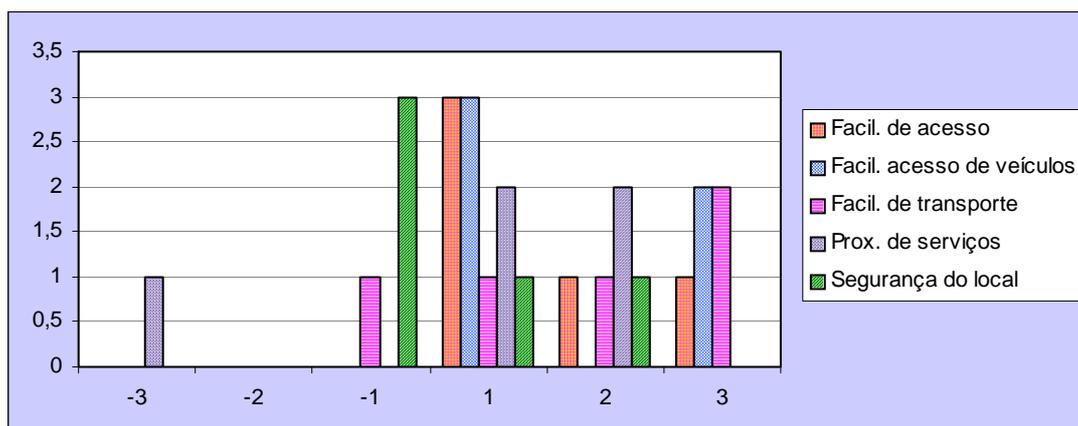


Figura 140 – Gráfico referente à localização da creche segundo o grupo dos funcionários

Observamos, através destes dados, que o grupo que demonstra maior preocupação com a *segurança do local* é o dos funcionários (60%), seguido dos educadores (42,86%). Os funcionários também marcaram as menores notas para o quesito *proximidade aos serviços*, talvez pelo fato de passarem mais tempo na creche e desejarem poder resolver problemas cotidianos sem precisar ir muito longe. Os pais (12,50%) foram os únicos a reclamarem da *facilidade de acesso de veículos*, demonstrando que não estão satisfeitos com o estacionamento próximo da creche – ao lado dos blocos de salas de aulas. Estes pontuaram ainda como negativo (25%) a *facilidade de acesso*, o que pode nos indicar que, como eles mesmo nos relataram, estão insatisfeitos com a falta de sinalização para quem vai à creche. A própria pesquisadora evidenciou o fato na primeira vez em que foi a instituição e teve que pedir informações para encontrar a mesma. Apesar do grupo dos funcionários marcarem a maior porcentagem negativa em um único quesito (*segurança e proximidade de serviços*), no geral, foi o grupo dos pais que marcou maior porcentagem de respostas negativas o que pode nos sugerir como os pais consideram importante a localização da creche. Por outro lado, a maior parte dos respondentes (85,50%) acredita que a creche oferece muito boa *facilidade de transportes*, uma vez que passam ônibus na porta do Campus, além de a poucos metros dali (no Plaza Shopping) ser possível encontrar ônibus, vans e taxis para muitos lugares de Niterói e do Rio de Janeiro.

4.3.2.2– SOBRE A CRECHE EM GERAL

Creche em Geral - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Aparência externa				12,50%	33,33%	54,17%
Facil. mudança de uso		8,34%		45,83%	29,17%	16,66%
Facil. mud. disp. móveis			4,17%	20,83%	41,67%	33,33%
Facil. exp. do prédio			8,34%	12,50%	20,83%	58,33%
Acess. port. defíc. física	8,34%	8,34%	16,66%	29,17%	20,83%	16,66%
Seg. contra incêndio	8,34%	12,50%	8,34%	37,50%	16,66%	16,66%

Tabela 7 – Creche em geral segundo os pais

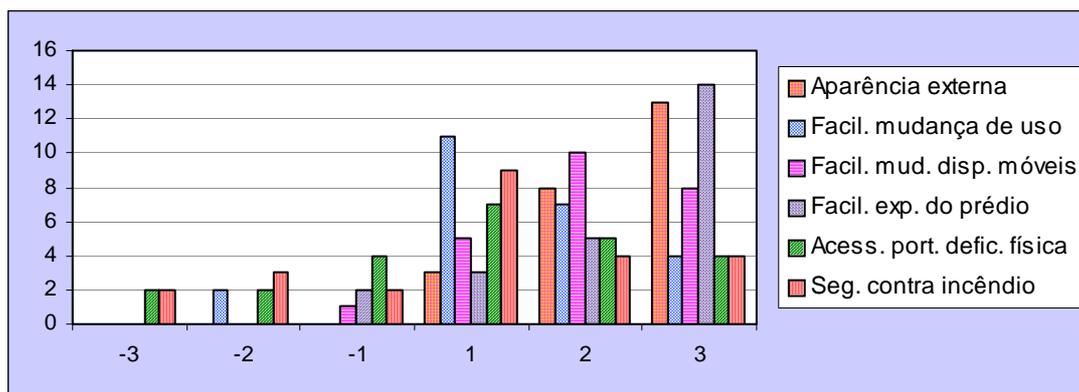


Figura 141 – Gráfico referente à creche em geral segundo o grupo dos pais

Creche em Geral - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Aparência externa				14,29%	28,57%	57,14%
Facil. mudança de uso	28,57%			28,57%	14,29%	28,57%
Facil. mud. disp. móveis				42,85%	14,29%	42,85%
Facil. exp. do prédio	14,29%		28,57%	28,57%		28,57%
Acess. port. defíc. física	28,57%	28,57%	28,57%			14,29%
Seg. contra incêndio	14,29%	28,57%	28,57%		14,29%	14,29%

Tabela 8 – Creche em geral segundo os educadores

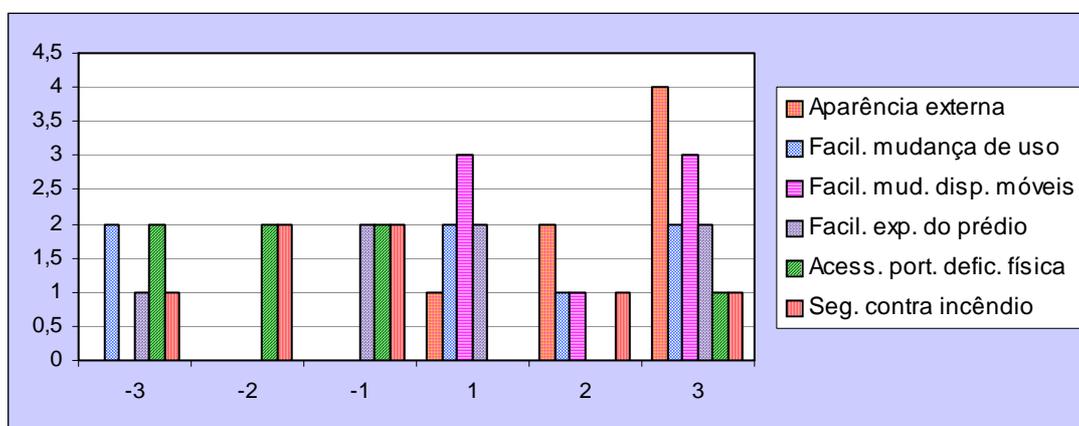


Figura 142 – Gráfico referente à creche em geral segundo o grupo dos educadores

Creche em Geral - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Aparência externa				11,11%	33,33%	55,56%
Facil. mudança de uso				33,33%	33,33%	33,33%
Facil. mud. disp. móveis					33,33%	66,67%
Facil. exp. do prédio		11,11%		22,22%	22,22%	44,44%
Acess. port. defic. física	11,11%		33,33%	33,33%	11,11%	11,11%
Seg. contra incêndio				33,33%	44,44%	22,22%

Tabela 9 – Creche em geral segundo os bolsistas

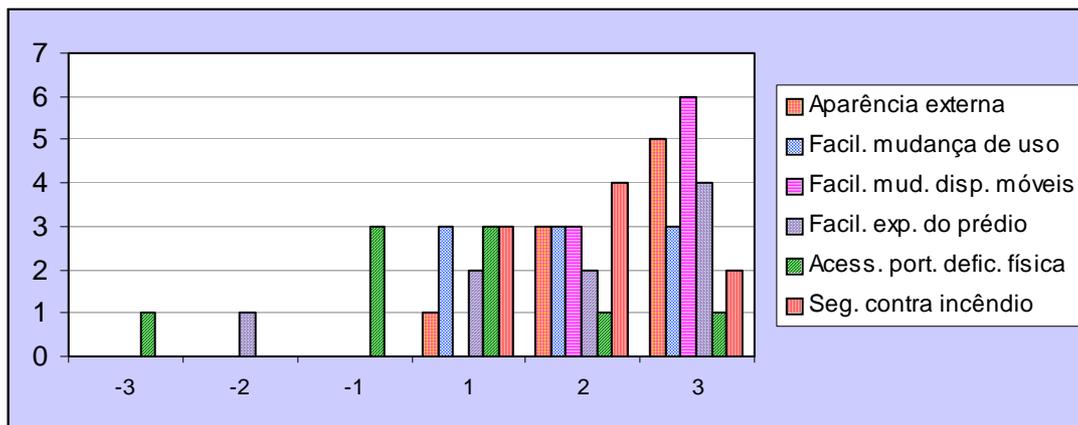


Figura 143 – Gráfico referente à creche em geral segundo o grupo dos bolsistas

Creche em Geral - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Aparência externa				20%	60%	20%
Facil. mudança de uso	20%			80%		
Facil. mud. disp. móveis				80%	20%	
Facil. exp. do prédio			40%	20%	20%	20%
Acess. port. defic. física		40%	40%			20%
Seg. contra incêndio		40%	40%	20%		

Tabela 10 – Creche em geral segundo os funcionários

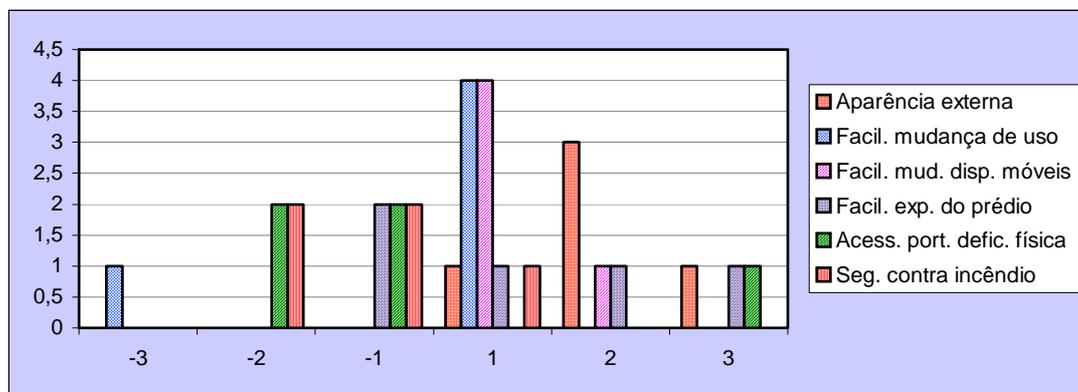


Figura 144 – Gráfico referente à creche em geral segundo o grupo dos funcionários

Diante dos dados acima relacionados, podemos dizer que todos os grupos mostraram-se bastante satisfeitos com a *aparência externa* da creche uma vez que não foram dadas notas negativas a este quesito. O mesmo pode ser evidenciado em relação à *facilidade na disposição dos mobiliários* com 99% de respostas positivas. Por outro lado, os fatores que receberam um maior número de reclamações foram a *acessibilidade para portadores de deficiência física* e a *segurança contra incêndio*. No entanto, enquanto 80% dos funcionários e 71% dos educadores consideram negativos a questão da *segurança contra incêndio*, os pais marcaram 29% e as bolsistas 0% de repostas negativas. Assim como no quesito segurança contra incêndio, no que se refere à *acessibilidade para portadores de deficiência física*, apesar do grande índice de respostas negativas, percebemos que o grupo dos funcionário e educadores são responsáveis pela maior porcentagem de respostas negativas. Tal fato talvez seja devido a sua maior permanência na creche ou mesmo por sua maior preocupação com estes quesitos. Outros itens onde estes dois grupos pontuam negativamente com uma porcentagem considerável, diferentemente do grupo dos pais e bolsistas, são a *facilidade de mudança de uso* e *facilidade de expansão do prédio* (com médias de 24% e 41%, respectivamente)

4.3.2.3– SOBRE AS SALAS DE ATIVIDADES

Sala de Atividades - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho				29,17%	29,17%	41,67%
Prop. tamanho da criança				12,50%	41,67%	45,83%
Aparência estética				25%	58,34%	16,66%
Flexibilidade de uso				8,34%	54,16%	37,50%
Temperatura	20,83%	4,17%	25%	25%	20,83%	4,17%
Nível de ruído				33,33%	29,17%	37,50%
Qualid. / Conf. mobiliário		4,17%	16,66%	37,50%	29,17%	12,50%
Iluminação		8,34%		33,33%	20,83%	37,50%
Ventilação	8,34%		12,50%	20,83%	33,33%	25%
Limpeza				8,34%	37,50%	54,16%

Tabela 11 – Sala de atividades segundo os pais

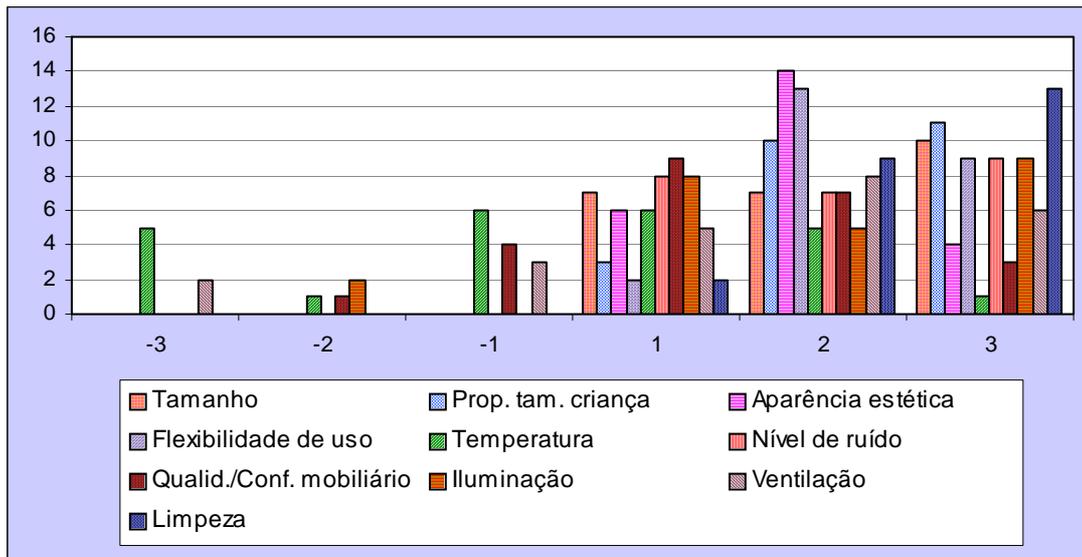


Figura 145 – Gráfico referente à sala de atividades segundo o grupo dos pais

Sala de Atividades - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho					42,85%	57,14%
Prop. tamanho da criança					42,85%	57,14%
Aparência estética			14,29%	28,57%	14,29%	42,85%
Flexibilidade de uso					42,85%	57,14%
Temperatura	57,14%		14,29%	28,57%		
Nível de ruído	14,29%			57,14%		28,57%
Qualid. / Conf. mobiliário		14,29%	28,57%	14,29%	28,57%	14,29%
Iluminação		28,57%		14,29%	28,57%	28,57%
Ventilação	28,57%	14,29%	28,57%		14,29%	14,29%
Limpeza				14,29%	14,29%	71,42%

Tabela 12 – Sala de atividades segundo os educadores

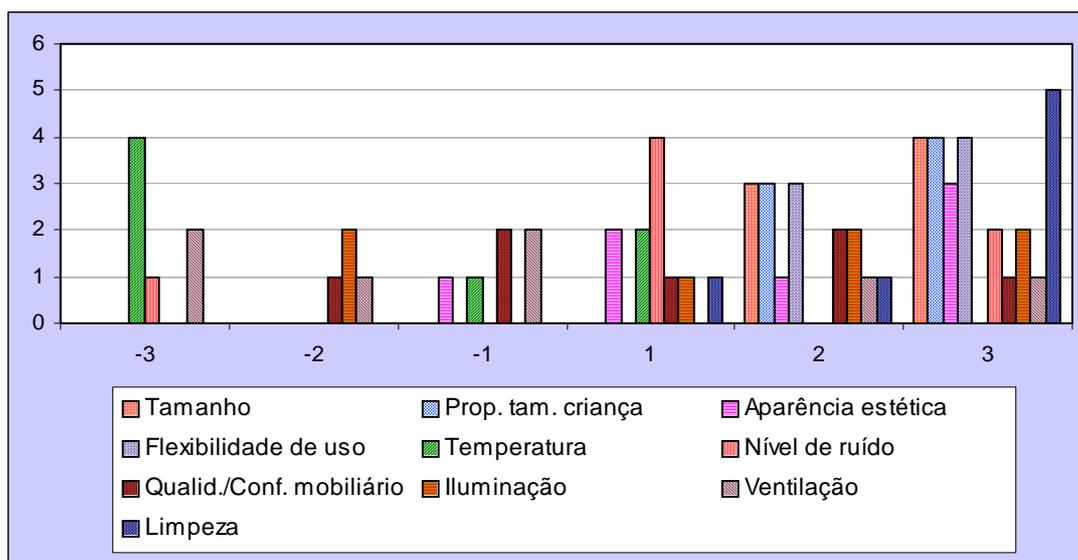


Figura 146 – Gráfico referente à sala de atividades segundo o grupo dos educadores

Sala de Atividades - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho	11,11%				22,22%	66,67%
Prop. tamanho da criança				11,11%	22,22%	66,67%
Aparência estética					44,44%	55,56%
Flexibilidade de uso				11,11%	33,33%	55,56%
Temperatura	22,22%		11,11%	11,11%	22,22%	33,33%
Nível de ruído	11,11%			11,11%	33,33%	44,44%
Qualid. / Conf. mobiliário			11,11%	11,11%	44,44%	33,33%
Iluminação			11,11%		44,44%	44,44%
Ventilação	11,11%		11,11%	33,33%	33,33%	11,11%
Limpeza				11,11%	11,11%	77,78%

Tabela 13 – Sala de atividades segundo os bolsistas

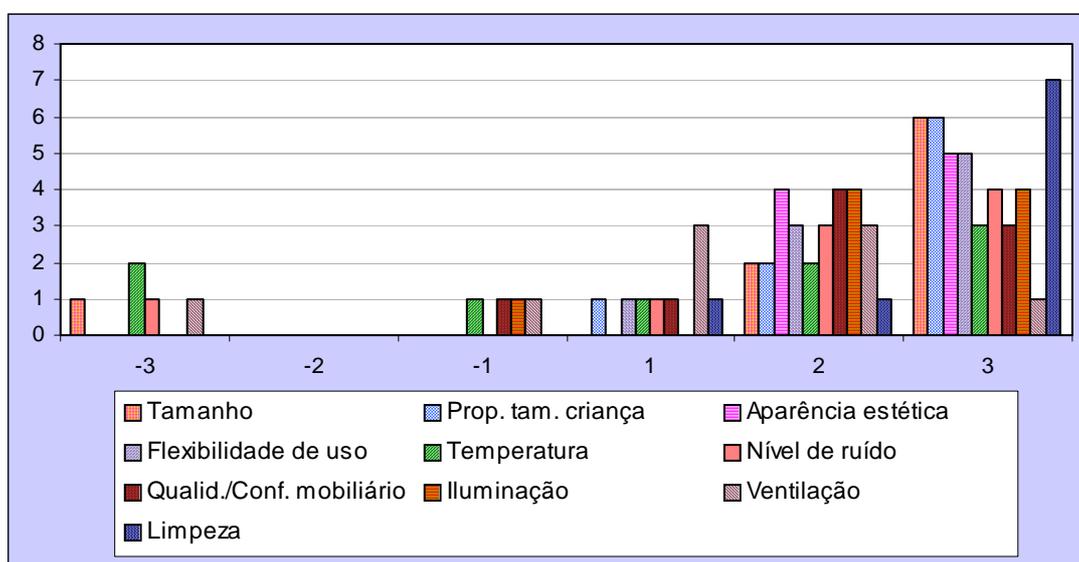


Figura 147 – Gráfico referente à sala de atividades segundo o grupo dos bolsistas

Sala de Atividades - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho					60%	40%
Prop. tamanho da criança				20%	40%	40%
Aparência estética				40%	40%	20%
Flexibilidade de uso					100%	
Temperatura	100%					
Nível de ruído	20%			60%		20%
Qualid. / Conf. mobiliário		20%	40%		40%	
Iluminação		40%		20%	20%	20%
Ventilação	60%	20%		20%		
Limpeza			20%	20%	20%	40%

Tabela 14 – Sala de atividades segundo os funcionários

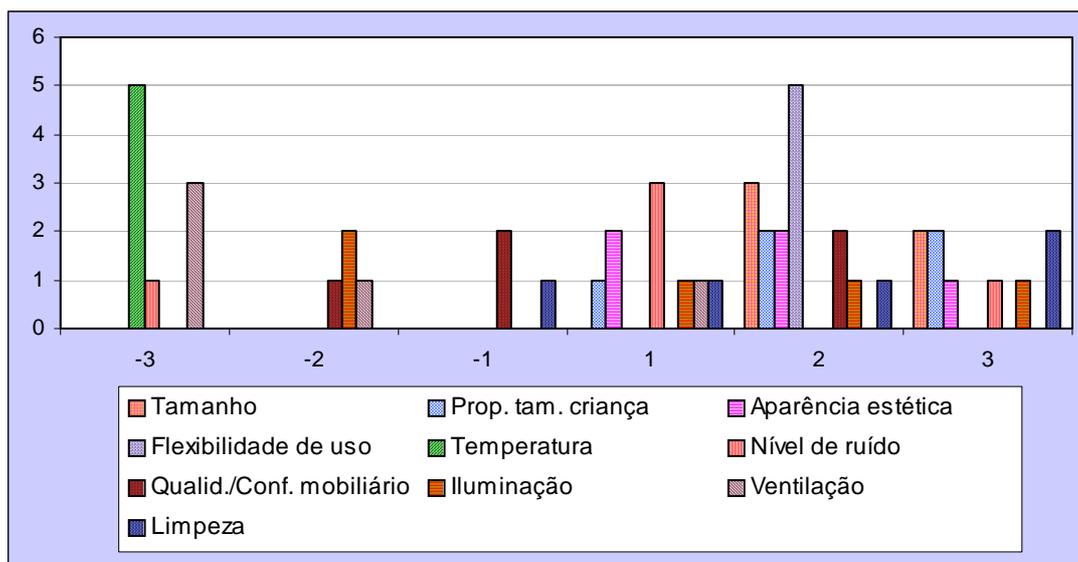


Figura 148 – Gráfico referente à sala de atividades segundo o grupo dos funcionários

Em relação às salas de atividades, os questionários nos mostram grande insatisfação (média de 63% dos usuários) com a *temperatura* no interior das salas. O grupo dos funcionários é unânime em considerar péssima as condições térmicas nestes ambientes com 100% de notas -3. Durante nossa incursão na creche, pudemos verificar este fato e observar que a cobertura e o forro são responsáveis uma grande incidência de calor no interior das salas, prejudicado ainda mais pela falta de *ventilação* – quesito este com grande índice de reclamações (média de 49% de respostas negativas). Ao contrário, todos foram unânimes em considerar muito boa a *proporção ao tamanho da criança* e *flexibilidade de uso*, além de mostrarem-se bem satisfeitos com as questões de *tamanho*, *aparência estética* e *limpeza*. Em nossas observações verificamos estas questões e pudemos averiguar que as salas possuem uma média de 2m²/crianças atendendo as normas estudadas. Do mesmo modo, notamos que há uma grande preocupação em oferecer ambientes que possam ser modificados em função da atividade e que sejam atrativos às crianças. Por outro lado, os respondentes (média de 34%) mostram-se também insatisfeitos com a *qualidade e conforto do mobiliário*. No âmbito global, os pais são os que dão notas mais positivas às salas de atividades, enquanto que os educadores e funcionários, que utilizam estes ambiente por um longo período de tempo, apresentam uma maior incidência de reclamações.

4.3.2.4– SOBRE OS SANITÁRIOS

Sanitários - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização			4,17%	12,50%	16,66%	66,67%
Quantidade		4,17%	8,34%	16,66%	33,33%	37,50%
Tamanho			8,34%	20,83%	29,17%	41,66%
Prop. tam. usuário				20,83%	20,83%	58,34%
Aparência estética		4,17%	4,17%	29,17%	29,17%	33,33%

Tabela 15 – Sanitários segundo os pais

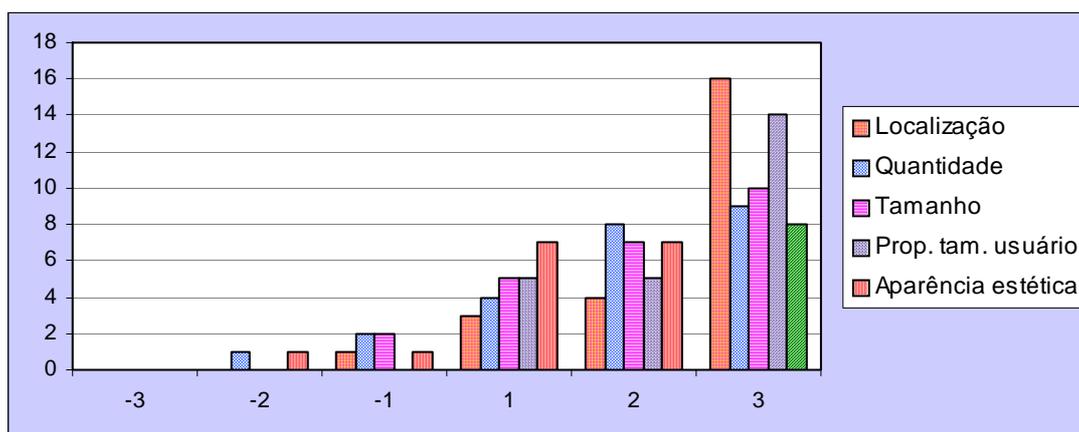


Figura 149 – Gráfico referente aos sanitários segundo o grupo dos pais

Sanitários - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização		14,29%			14,29%	71,42%
Quantidade	14,29%				42,85%	42,85%
Tamanho					42,85%	57,14%
Prop. tam. usuário					42,85%	57,14%
Aparência estética				14,29%		85,71%

Tabela 16 – Sanitários segundo os educadores

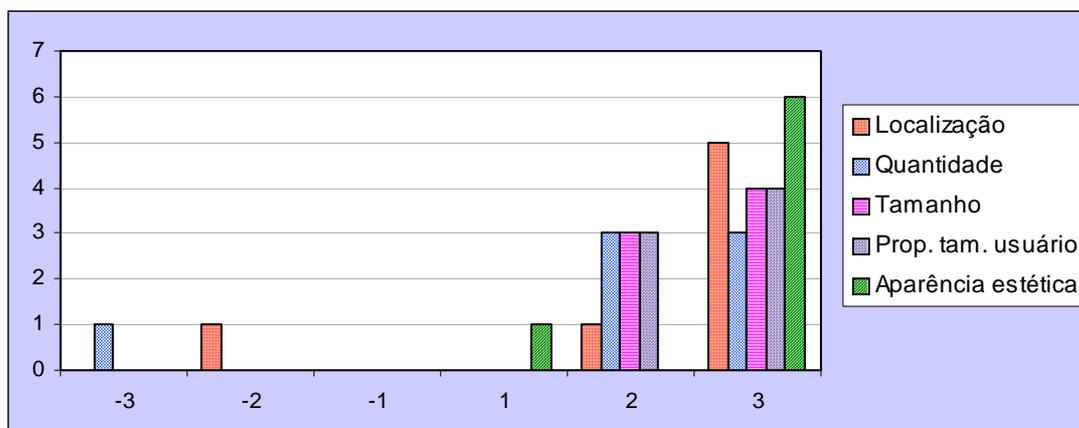


Figura 150 – Gráfico referente aos sanitários segundo o grupo dos educadores

Sanitários - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização				11,11%	22,22%	66,67%
Quantidade				11,11%	22,22%	66,67%
Tamanho				11,11%	22,22%	66,67%
Prop. tam. usuário				11,11%	33,33%	55,56%
Aparência estética				11,11%	33,33%	55,56%

Tabela 17 – Sanitários segundo os bolsistas

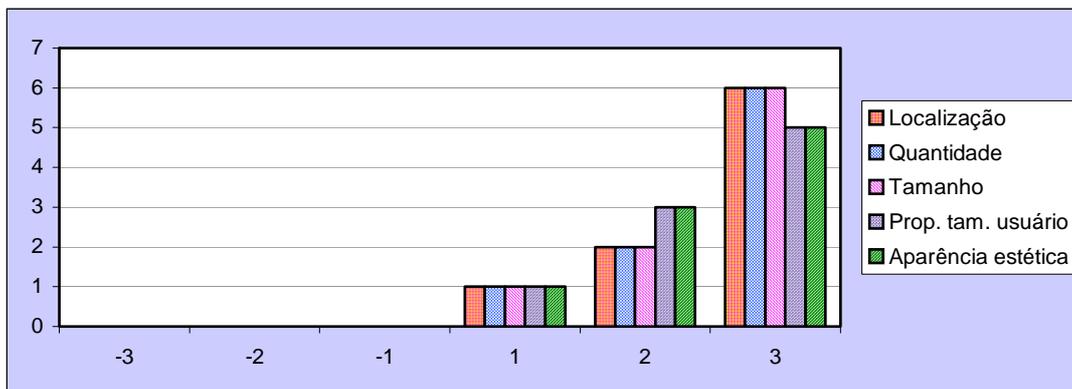


Figura 151 – Gráfico referente aos sanitários segundo o grupo dos bolsistas

Sanitários - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização					40%	60%
Quantidade			20%		60%	20%
Tamanho				20%	60%	20%
Prop. tam. usuário				20%	60%	20%
Aparência estética				60%		40%

Tabela 18 – Sanitários segundo os funcionários

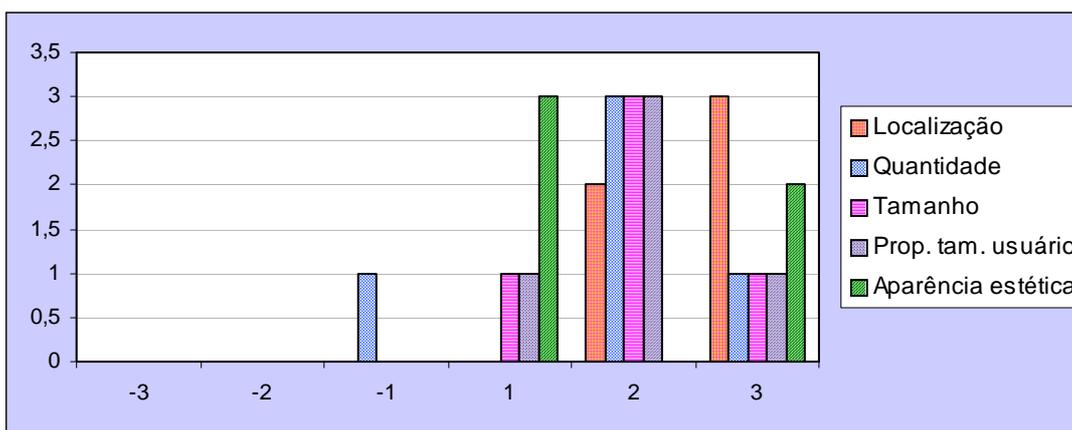


Figura 152 – Gráfico referente aos sanitários segundo o grupo dos funcionários

Os sanitários foram responsáveis por um grande índice de respostas positivas. No geral, os grupos mostraram-se bastante satisfeitos. O quesito com maior índice negativo foi o relativo a *quantidade* (média de 12%). Como pudemos averiguar, a creche possui 2 banheiros destinados aos adultos, outros 2 na área dos funcionários e 3 para as crianças – um em cada conjunto de salas geminadas.

4.3.2.5– SOBRE O REFEITÓRIO

Refeitório - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização				25%	25%	50%
Tamanho			12,50%	8,34%	20,83%	58,34%
Prop. tam. usuário			4,17%	25%	16,66%	54,16%
Aparência estética				29,17%	50%	20,83%
Qualid. / Conf. mobiliário			20,83%	37,50%	29,17%	12,50%
Iluminação				41,67%	25%	33,33%
Ventilação	8,34%		4,17%	37,50%	29,17%	20,83%
Limpeza				12,50%	33,33%	54,17%

Tabela 19 – Refeitório segundo os pais

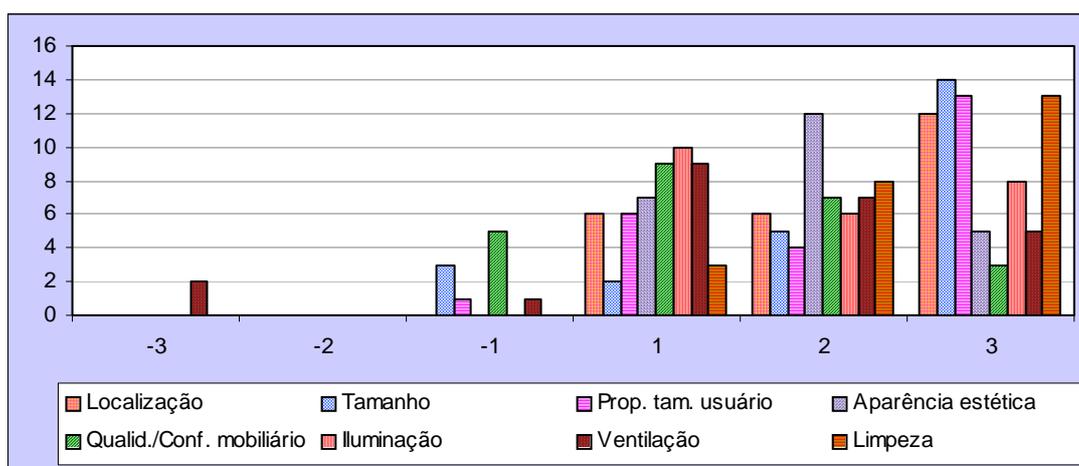


Figura 153 – Gráfico referente ao refeitório segundo o grupo dos pais

Refeitório - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização					14,29%	85,71%
Tamanho						100%
Prop. tam. usuário					42,85%	57,14%
Aparência estética			14,29%		42,85%	42,85%
Qualid. / Conf. mobiliário			42,85%	14,29%	28,57%	14,29%
Iluminação				42,85%	28,57%	28,57%
Ventilação	42,85%		14,29%		28,57%	14,29%
Limpeza				14,29%		85,71%

Tabela 20 – Refeitório segundo os educadores

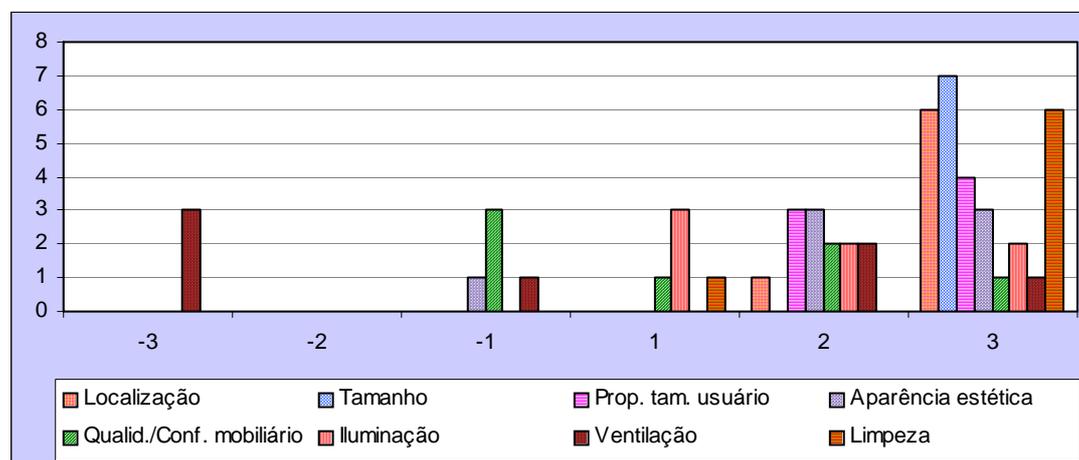


Figura 154 – Gráfico referente ao refeitório segundo o grupo dos educadores

Refeitório - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização				11,11%	11,11%	77,78%
Tamanho				11,11%		88,89%
Prop. tam. usuário				22,22%		7
Aparência estética				11,11%	33,33%	55,55%
Qualid. / Conf. mobiliário			11,11%	11,11%	44,44%	33,33%
Iluminação				11,11%	22,22%	66,67%
Ventilação		11,11%		33,33%	22,22%	33,33%
Limpeza				11,11%	11,11%	77,78%

Tabela 21 – Refeitório segundo os bolsistas

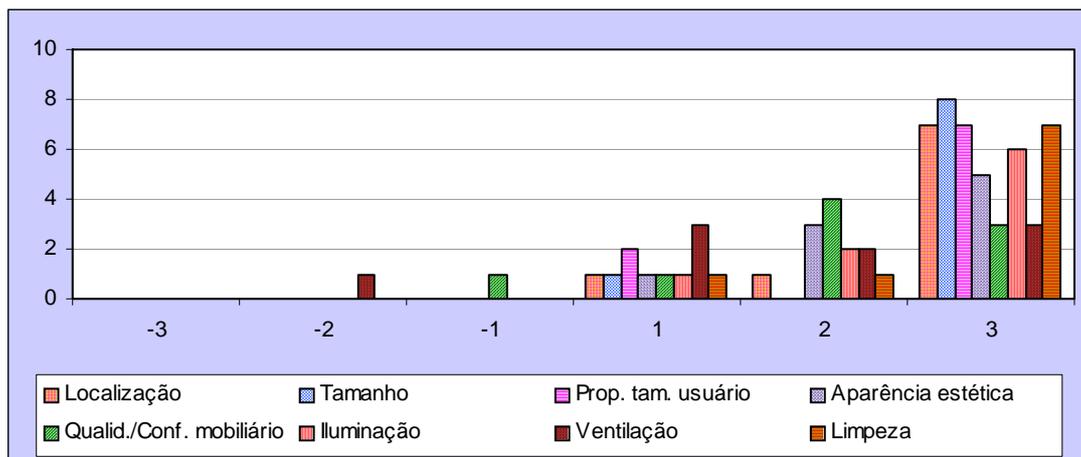


Figura 155 – Gráfico referente ao refeitório segundo o grupo dos bolsistas

Refeitório - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização					2	3
Tamanho					20%	80%
Prop. tam. usuário					80%	20%
Aparência estética			20%		80%	
Qualid. / Conf. mobiliário			40%	40%	20%	
Iluminação				80%		20%
Ventilação	60%		20%	20%		
Limpeza				40%	20%	40%

Tabela 22 – Refeitório segundo os funcionários

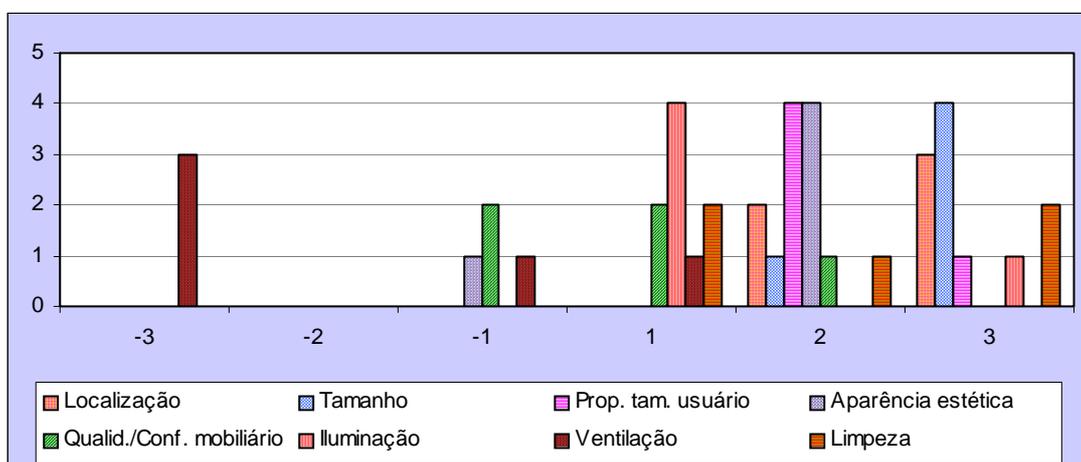


Figura 156 – Gráfico referente ao refeitório segundo o grupo dos funcionários

Os grupos trabalhados são unânimes ao considerar a *iluminação* e a *limpeza* do refeitório como muito boa – não marcando pontos negativos. O refeitório, como já descrevemos, possui uma faixa de janela no seu comprimento e clarabóias, tornando o ambiente bem iluminado. No entanto, estas janelas - tipo báscula – não permitem uma boa circulação de ar. Neste sentido, verificamos, através dos questionários, que os usuários estão insatisfeitos com a *ventilação*, principalmente os educadores (57,14%) e os funcionários (80%), já que estes passam mais tempo na creche e conhecem melhor o desempenho de sua edificação. Outro fator considerado ruim está relacionado a *qualidade e conforto do mobiliário*, onde os grupos dos educadores (42,85%) e dos funcionários (40%) demonstram maior insatisfação. Desconfiamos que este resultado se deva ao fato dos educadores e funcionários fazerem suas refeições na creche que só oferece mobiliário proporcional ao tamanho da criança. Por outro lado, a maioria concorda que o refeitório possui um ótimo *tamanho, proporção ao tamanho do usuário e boa aparência estética*.

4.3.2.6– SOBRE O SETORES ADMINISTRATIVOS

Setores Administrativos - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho			25%	45,83%	25%	4,17%
Aparência estética			4,17%	66,66%	20,83%	8,34%
Temperatura	16,66%		20,83%	45,83%	16,66%	
Nível de ruído			8,34%	33,33%	25%	33,33%
Qualid. / Conf. Mobiliário			16,66%	50%	25%	8,34%
Iluminação			12,50%	33,33%	25%	29,17%
Ventilação	8,34%		12,50%	37,50%	29,17%	12,50%
Segurança	4,17%	4,17%	16,66%	45,83%	4,17%	25%
Limpeza				12,50%	37,50%	50%

Tabela 23 – Setor administrativo segundo os pais

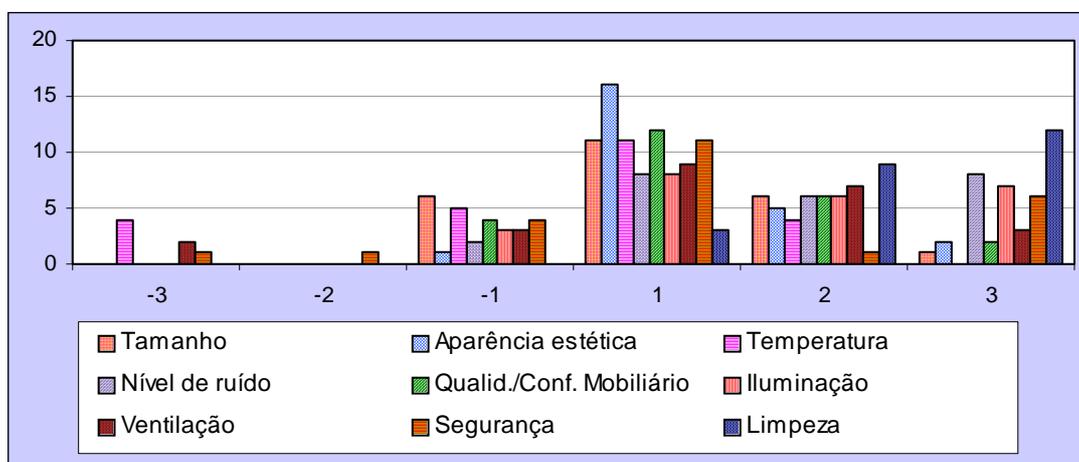


Figura 157 – Gráfico referente ao setor administrativo segundo o grupo dos pais

Setores Administrativos - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho			14,29%	28,57%	14,29%	42,85%
Aparência estética			14,29%	28,57%	14,29%	42,85%
Temperatura	57,14%				14,29%	28,57%
Nível de ruído	14,29%		14,29%		42,85%	28,57%
Qualid. / Conf. Mobiliário			42,85%		14,29%	42,85%
Iluminação			42,85%		28,57%	28,57%
Ventilação	57,14%			14,29%	28,57%	
Segurança	14,29%		57,14%		14,29%	14,29%
Limpeza				14,29%	28,57%	57,14%

Tabela 24 – Setor administrativo segundo os educadores

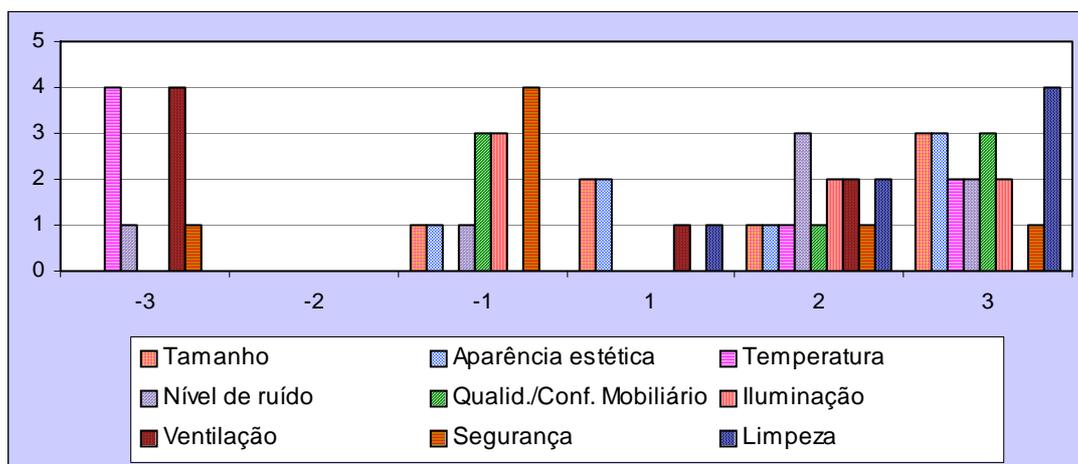


Figura 158 – Gráfico referente ao setor administrativo segundo o grupo dos educadores

Setores Administrativos - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho			11,11%	22,22%	44,44%	22,22%
Aparência estética				22,22%	44,44%	33,33%
Temperatura		11,11%		22,22%	22,22%	44,44%
Nível de ruído				11,11%	22,22%	66,67%
Qualid. / Conf. Mobiliário			11,11%	11,11%	44,44%	33,33%
Iluminação				11,11%	33,33%	55,55%
Ventilação		11,11%		22,22%	22,22%	44,44%
Segurança	11,11%		22,22%	33,33%	22,22%	11,11%
Limpeza				11,11%		88,89%

Tabela 25 – Setor administrativo segundo os bolsistas

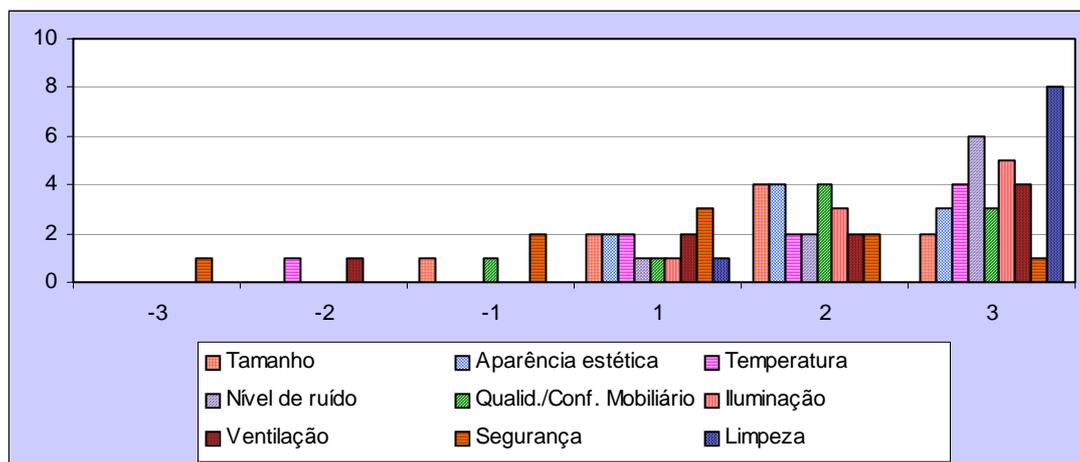


Figura 159 – Gráfico referente ao setor administrativo segundo o grupo dos bolsistas

Setores Administrativos - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho			60%	40%		
Aparência estética			40%	60%		
Temperatura	80%			20%		
Nível de ruído	20%	20%			40%	20%
Qualid. / Conf. Mobiliário	20%		80%			
Iluminação			60%	20%	20%	
Ventilação	80%			20%		
Segurança		20%	60%	20%		
Limpeza			20%	40%	40%	

Tabela 26 – Setor administrativo segundo os funcionários

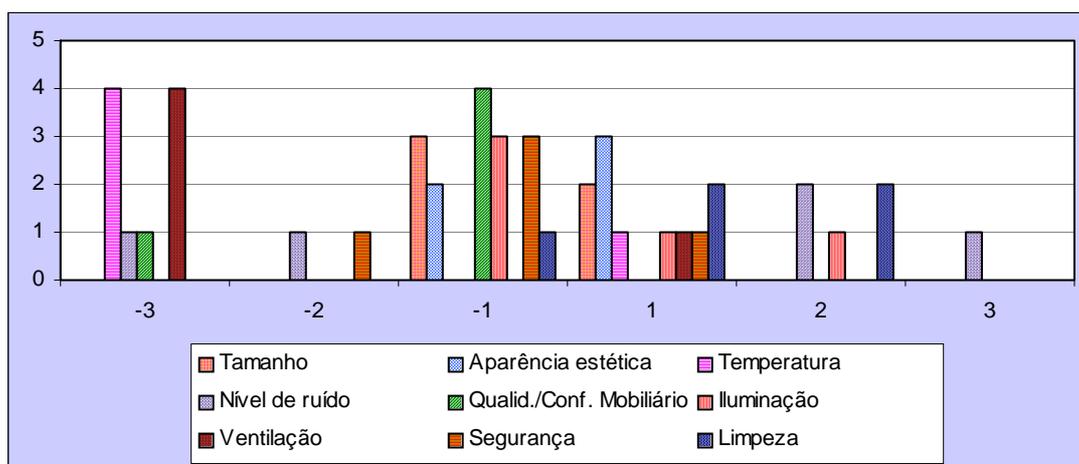


Figura 160 – Gráfico referente ao setor administrativo segundo o grupo dos funcionários

Em relação aos setores administrativos, podemos constatar um elevado índice de respostas negativas por parte dos educadores e funcionários, que são as pessoas que realmente utilizam o setor administrativo. Os funcionários demonstram insatisfação com o *tamanho* (60%) e com a *aparência* (40%), enquanto que os demais não pontuaram de forma tão significativa tais quesitos. As questões tidas como mais problemáticas por este grupo são relacionadas à *temperatura* (80%), *qualidade e conforto do mobiliário* (100%), *ventilação* (80%) e *segurança* (80%). A *iluminação* e a *ventilação* também receberam alta porcentagem de respostas negativas vindas, principalmente, dos funcionários e educadores. Como relatamos anteriormente, os ambientes que compõem o setor administrativo são pequenos, com elevada temperatura interna ocasionada pelo tipo de cobertura e forro e prejudicada, ainda mais, pela pouca ventilação já que as janelas não permitem grandes aberturas. Assim, concluímos que os usuários destes espaços possuem vários motivos para demonstrarem-se insatisfeitos com o desempenho deste setor.

4.3.2.7– SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES E CIRCULAÇÕES

Espaços Livres e Circulações - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Aparência interna				16,66%	41,67%	37,50%
Larg. corredores				12,50%	41,67%	45,83%
Limpeza				8,34%	25%	66,66%

Tabela 27 – Espaços livres e circulações segundo os pais

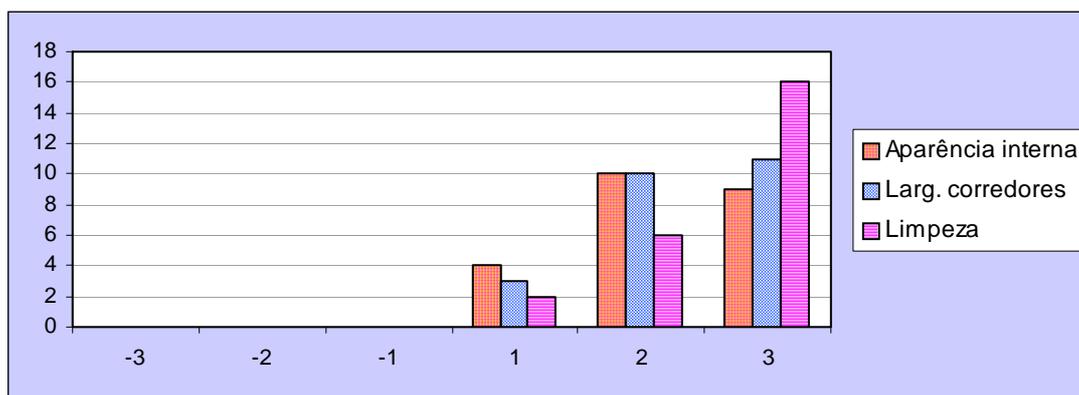


Figura 161 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações segundo o grupo dos pais

Espaços Livres e Circulações - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Aparência interna		14,29%			42,85%	42,85%
Larg. corredores			14,29%		57,14%	28,57%
Limpeza				14,29%	14,29%	71,42%

Tabela 28 – Espaços livres e circulações segundo os educadores

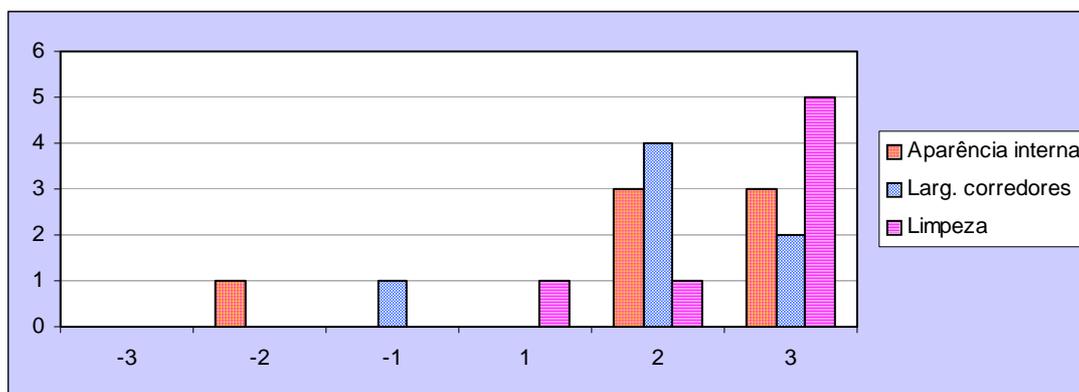


Figura 162 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações segundo o grupo dos educadores

Espaços Livres e Circulações - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Aparência interna				11,11%	22,22%	66,67%
Larg. corredores				11,11%	11,11%	77,78%
Limpeza				11,11%	11,11%	77,78%

Tabela 29 – Espaços livres e circulações segundo os bolsistas

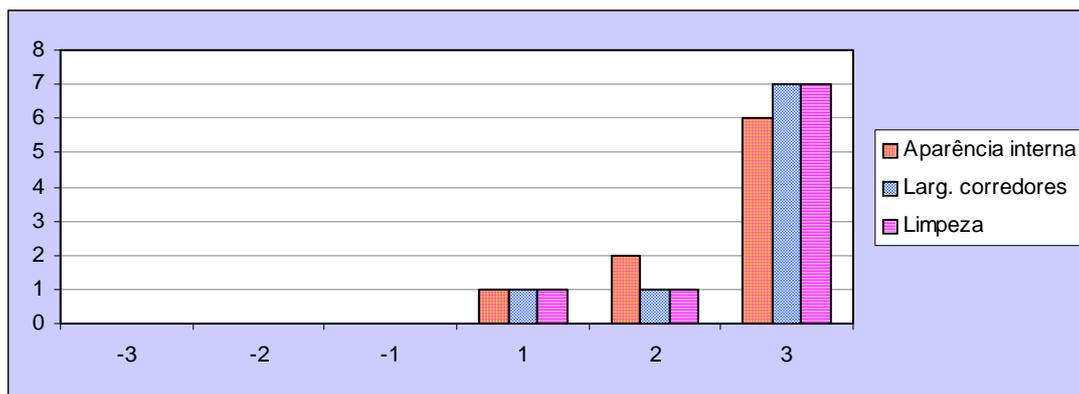


Figura 163 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações segundo o grupo dos bolsistas

Espaços Livres e Circulações - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Aparência interna		20%		40%	40%	
Larg. corredores			20%	20%	60%	
Limpeza			20%	20%	20%	40%

Tabela 30 – Espaços livres e circulações segundo os funcionários

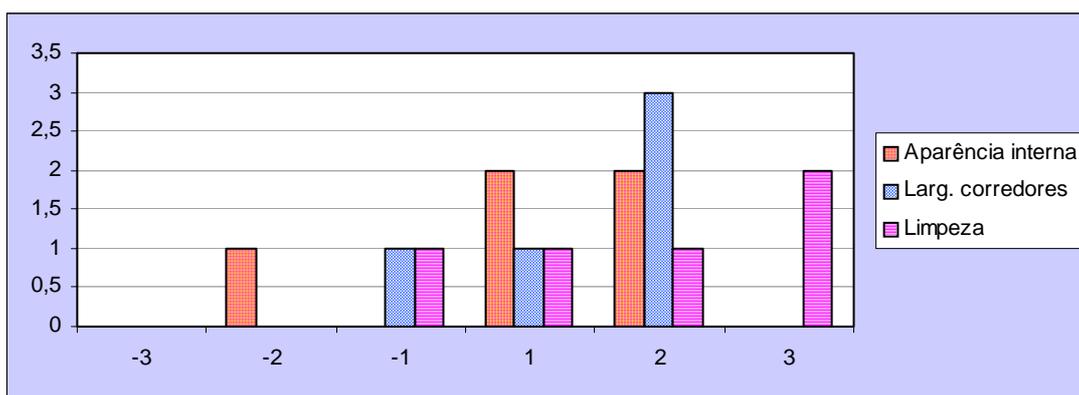


Figura 164 – Gráfico referente aos espaços livres e circulações segundo o grupo dos funcionários

Considerando os dados obtidos em relação aos espaços livres e circulações, podemos constatar que a maior parte dos usuários da creche está satisfeita. O pais e bolsistas não marcaram nenhuma nota negativa. Os educadores (14,29%) pontuaram como ruim a *aparência interna* e a *largura dos corredores*, enquanto que os funcionários (20%) mostram insatisfação com todos os quesitos. Esta pontuação negativa não deixa de confirmar o bom desempenho dos espaços livres e das circulações.

4.3.2.8– SOBRE A ENTRADA

Entrada - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho				50%	16,66%	33,33%
Prop. tam. criança			8,34%	20,83%	29,17%	41,66%
Aparência estética				33,33%	37,50%	29,17%
Flexibil. de uso	4,17%		16,66%	33,33%	20,83%	25%
Temperatura	12,50%	8,34%	12,50%	37,50%	12,50%	16,66%
Nível de ruído			4,17%	33,33%	37,50%	25%
Segurança	8,34%	8,34%	20,83%	16,66%	20,83%	25%
Limpeza				12,50%	33,33%	54,17%

Tabela 31 – Entrada segundo os pais

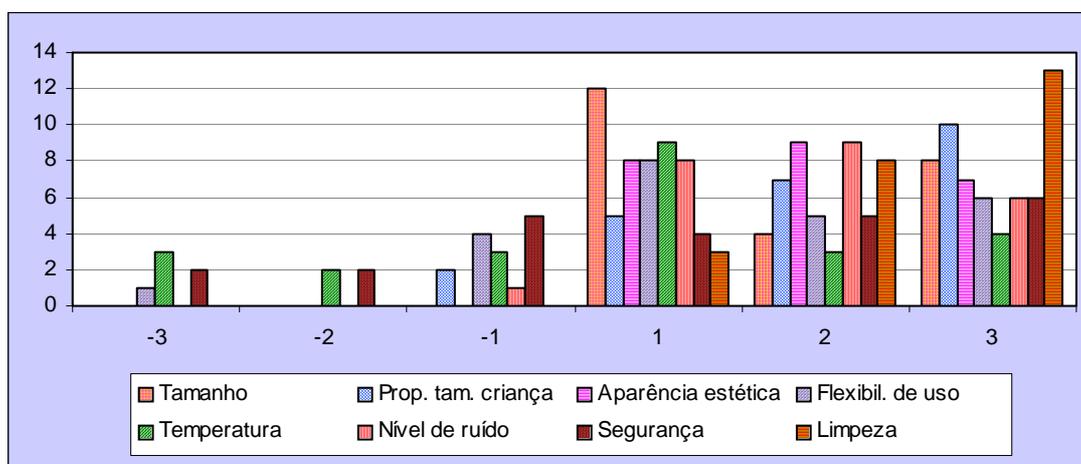


Figura 165 – Gráfico referente à entrada segundo o grupo dos pais

Entrada - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho				28,57%	14,29%	57,14%
Prop. tam. criança				28,57%	28,57%	42,85%
Aparência estética				42,85%	14,29%	42,85%
Flexibil. de uso	14,29%		28,57%	14,29%		42,85%
Temperatura	42,85%		14,29%	28,57%	14,29%	
Nível de ruído	14,29%			42,85%		42,85%
Segurança	14,29%		14,29%	28,57%	14,29%	28,57%
Limpeza					14,29%	85,71%

Tabela 32 – Entrada segundo os educadores

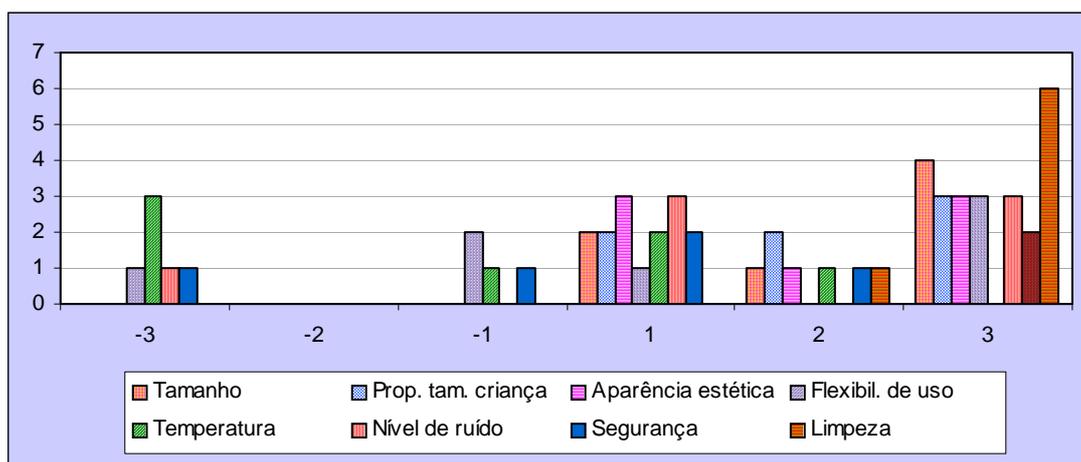


Figura 166 – Gráfico referente à entrada segundo o grupo dos educadores

Entrada - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho				11,11%	33,33%	55,55%
Prop. tam. criança				11,11%	22,22%	66,67%
Aparência estética				11,11%	22,22%	66,67%
Flexibil. de uso			22,22%	11,11%	22,22%	44,44%
Temperatura				22,22%	33,33%	44,44%
Nível de ruído		11,11%	11,11%		22,22%	55,55%
Segurança			22,22%		66,67%	11,11%
Limpeza				11,11%	22,22%	66,67%

Tabela 33 – Entrada segundo os bolsistas

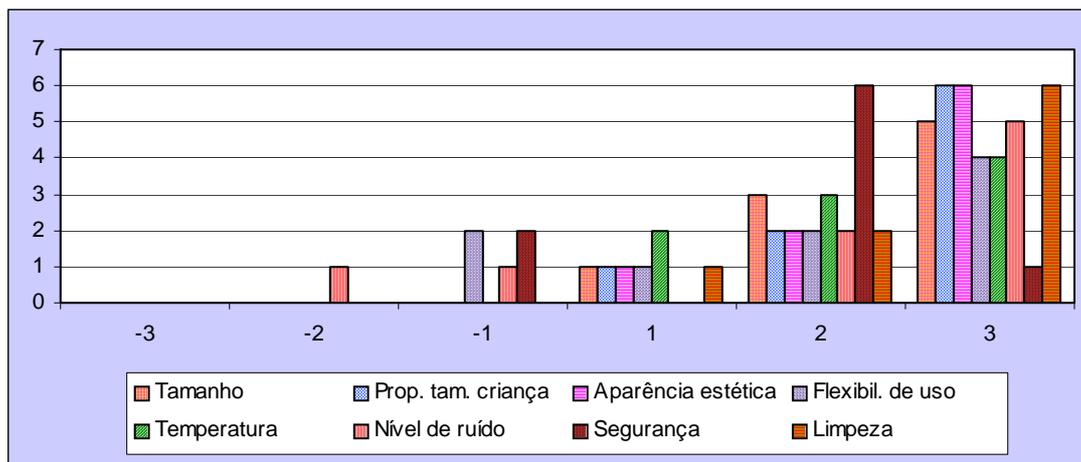


Figura 167 – Gráfico referente à entrada segundo o grupo dos bolsistas

Entrada - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Tamanho				80%		20%
Prop. tam. criança				60%	40%	
Aparência estética			20%	60%	20%	
Flexibil. de uso	20%		80%			
Temperatura	60%	20%	20%			
Nível de ruído	20%			60%	20%	
Segurança			60%			40%
Limpeza				20%	40%	40%

Tabela 34 – Entrada segundo os funcionários

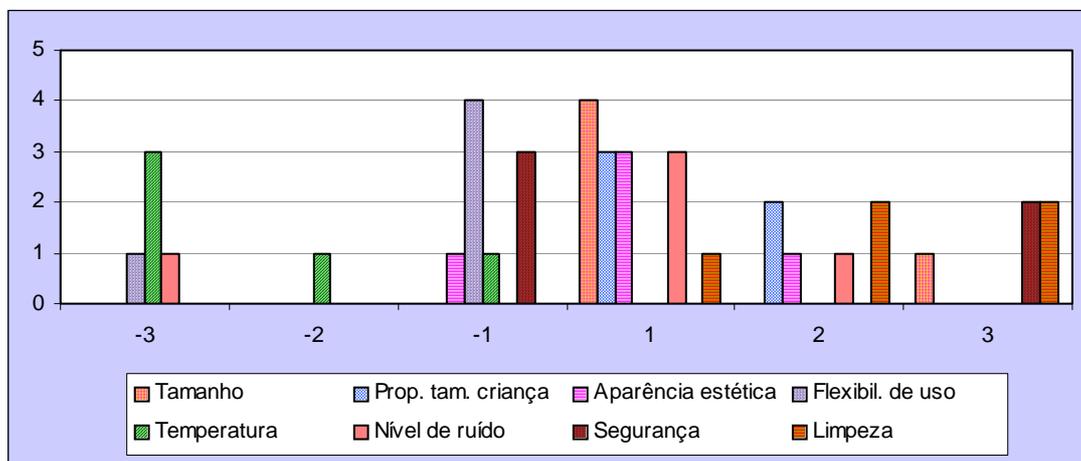


Figura 168 – Gráfico referente à entrada segundo o grupo dos funcionários

Em relação à entrada da creche, os dados evidenciam que a maior parte dos usuários estão muito satisfeitos com seu *tamanho* (100%), sua *proporção ao tamanho da crianças* (98%), com a *aparência* (95%) e com a *limpeza* (100%). Durante nossas observações, não foram evidenciados quaisquer problemas com a entrada da creche, com exceção dos sinais de infiltrações na pequena área coberta que antecede a recepção. Apesar de termos podido observar o pátio sendo usado - além de sua função original de passagem - como área para piquenique, área para brincadeiras e para espera de pais ou mesmo de transporte (no caso de passeios com os educadores), os questionários nos mostram que alguns usuários acreditam que a entrada não ofereça uma boa *flexibilidade de uso*. Como já foi observado nas outras avaliações, os funcionários e educadores são os que mais pontuam com notas negativas – pais (20,83%), educadores (42,85%), bolsistas (22,22%) e funcionários (100%). Outros quesitos que receberam notas negativas foram a *temperatura* (47,50%) e a *segurança* (37%) o que nos permite concluir que a temperatura e a segurança são consideradas como ponto problemático em todas as avaliações, sendo necessário, assim, estudar medidas para solucionar tais problemas.

4.3.2.9– SOBRE O PÁTIO EXTERNO

Pátio Externo - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização		4,17%		12,50%	29,16%	54,17%
Tamanho				20,83%	25%	54,17%
Prop. tam. criança			4,17%	20,83%	37,50%	37,50%
Aparência estética	4,17%			25%	45,83%	25%
Qualid./Conf. mobiliário	4,17%		8,34%	37,50%	33,33%	16,66%
Flexibil. de uso			8,34%	33,33%	29,17%	29,17%
Temperatura	12,50%		8,34%	45,83%	20,83%	12,50%
Nível de ruído		4,17%		41,67%	16,66%	37,50%
Segurança	8,34%	12,50%	8,34%	29,16%	25%	16,66%
Limpeza				16,66%	25%	58,34%

Tabela 35 – Pátio externo segundo os pais

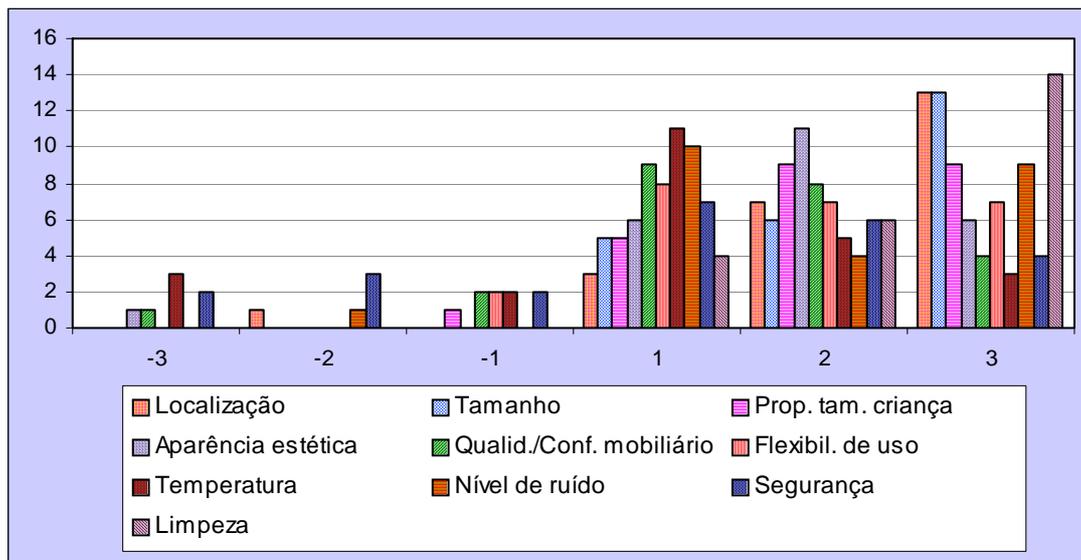


Figura 169 – Gráfico referente ao pátio externo segundo o grupo dos pais

Pátio Externo - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização						100%
Tamanho				14,29%	28,57%	57,14%
Prop. tam. criança				14,29%	28,57%	57,14%
Aparência estética			28,57%		28,57%	42,85%
Qualid./Conf. mobiliário	28,57%		14,29%	28,57%	14,29%	14,29%
Flexibil. de uso			14,29%	28,57%	14,29%	42,85%
Temperatura	28,57%		14,29%	28,57%	14,29%	14,29%
Nível de ruído			14,29%	42,85%		42,85%
Segurança	14,29%		14,29%	14,29%	28,57%	28,57%
Limpeza				14,29%		85,71%

Tabela 36 – Pátio externo segundo os educadores

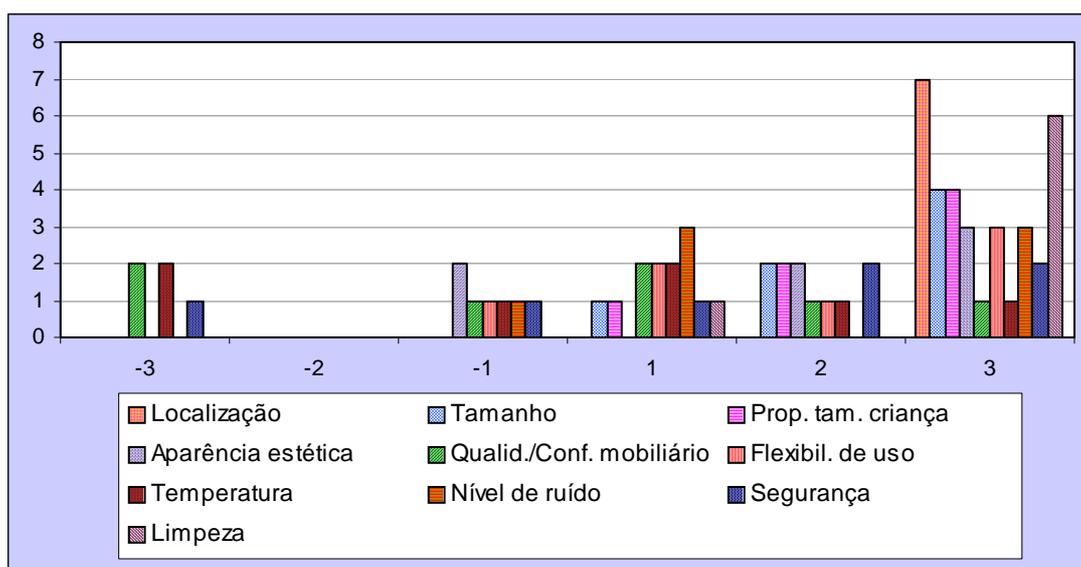


Figura 170 – Gráfico referente ao pátio externo segundo o grupo dos educadores

Pátio Externo - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização				11,11%	11,11%	77,78%
Tamanho				11,11%	22,22%	66,67%
Prop. tam. criança				11,11%	22,22%	66,67%
Aparência estética			11,11%	22,22%	22,22%	44,44%
Qualid./Conf. mobiliário			11,11%	33,33%	33,33%	22,22%
Flexibil. de uso				22,22%	22,22%	55,56%
Temperatura				22,22%	22,22%	55,56%
Nível de ruído				11,11%	44,44%	44,44%
Segurança			11,11%	22,22%	33,33%	33,33%
Limpeza				22,22%	22,22%	55,56%

Tabela 37 – Pátio externo segundo os bolsistas

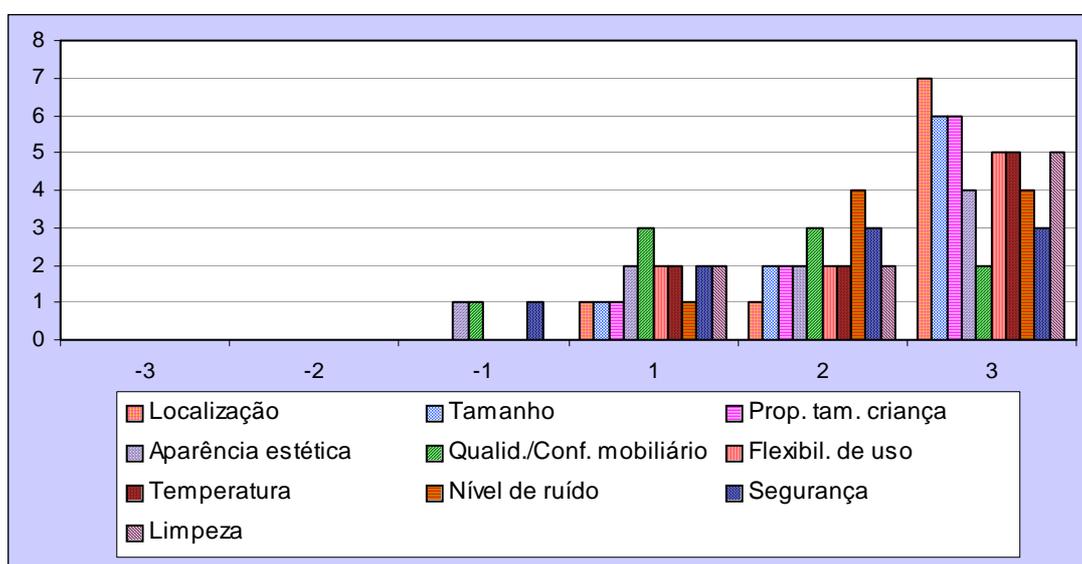


Figura 171 – Gráfico referente ao pátio externo segundo o grupo dos bolsistas

Pátio Externo - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização			20%			80%
Tamanho				20%	40%	40%
Prop. tam. criança				20%	40%	40%
Aparência estética			20%	20%	40%	20%
Qualid./Conf. mobiliário	20%			3	20%	
Flexibil. de uso			20%	20%	20%	40%
Temperatura	40%		40%	20%		
Nível de ruído			20%	60%		20%
Segurança			20%	20%	40%	20%
Limpeza			20%	20%		60%

Tabela 38 – Pátio externo segundo os funcionários

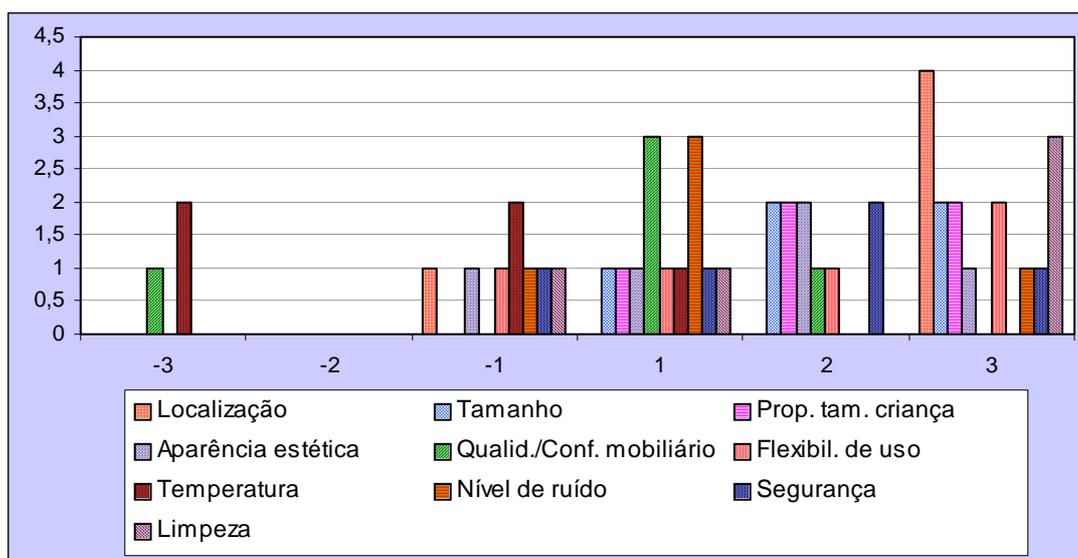


Figura 172 – Gráfico referente ao pátio externo segundo o grupo dos funcionários

Os dados acima relacionados nos mostram que a maioria dos usuários consideram como pontos positivos do pátio externo a sua *localização*, seu *tamanho*, sua *proporção ao tamanho da criança* e sua *limpeza*. Em relação a estes quesitos, não foram verificados quaisquer problemas durante nossa incursão na creche. Por outro lado, os fatores que receberam maior índice de respostas negativas foram os quesitos *qualidade e conforto do mobiliário* (21,61%), *temperatura* (35,92%) e *segurança* (22,21%). Como no restante dos casos, o índice de maiores respostas negativas veio dos funcionários e educadores, talvez pelo fato de passarem mais tempo na creche e conhecerem melhor suas características. Cabe ressaltar que alguns pais, através do item *sugestões para melhorar os espaços e o funcionamento da creche* do questionário, solicitaram que o muro que faz divisa com a favela fosse ampliado já que estes temem pela segurança dos seus filhos. Vale dizer que os respondentes também se queixaram da variedade de brinquedos oferecidos no pátio externo. Já os quesitos *flexibilidade de uso* e *nível de ruído*, no geral, foram considerados de forma positiva.

4.3.2.10– SOBRE O PÁTIO INTERNO

Pátio Interno - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização			4,17%	16,66%	37,50%	41,67%
Tamanho		4,17%	4,17%	20,83%	45,83%	25%
Prop. tam.criança				25%	41,67%	33,33%
Aparência estética			4,17%	33,33%	37,50%	25%
Qualid. /Conf. mobiliário		4,17%	12,50%	41,67%	25%	16,66%
Flexibil. de uso		4,17%	12,50%	29,17%	33,33%	20,83%
Temperatura	8,34%	8,34%	16,66%	37,50%	12,50%	16,66%
Nível de ruído			4,17%	41,67%	20,83%	33,33%
Iluminação	8,34%			25%	16,66%	50%
Segurança	8,34%	4,17%	8,34%	33,33%	12,50%	33,33%
Limpeza				16,66%	45,83%	37,50%

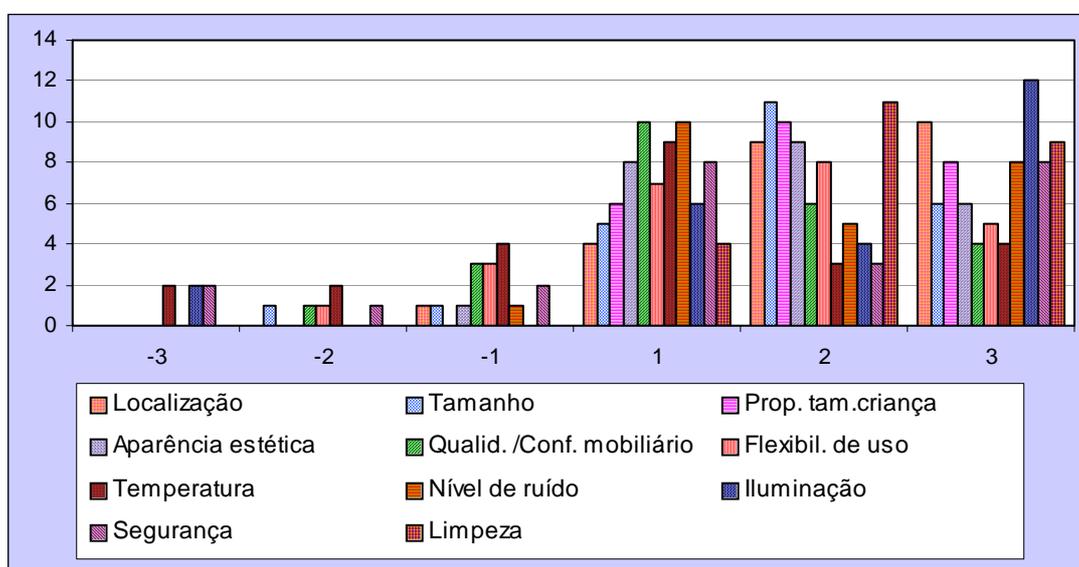


Figura 173 – Gráfico referente ao pátio interno segundo o grupo dos pais

Pátio Interno - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização					14,29%	85,71%
Tamanho				14,29%	42,85%	42,85%
Prop. tam.criança				28,57%	42,85%	28,57%
Aparência estética			28,57%		28,57%	42,85%
Qualid. /Conf. mobiliário			28,57%	28,57%	14,29%	28,57%
Flexibil. de uso				14,29%	42,85%	42,85%
Temperatura	42,85%		14,29%	28,57%		14,29%
Nível de ruído	14,29%			42,85%	14,29%	28,57%
Iluminação	28,57%	14,29%			14,29%	42,85%
Segurança	14,29%		14,29%	14,29%	28,57%	28,57%
Limpeza		14,29%		14,29%	14,29%	57,14%

Tabela 40 – Pátio interno segundo os educadores

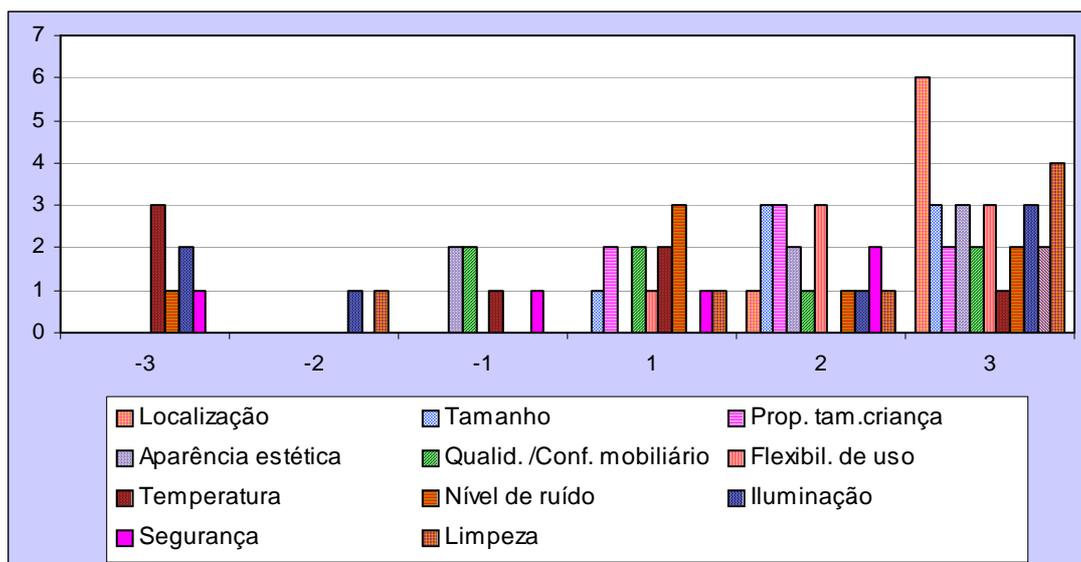


Figura 174 – Gráfico referente ao pátio interno segundo o grupo dos educadores

Pátio Interno - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização				11,11%	11,11%	77,78%
Tamanho				11,11%	33,33%	55,55%
Prop. tam.criança				11,11%	11,11%	77,78%
Aparência estética				11,11%	33,33%	55,55%
Qualid. /Conf. mobiliário			11,11%	11,11%	22,22%	55,55%
Flexibil. de uso				22,22%	33,33%	44,44%
Temperatura			11,11%	22,22%	22,22%	44,44%
Nível de ruído				22,22%	44,44%	33,33%
Iluminação				11,11%	22,22%	66,67%
Segurança		11,11%	11,11%	11,11%	22,22%	44,44%
Limpeza				11,11%	11,11%	77,78%

Tabela 41 – Pátio interno segundo os bolsistas

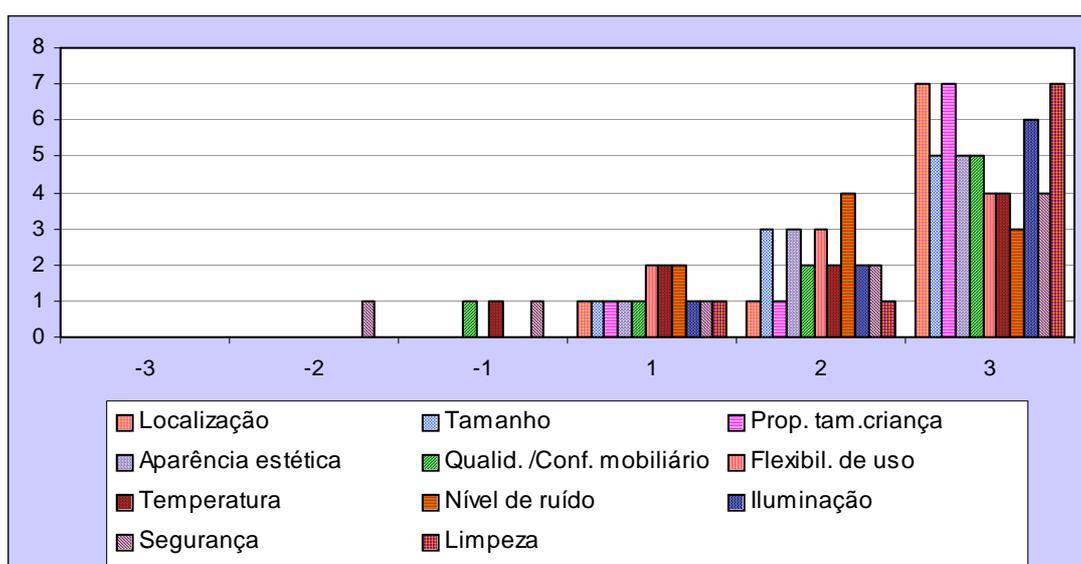


Figura 175 – Gráfico referente ao pátio interno segundo o grupo dos bolsistas

Pátio Interno - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Localização				20%	20%	60%
Tamanho				40%	40%	20%
Prop. tam.criança			20%	40%	40%	
Aparência estética			20%	20%	60%	
Qualid. /Conf. mobiliário				80%	20%	
Flexibil. de uso			20%	20%	60%	
Temperatura	40%	20%	40%			
Nível de ruído				60%	20%	20%
Iluminação	40%			20%	20%	20%
Segurança			20%		60%	20%
Limpeza		20%		20%	40%	20%

Tabela 42 – Pátio interno segundo os funcionários

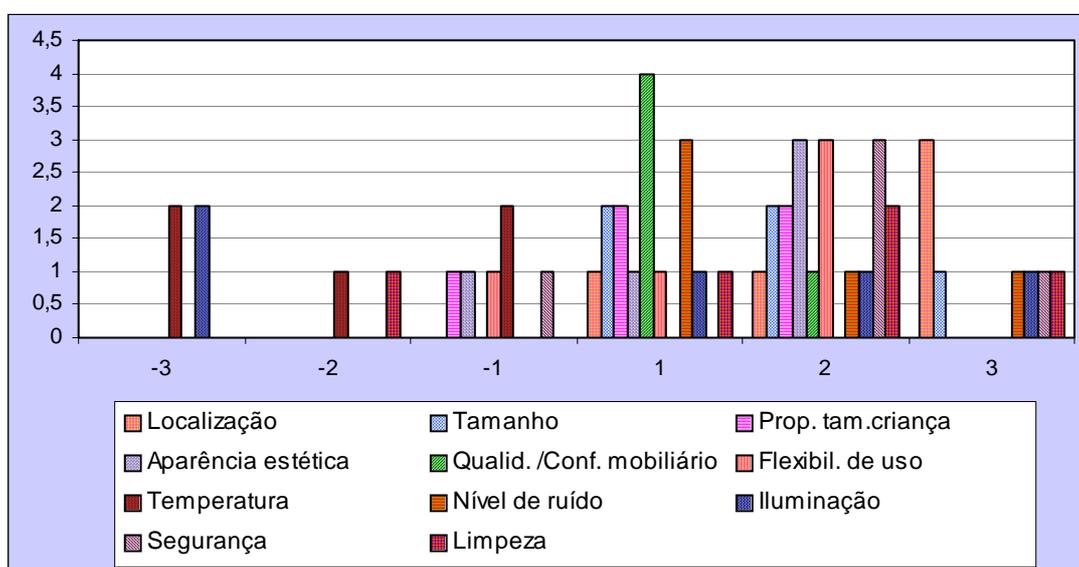


Figura 176 – Gráfico referente ao pátio interno segundo o grupo dos funcionários

As informações acima descritas nos permitem concluir que grande parte dos respondentes estão satisfeitos com a *localização* (98,95%), o *tamanho* (97,91%), a *proporção ao tamanho da criança* (95%), o *nível de ruído* (95,39%) e a *limpeza* (91,42%) do pátio interno. No entanto, é válido dizer que os poucos pontos negativos marcados nestes quesitos referem-se, quase sempre, a grupos isolados. No geral, a aparência estética, agrada aos usuários (82,35%). Por outro lado, os fatores que recebem maior porcentagem de respostas negativas foram a *temperatura* e a *iluminação*. Vale ressaltar novamente que o maiores índices de notas negativas foram dados pelos educadores (57,14% e 33,33%) e funcionários (100% e 40%). Apesar do pátio interno possui uma grande área descoberta, verificamos que ele não permite uma boa circulação de ar, talvez pelo fato de ser todo fechado por paredes, evitando assim uma ventilação cruzada. Os gráficos nos mostram também que os usuários apresentam algumas reclamações em relação a *qualidade de*

conforto do mobiliário, comprovado pela pouca variedade de mobiliário do pátio interno – palco e brinquedo de montar⁴⁶. A questão da segurança também recebe um número considerável de respostas negativas. Durante nossa incursão na creche, observamos que o ponto mais significativo na questão da segurança está relacionado ao tipo de janela adotado o qual apresenta superfícies pontiagudas em que as crianças podem se ferir.

4.3.2.11– SOBRE A QUALIDADE DOS MATERIAIS USADOS

Qualidade dos Materiais Usados - Pais						
	-3	-2	-1	1	2	3
Pisos			4,17%	37,50%	37,50%	20,83%
Paredes			4,17%	37,50%	37,50%	20,83%
Tetos	29,17%		12,50%	25%	20,83%	12,50%

Tabela 43 – Qualidade dos materiais usados segundo os pais

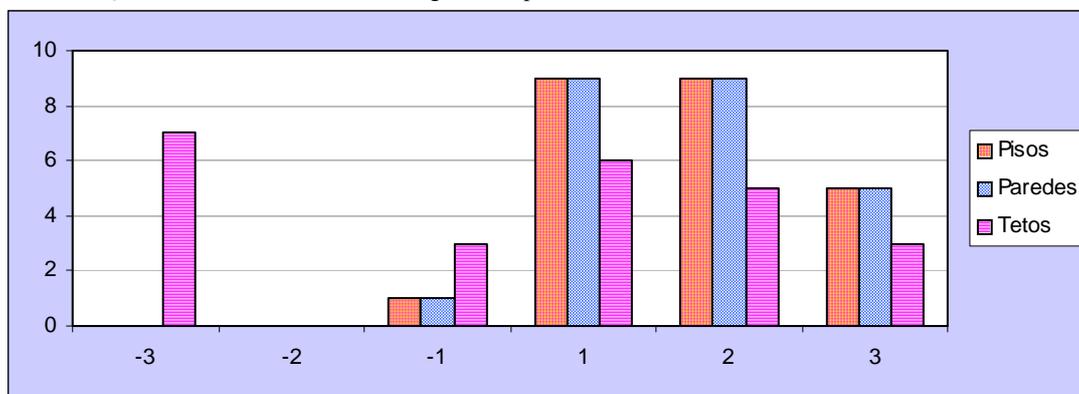


Figura 177 – Gráfico referente a qualidade dos materiais usados segundo o grupo dos pais

Qualidade dos Materiais Usados - Educadores						
	-3	-2	-1	1	2	3
Pisos			14,29%	14,29%	28,57%	42,85%
Paredes	14,29%			14,29%	42,85%	28,57%
Tetos	71,42%			14,29%		14,29%

Tabela 44 – Qualidade dos materiais usados segundo os educadores

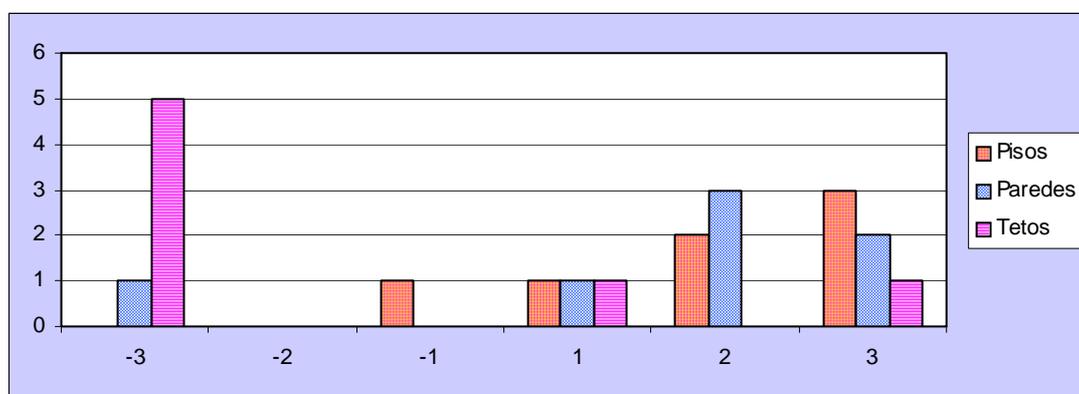


Figura 178 – Gráfico referente a qualidade dos materiais usados segundo o grupo dos educadores

⁴⁶ No projeto original era previsto uma variedade de equipamentos e ambientes que não foram executados como labirinto, casa de boneca, horta e até viveiro.

Qualidade dos Materiais Usados - Bolsistas						
	-3	-2	-1	1	2	3
Pisos				11,11%	22,22%	66,67%
Paredes			11,11%	22,22%	22,22%	44,44%
Tetos			22,22%	44,44%		33,33%

Tabela 45 – Qualidade dos materiais usados segundo os bolsistas

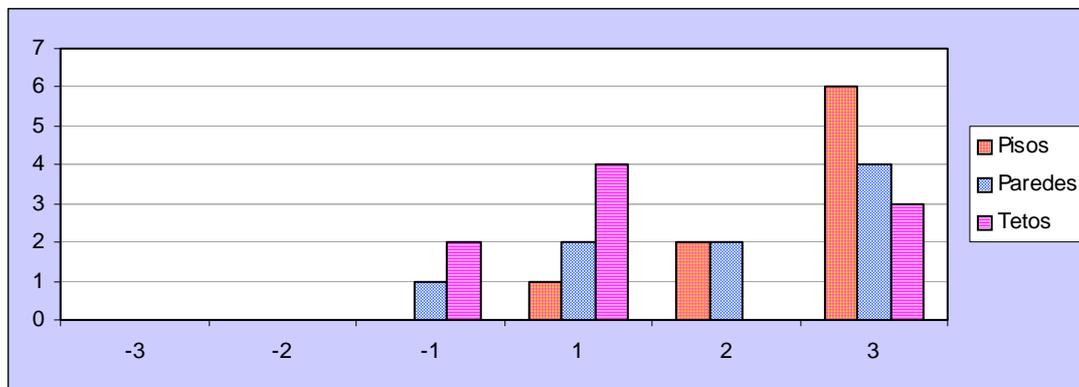


Figura 179 – Gráfico referente a qualidade dos materiais usados segundo o grupo dos bolsistas

Qualidade dos Materiais Usados - Funcionários						
	-3	-2	-1	1	2	3
Pisos			40%	20%	40%	
Paredes	20%		20%	20%	40%	
Tetos	60%	20%				

Tabela 46 – Qualidade dos materiais usados segundo os funcionários

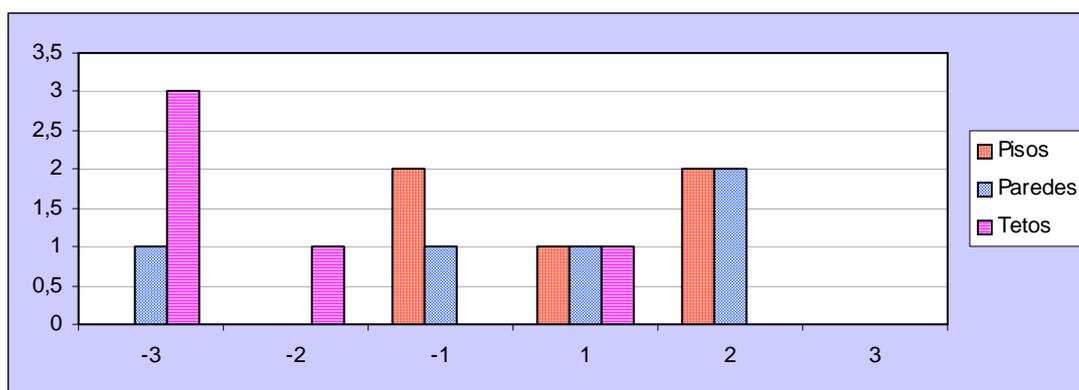


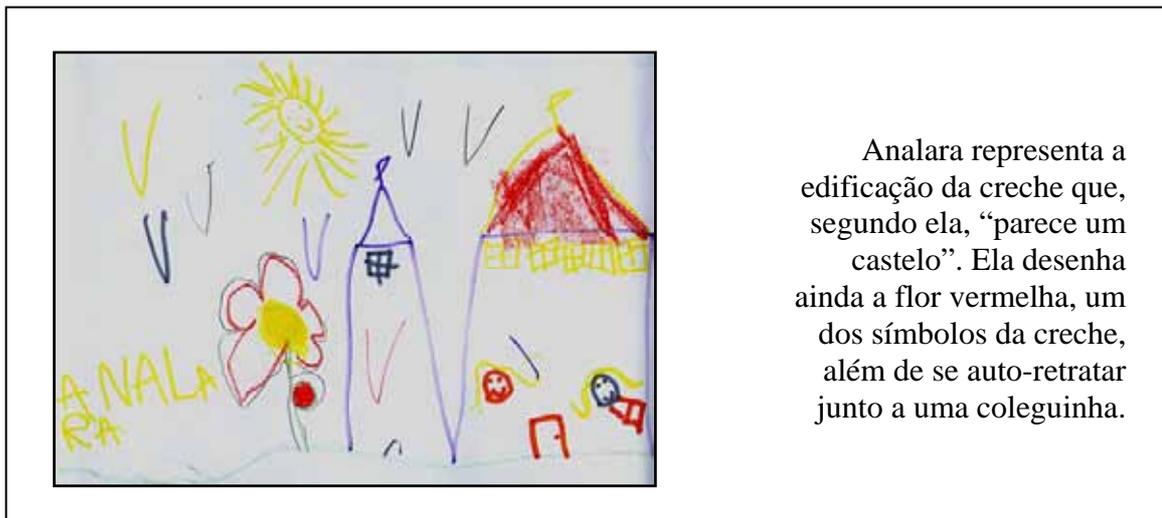
Figura 180 – Gráfico referente a qualidade dos materiais usados segundo o grupo dos funcionários

Sobre a qualidade dos materiais usados na creche, identificamos um grande índice de insatisfação em relação aos materiais usados no teto. Os funcionários (80%) e os educadores (71,42%) são os responsáveis pelos maiores índices de respostas negativas. Como já dissemos, esta questão talvez esteja ligada a longa permanência na creche e, portanto, uma maior exposição ao aquecimento da telha e sua transmissão de calor que, atravessando o forro de treliça, invade diretamente os ambientes, provocando o aquecimento da temperatura. Em relação aos materiais dos pisos e das paredes, notamos que, na sua maioria, os grupos parecem satisfeitos. Os funcionários são os únicos que apresentam um índice considerável de respostas negativas (40%).

4.4– ANÁLISE DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS

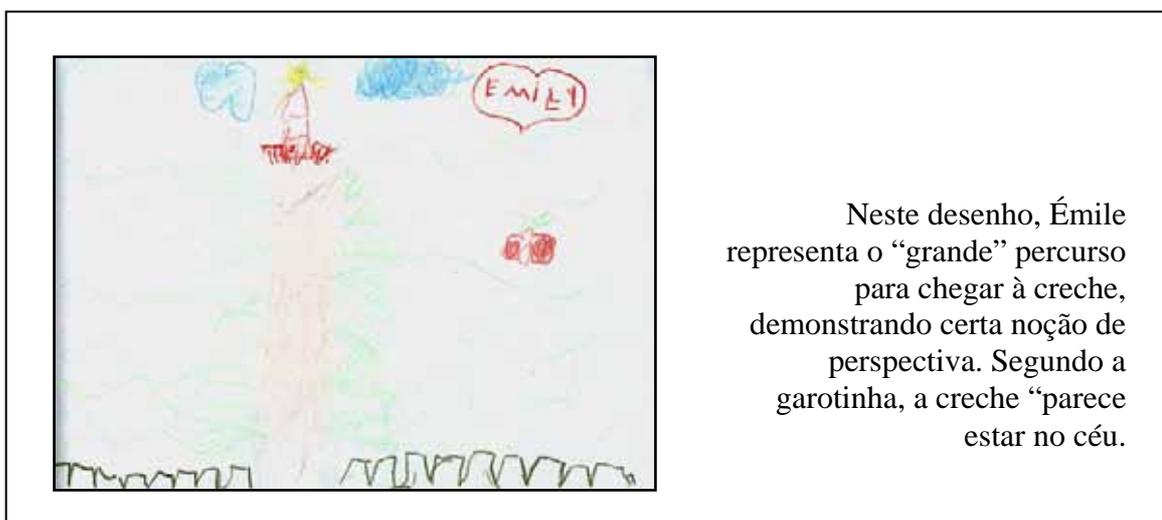
A atividade de desenho com as crianças teve como objetivo principal identificar como as crianças vêem o espaço da Creche UFF. Por isso, ao pedir-lhes para desenhar a instituição, procuramos não dar muitas pistas do que gostaríamos que elas produzissem, a fim de não influenciar seus trabalhos.

Na primeira atividade, solicitamos apenas que as crianças desenhassem a Creche UFF. Esta liberdade se reflete nos desenhos onde percebemos que cada criança representa a creche a sua maneira, voltando o foco ao que lhe interessa. Este fato é marcante no grupo dos mais velhos já que estes possuem uma maior capacidade de se expressar. Nessa turma, podemos notar que há situações em que a criança procura retratar a edificação. Vejam os desenhos abaixo:



Analara representa a edificação da creche que, segundo ela, “parece um castelo”. Ela desenha ainda a flor vermelha, um dos símbolos da creche, além de se auto-retratar junto a uma coleguinha.

Figura 181 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 1



Neste desenho, Émile representa o “grande” percurso para chegar à creche, demonstrando certa noção de perspectiva. Segundo a garotinha, a creche “parece estar no céu.

Figura 182 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 2

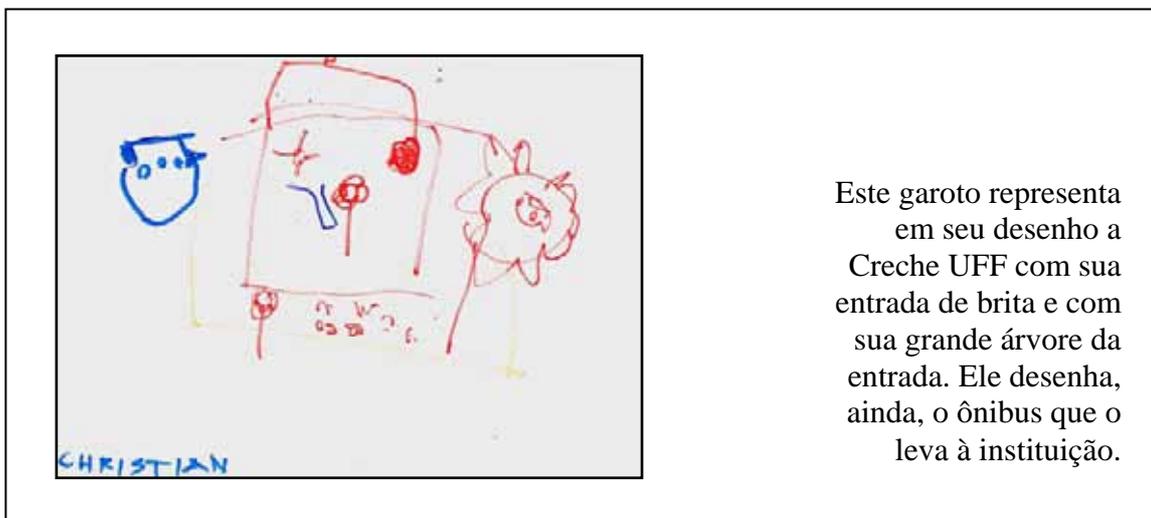


Figura 183 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 3

É válido relatar que, durante a atividade, Analara (Fig.181 – Desenho1) mostrou-se preocupada em desenhar a flor que representa a Creche UFF nas cores corretas, pedindo que a professora lhe confirmasse se era mesmo vermelha e amarela. Percebemos a presença da flor da creche também no desenho de Analice (Fig.184 – Desenho4). Christian Rafael (Fig.183 – Desenho3) desenhcou a edificação apenas depois de ver que a coleguinha ao lado o fazia. No entanto, devemos ressaltar que ele representa a entrada de brita e a árvore inédito nos outros desenhos.

Outra fato observado na turma dos mais velhos é a representação da creche através das pessoas que dela fazem parte. Assim, em alguns desenhos, as crianças representam a si e aos coleguinhas. Nos desenhos abaixo podemos confirmar estas informações:



Figura 184 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 4

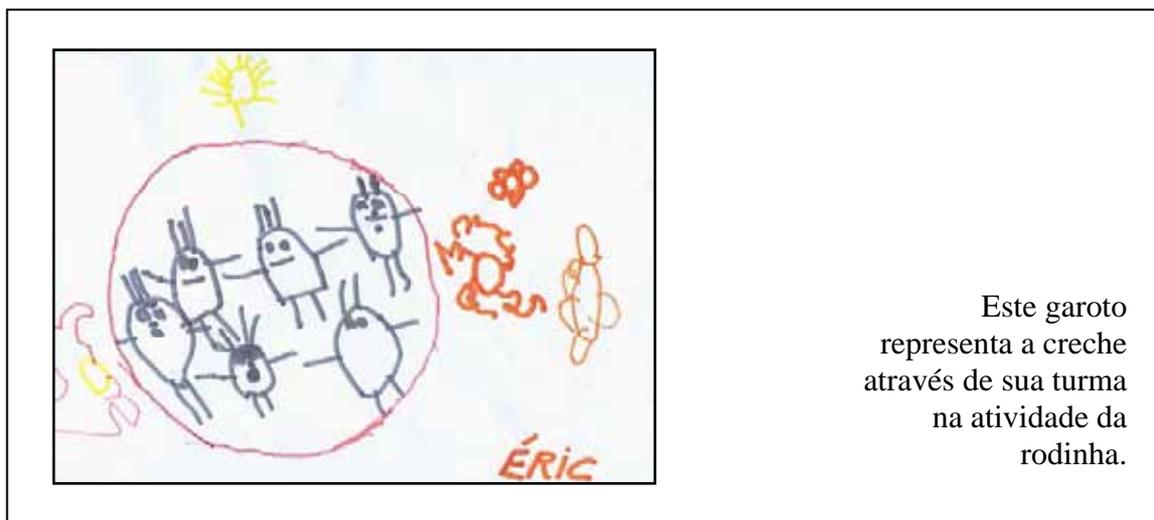


Figura 185 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 5

Evidenciamos esta representação tanto dos colegas e professores, quanto de si mesmo em outros desenhos, como por exemplo, o de Pedro Sampaio (Fig.188 – Desenho8) que, além dos amigos e da professora, representa ainda a pesquisadora.

Ainda há os casos em que a representação da creche se dá através de um dos seus diversos ambientes (Fig.186 – Desenho6 e Fig.187 – Desenho7), ou, ao contrário, numa visão macro, da creche dentro de seu contexto – ou seja, dentro do Campus (Fig.188 – Desenho8). Vejamos:

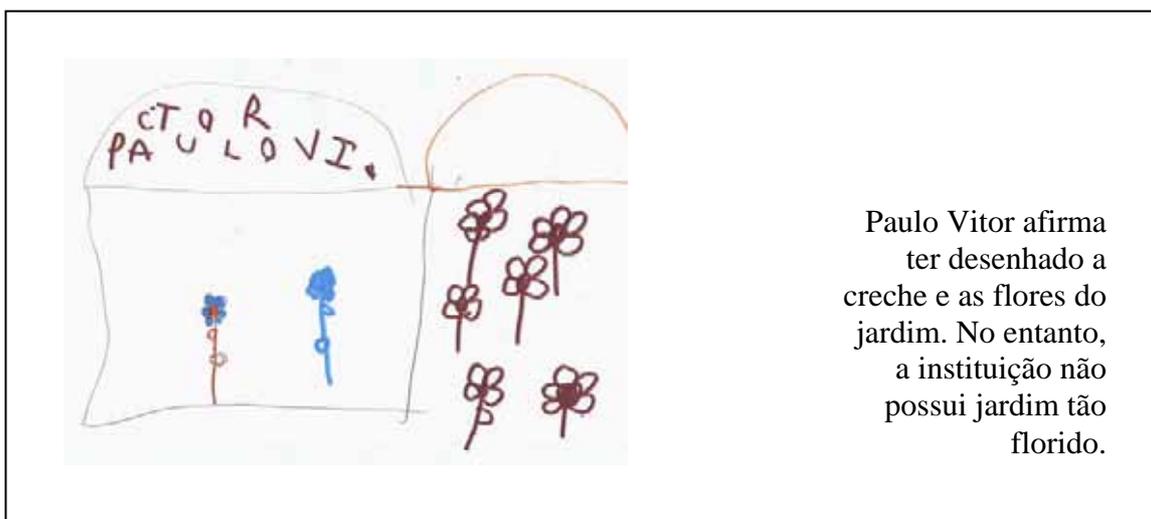


Figura 186 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 6

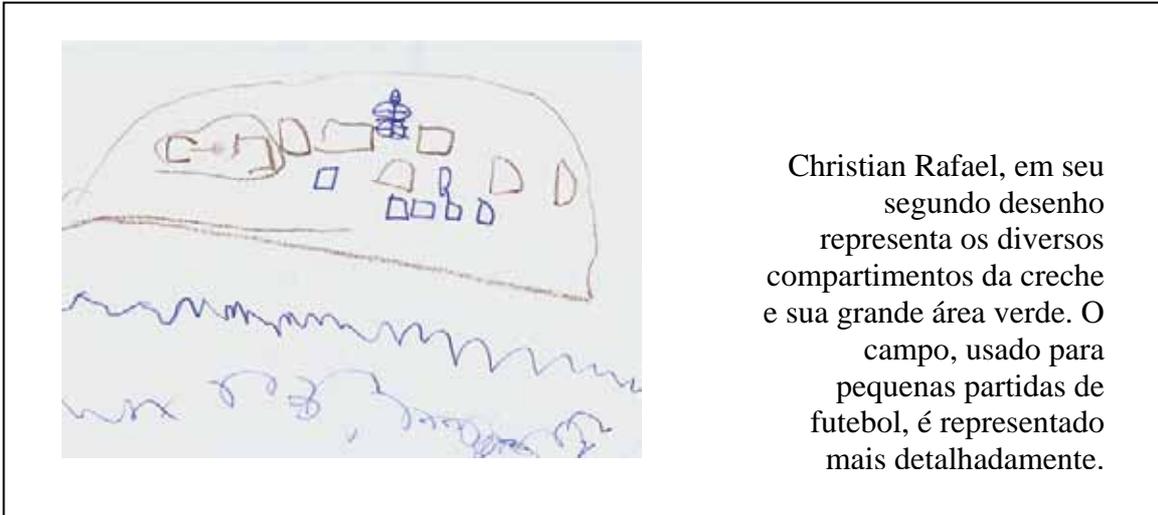


Figura 187 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 7

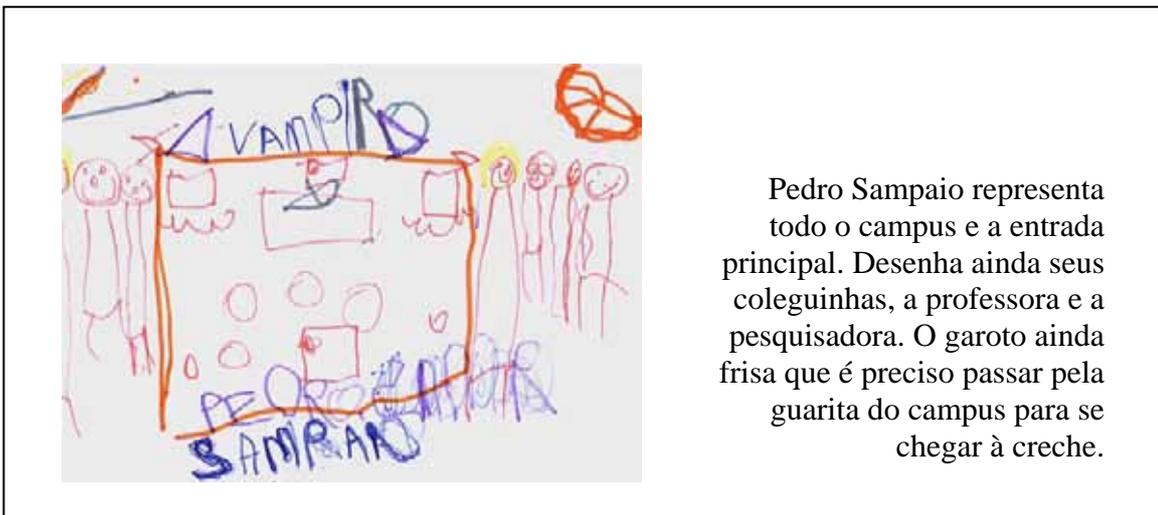
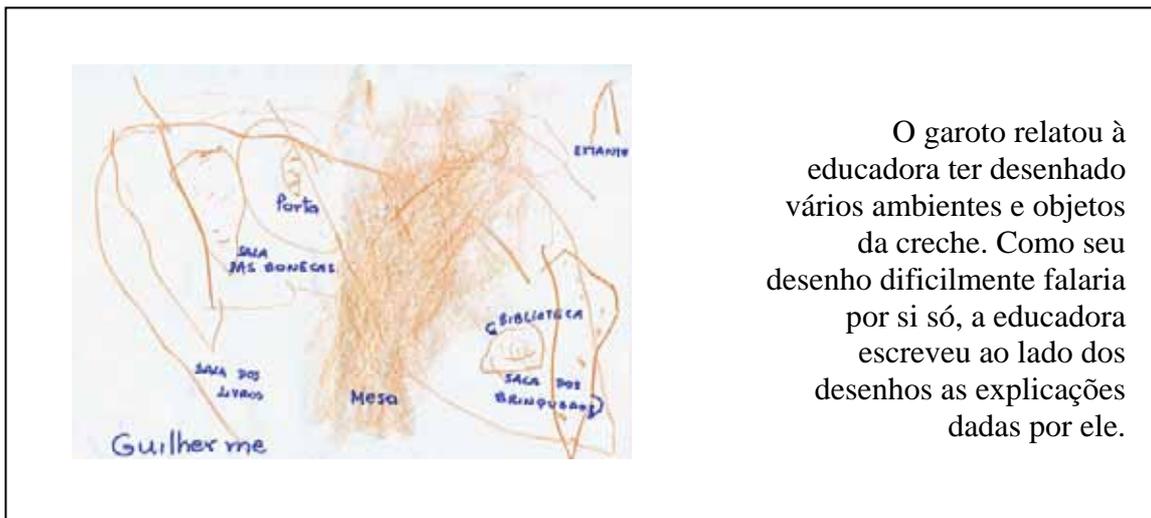


Figura 188 – Atividade 1 – Turma dos maiores – Desenho 8

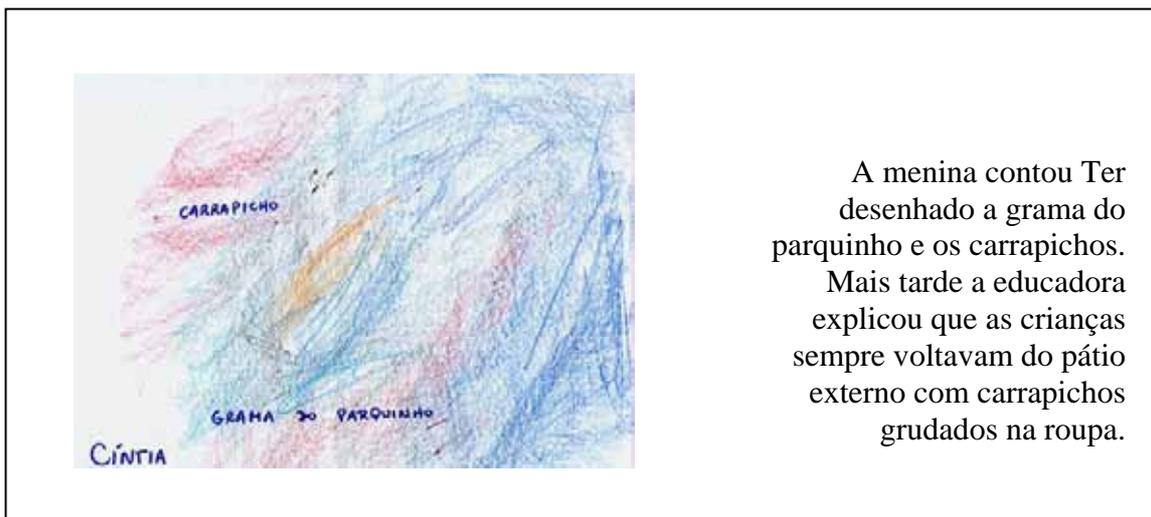
A primeira atividade de desenho desenvolvida com as crianças da turma dos mais velhos mostraram-nos que, no geral, as crianças representaram a creche através da sua fachada, dos seus coleguinhas e dos ambientes prediletos.

A primeira atividade realizada com o grupo dos menores realizou-se sob orientação da educadora e supervisão da orientadora. Por se tratar de crianças entre 2 e ½ e 3 e ½ anos, que ainda se expressam com dificuldades, optamos por apenas observar, deixando que a educadora explicasse a atividade à criança. Apesar das crianças não demonstrarem coordenação motora para desenhos mais elaborados, percebemos que a maioria representa em seus desenhos o “parquinho”. Tal fato demonstra como este ambiente é importante para as crianças e objeto presente no seu imaginário quando falamos da Creche UFF.



O garoto relatou à educadora ter desenhado vários ambientes e objetos da creche. Como seu desenho dificilmentealaria por si só, a educadora escreveu ao lado dos desenhos as explicações dadas por ele.

Figura 189 – Atividade 1 – Turma dos menores – Desenho 1



A menina contou Ter desenhado a grama do parquinho e os carrapichos. Mais tarde a educadora explicou que as crianças sempre voltavam do pátio externo com carrapichos grudados na roupa.

Figura 190 – Atividade 1 – Turma dos menores – Desenho 2

Na segunda atividade com as crianças mais velhas procuramos identificar os locais que mais lhe atraíam. Assim solicitamos a elas que desenhassem o seu ambiente predileto. Vejamos os resultados desta atividades:



Figura 191 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 1



Figura 192 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 2

É válido retornar à presença constante de flores nos desenhos das crianças e buscar compreender o que representam realmente. Sabemos que a creche tem como um dos seus símbolos a flor vermelha, além do fato de possuir adesivos coloridos em forma de flor demarcando toda a circulação interna da creche. Assim, seus desenhos poderiam estar sendo influenciado por tais fatores ou pelo imaginário da criança que passa então a retratar os espaços segundo seus anseios e expectativas.



Neste desenho a criança retrata o pátio externo com um jardim.

Figura 193 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 3



Aqui a garota representa o brinquedo que existe ao lado do chuveirão. Este desenho é o que mais se aproxima da situação real.

Figura 194 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 4



Neste desenho o garoto representa o parquinho com sua enorme área verde.

Figura 195 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 5

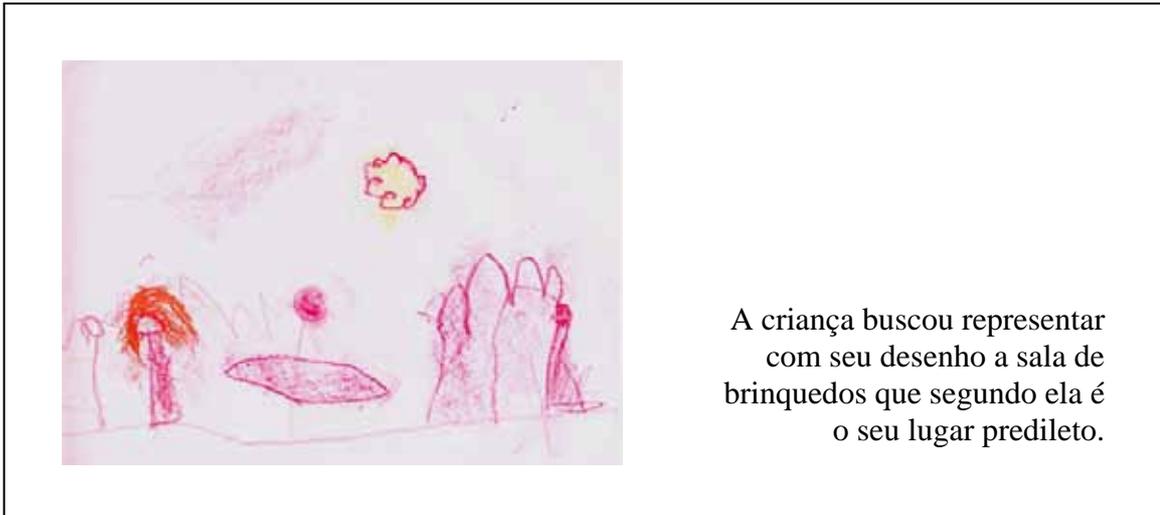


Figura 196 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 6



Figura 197 – Atividade 2 – Turma dos maiores – Desenho 7

Os desenhos realizados nesta segunda atividade permitiram-nos concluir que os ambientes preferidos das crianças são o parquinho, a sala de brinquedos e a sala de artes.

4.5– ANÁLISE DOS MAPAS COMPORTAMENTAIS

Os mapas comportamentais realizados a partir de observações de campo nos permitiriam diversas interpretações. No entanto, como o foco de nossa pesquisa está voltado para **a qualidade dos espaços da creche e sua influência no desenvolvimento da autonomia em crianças entre 2-6 anos**, optamos por trabalhar aspectos relacionados a este enfoque. Assim, consideramos como categorias de análise dos mapas comportamentais os seguintes fatores: interação, deslocamento, acessibilidade, transformação, faixa etária e territorialidade.

Segundo VYGOTSKY,

“o desenvolvimento ontogenético humano acontece num dado ambiente histórico e cultural e será sempre dependente das relações sociais que o indivíduo estabelece com outros seres humanos ao longo de sua vida. O sujeito aprende a se organizar no mundo em função das **interações**⁴⁷ vividas com outros sujeitos sociais. A presença do outro social pode se manifestar nas mais variadas formas: através de objetos, espaços, costumes e atitudes, culturalmente definidos. Assim, para ele sempre haverá a mediação do outro” (VASCONCELLOS, 2002:56)

Considerando a importância da *interação* no desenvolvimento da criança mostrada por VYGOTSKY e o fato desta permitir que as crianças desenvolvam, nas atividades com coetâneos, o conhecimento do senso comum⁴⁸ e, conseqüentemente, a autonomia, foi fator primordial para escolha desta categoria de análise. Desta maneira, acreditamos que a *interação* tenha grande relevância para as análises dos mapas comportamentais, nos quais procuramos identificar as interações que ocorrem em cada ambiente avaliado e onde estas interações são mais freqüentes. No quesito *deslocamento*, focamos na movimentação da criança e do adulto no ambiente avaliado, buscando identificar onde ocorrem estes deslocamentos, principais fluxos e como os aspectos físicos do espaço influenciam nestes deslocamentos. A questão da *acessibilidade* abrange a maneira como o espaço físico dos ambientes em estudo reflete na autonomia da criança na medida em que lhe permite ou não um acesso ao mobiliário e aos materiais e brinquedos, criando ou não obstáculos (barreiras) a este livre acesso. Acreditamos que um ambiente que permite à criança utilizar

⁴⁷ Grifo nosso

⁴⁸ Cf. item 1.2.3 – *Desenvolvimento e Aprendizagem: Autonomia e Interação*.

de toda a sua potencialidade (utilizar o espaço e mobiliário de forma independente) contribui com sua autonomia na medida em que influencia nas possibilidades de uma gama maior de comportamentos independentes. No que diz respeito à *transformação*, trabalhamos o modo como a estrutura desses ambientes pode influenciar na transformação da atividade proposta pelo educador pois acreditamos que quando a criança executa de forma diferente esta atividade, inserindo idéias novas, ela está tendo a chance de desenvolver também sua capacidade criativa e sua autonomia de poder escolher seu modo de trabalho. No que tange à *faixa etária*, optamos por focar como se estabelecem as relações entre as crianças de faixa etária consideravelmente variável, já que trabalhamos com o grupo multietário de 3 ½ a 6 anos (sala de atividades 1). Por fim, no aspecto da *territorialidade* decidimos estudar como as crianças aderem ao território⁴⁹ que o educador prepara para uma atividade e em que ambientes ocorrem ou não possíveis transgressões.

Optamos por trabalhar estas categorias em conjunto de forma a visualizá-las no global. Acreditamos que não se trate de partes que formam um todo, mas sim de um bloco que deve ser visto como um todo. Procuramos, assim, preservar esta idéia de conjunto visto que a análise dessas categorias estão intrinsecamente ligadas. Desta forma, avaliamos os mapas de cada ambiente observado – sala de atividades, sala de artes, refeitório, descanso, pátio interno e pátio externo – buscando de forma geral os comportamentos mais frequentes.

SALAS DE ATIVIDADES

O comportamento das crianças é influenciado, principalmente, pela disposição do mobiliário, as condições físicas do ambiente e a filosofia da creche.

Um bom exemplo para visualizar tal fato fica evidenciado na turma dos mais novos (crianças entre 2 ½ e 3 ½ anos - sala de atividades 2) em que as crianças reúnem-se para escovar os dentes após as refeições. Em função da disposição do mobiliário – objetos e instalações permitem fácil acesso por parte das crianças – corroborando com a filosofia da creche – incentivo à autonomia, para que as crianças desenvolvam atividades com relativa

⁴⁹ Como já dissemos na *Introdução*, a territorialidade pode ser descrita como a necessidade do indivíduo de personalização do espaço através de marcações e de elementos de apropriação que possibilite demonstrar que se é o ocupante de determinado espaço. Assim, nas atividades a professora estrutura o espaço onde a atividade será realizada, em função da proposta enfocada, seja inserindo objeto, deslocando o mobiliário ou demarcando o espaço onde a atividade será realizada.

independência de adultos. – constatamos que durante essa atividade, há uma maior *interação* entre as crianças, visto que nesta ocasião elas negociam seu lugar na fila, assim como trocam idéias sobre seus pertences e suas diferenças, dois fatores fundamentais – negociação e troca – no processo de socialização de um indivíduo. Essa atividade de escovação de dentes acima citada também nos permite visualizar a questão da *acessibilidade* na medida em que o posicionamento das prateleiras, fixadas a uma altura acessível pelas crianças, e as instalações, proporcionais à sua escala, possibilitam às crianças, tanto pegarem suas caixinhas onde estão guardadas seus pertences, quanto sentirem-se a vontade para utilizar as instalações sem o auxílio de um adulto, influenciando, assim, no desenvolvimento de sua autonomia.



Figura 198 – Menina pegando seus objetos na prateleira



Figura 199 – Crianças interagindo enquanto escovam os dentes



Figura 200 – Garotos conversam sobre seus materiais de higiene pessoal



Figura 201 – Crianças escovando os dentes

O fator *acessibilidade* é também observado na disposição das estantes, prateleiras e painéis das salas de atividades, os quais, por se encontrarem ao alcance das crianças, propiciam fácil acesso e influenciam no desenvolvimento do sentido de autonomia. Percebemos, por exemplo, na turma dos mais velhos (3 ½ a 6 ½ anos), que as próprias crianças pegam seus desenhos nos painéis, segundo a proposta da professora, bem como pegam um jogo nas estantes para brincar com seus colegas.

Outro fator analisado que reflete a possibilidade das crianças demonstrarem sua autonomia é o *deslocamento*. Nesse sentido, durante nossas observações, percebemos, ainda, que o livre *deslocamento* da criança está intrinsecamente relacionado às características físicas da creche, assim como à sua proposta pedagógica. Na turma dos mais velhos (sala de atividades 1), a ausência de portas que impeçam a circulação pelos diferentes ambientes da instituição permite que as crianças tenham livre acesso à coordenação e ao setor administrativo, seja para contestar atividades propostas pelo professor, seja para solicitar algum material, seja porque a sala não lhe esteja oferecendo conforto térmico. Na turma dos mais novos (sala de atividades 2), no entanto, notamos que o *deslocamento* tende a permanecer dentro da sala. A criança usufrui de sua autonomia de forma diferente dos mais velhos, pois, quando não deseja participar de alguma atividade proposta pelo professor, procura se entreter à sua maneira, desde que se mantendo sob o campo de visão do professor e do grupo. Isso só se torna possível em função da configuração da sala e da organização do mobiliário, que permite à criança simultaneamente observar e ser observada. Neste sentido, evidenciamos que enquanto na turma 1 a autonomia está mais associada ao *deslocamento* pelos diferentes ambientes da creche, na turma 2 a autonomia se configura, principalmente, em *deslocamentos* pelos diversos ambientes da própria sala – os “cantinhos”. Tal fato talvez possa ser relacionado à *faixa etária* dos grupos em questão, visto que as crianças da turma 2 não se sentem ainda tão seguros longe da referência do adulto.

A diferença de *faixa etária* das crianças da turma 1 (3 ½ e 6 anos) e da turma 2 (2 ½ a 3 ½ anos) também interfere no grau de *transformação* das atividades propostas pelos educadores. Quando levamos em conta a turma dos menores, percebemos que a *transformação* sobre a atividade proposta é mais restrita, ou seja, há um menor questionamento sobre a tarefa a ser realizada. Rara são as situações em que os menores procuram outro brinquedo para se divertirem durante uma atividade. No caso da turma dos

mais velhos, todavia, notamos um maior questionamento sobre as atividades, chegando ao ponto de, em situações extremas, as crianças se recusarem a realizar a tarefa proposta.

Olhando a questão da *faixa etária* sob outro ângulo, devemos explicitar ainda que, durante as observações na sala de atividades 1, identificamos uma maior *interação* nos grupinhos que se formam com uma certa assiduidade. Normalmente, estes grupos são compostos por crianças mais velhas que, em algumas ocasiões, não demonstram paciência com os mais novos. Estes, por sua vez, se espelham nos mais velhos e tendem a se desenvolver mais rápido na tentativa de acompanhá-los.

Durante as observações de campo, trabalhamos, ainda, a questão da *territorialidade*, quando percebemos que normalmente as crianças obedecem ao ‘território’ preparado pela professora para a atividade. Na turma dos menores, o respeito ao espaço demarcado pelo professor é mais freqüente e quando notamos uma transgressão ao espaço definido, trata-se de uma leve transgressão onde a criança passa a ocupar outro espaço próximo e continua atenta ao local onde o restante do grupo se concentra. Na turma dos mais velhos, no entanto, observamos uma maior transgressão por parte dos meninos, principalmente em dias quentes quando todos se tornam mais agitados. Nestas situações, torna-se difícil mantê-los nos locais e mais ainda conquistá-los para que realizem as atividades propostas. Considerando a questão da *territorialidade* sobre outro ângulo, observamos ainda que os diversos painéis distribuídos pelas salas, fixados à altura da linha de visão das crianças, permitem que essas vejam seus trabalhos, demarquem seu território e sintam uma maior identificação com o ambiente.



Figura 202 – Os menores se preparam para assistir a um vídeo respeitando o espaço estruturado pela educadora



Figura 203 – Crianças se distraem com a entrada de um pássaro



Figura 204 – Os maiores fazem bagunça e não cooperam com a bolsista que propõe uma atividade



Figura 205 – Garotos correm pelo corredor principal agitados pelo calor

SALA DE ARTES

A sala de artes se diferencia dos demais ambientes considerados, à medida em que possui uma configuração mais delimitada que permite menor flexibilidade de uso, além de tratar-se de um ambiente menor onde o mobiliário está mais concentrado. Acreditamos que são justamente estas características que interferem na maneira como as pessoas se comportam na sala de artes. Percebemos que neste ambiente as crianças da turma 1 interagem mais, tanto com seus colegas, quanto com o educador. Durante nossas observações, notamos, por exemplo, que neste ambiente existe maior *interação* da turma dos mais velhos, onde as crianças costumam compartilhar os materiais disponibilizados pelos educadores, trocar idéias sobre material alternativos que podem usar, comentam sobre seus trabalhos e pedem opinião de seus colegas, permitindo-lhes desenvolver uma maior interação cognitiva e afetiva (autonomia). Estes comportamentos são influenciados também pela disposição do mobiliário – com prateleiras onde materiais estão expostos e varal para secar os trabalhos que, além de dar suporte à atividades desenvolvidas neste local, por serem apropriadas à escala das crianças, permite que essas sintam-se à vontade para utilizar livremente o espaço.

Esta questão da *acessibilidade* dos materiais está intimamente relacionada à da *transformação*. Em nossas investigações, percebemos que durante uma atividade de modelagem de massinha com as crianças da turma 1, as crianças que estavam sentadas em uma mesa sem a presença do olhar constante de um adulto, sentiam-se bem à vontade para

trocar idéias sobre seus trabalhos e discutir sobre materiais novos que podiam usar. Na figura abaixo, mostramos uma menina e um menino pegando palitos na prateleira para ajudar a dar forma a seus trabalhos. Percebemos que, graças à esta *acessibilidade* aos materiais, as crianças podem trabalhar de forma autônoma, ao transformar a atividade proposta pelo professor. Este exemplo nos auxilia ainda a visualizar como a proposta pedagógica da instituição, associada à composição física do ambiente, refletem na *acessibilidade* que por sua vez interfere no *deslocamento*. Tal fato pode ser verificado no *deslocamento* gerado quando as crianças se levantam para pegar algum material nas prateleiras ou mesmo para colocarem seus trabalhos para secar no varal. Outra ocasião de *deslocamento* observada esta relacionada às crianças que circulam para ver o trabalho de seus colegas e trocar opiniões sobre o seus. Neste sentido, podemos dizer que a movimentação das crianças na sala ocorre principalmente quando estas apresentam algum objetivo específico, alguma motivação de ordem pessoal. Cabe aqui voltar a dizer que em todos esses momentos de troca de experiências, está sendo dada à criança a oportunidade de usufruir e desenvolver sua autonomia.



Figura 206 – Crianças trocam idéias enquanto participam de atividade proposta pelo educador



Figura 207 – Menina levanta-se para buscar material extra nas prateleiras



Figura 208 – Meninas desenhavam e conversam com a bolsista



Figura 209 – Garoto vai até a pia lavar as mãos

Por outro lado, no que diz respeito à turma dos menores, percebemos uma menor circulação no ambiente, já que há uma menor *interação* e uma menor *transformação* da atividade proposta pelo professor. Isto pode ser justificado pelo maior empenho pessoal, de cada criança, de trabalhar sua própria concentração, tão frágil nesta idade. Em nossas investigações, observamos que, durante as atividades, as crianças interagem quase que de forma exclusiva com a figura do adulto que o estimula constantemente. Sua interação com o colega parece restringir-se a observar o que estes estão fazendo. Esta diferença no modo de utilizar a sala de artes pode estar ligada à *faixa etária* das crianças, visto que, como dissemos anteriormente, há um menor questionamento e uma menor demonstração de autonomia por parte dos mais novos.



Figura 210 – Enfermeira auxilia as crianças na tarefa



Figura 211 – Garoto concentrado na atividade



Figura 212 – Bolsista estimulam as crianças durante a atividade de colagem



Figura 213 – Professora ensina o que fazer ao garoto

Na sala de artes, assim como na sala de atividades, observamos que, na turma 1, os menores tendem a ficar próximos ao adulto ou a um aluno mais velho que é tomado como exemplo, bem como a existência de grupos de crianças mais velhas que se agrupam com uma relativa assiduidade.

Outro fator avaliado que reflete a oportunidade das crianças desenvolverem a autonomia é a *territorialidade*. Por se tratar de um espaço menor e fechado, com pouca possibilidade de mudanças de sua estrutura física, percebemos que as crianças, na sala de artes, tendem a se manter no território proposto para a atividade. As únicas alterações no ambiente são organizadas pelas próprias educadoras que decidem trabalhar em mesas de 4 cadeiras isolada ou em conjunto. Um outro aspecto da *territorialidade* que podemos observar está relacionado ao fato de ser permitido às crianças imprimirem suas marcas no ambiente – as divisórias da sala de artes são pintadas com as mãos das crianças em diversas tonalidades.

REFEITÓRIO

Normalmente, o refeitório é utilizado por turmas distintas em horários diferentes. Em algumas exceções a turma dos mais novos recebe a visita das crianças do berçário. Já na hora do almoço, como poucas crianças permanecem na creche, estas se reúnem para comerem juntos. As crianças chegam acompanhadas de seus educadores que os ajudam a lavar as mãos. Percebemos que, mesmo sem o auxílio de um educador, as crianças parecem saber como se portar neste ambiente, lavando-se e sentando-se nas mesas. Como não há lugar marcado, elas geralmente sentam-se próximas de pessoas de quem gostam. Notamos que na turma dos menores, normalmente conversa-se pouco, principalmente sobre assuntos diversos ao tema da alimentação. Por outro lado, na turma dos mais velhos, observamos que há uma maior diálogo sobre temas do cotidiano. Enquanto que na turma dos mais novos a *interação* praticamente se restringe a conversas entre um adulto e uma criança, na turma dos mais velhos esta *interação* engloba a todos. Em nossas investigações notamos ainda que, depois de lancharem, grande parte das crianças se dispersam.



Figura 214 – Turma dos menores no refeitório



Figura 215 – Turma dos maiores no refeitório

O refeitório, assim como a sala de artes, é usado quase que exclusivamente para sua função original – servir refeições. No entanto, durante nossa pesquisa observamos situações em que uma criança leva seu brinquedo para o refeitório e brinca durante a refeição e outras em que, mesmo após a refeição, as crianças permanecem nas mesas conversando. Todavia, devemos relatar que, apesar desta liberdade de agir, poucas são as crianças que durante a refeição tumultuam o ambiente. A *transformação* ocorrida no ato de se alimentar está restrita apenas a estes exemplos acima citados. No entanto, no que tange à transformação do espaço, obtivemos relatos de uma ocasião onde parte do refeitório foi transformado em um “supermercado” – parte de um projeto proposto pelo grupo de educadores e muito bem aceito pelas crianças.



Figura 216 – Crianças conversam enquanto comem a sobremesa - melancia



Figura 217 – Garoto abaixa para pegar seu brinquedo que o acompanhou durante a refeição

Por se tratar de um ambiente que oferece grande área útil, observamos que nele se desenvolvem diversos *deslocamentos*, seja pela cozinheira servindo os alimentos, sejam pelas bolsistas e educadoras auxiliando os menores, seja pelas crianças buscando água no bebedouro. Podemos dizer que a questão do *deslocamento* não está ligada apenas à área, mas, principalmente, à questão da *acessibilidade* e da autonomia. Tal fato pode ser averiguado no ato das crianças se lavarem antes das refeições e se levantarem para buscar água no bebedouro. Isto só é possível porque as instalações são apropriadas à escala da criança - as pias encontram-se fixadas na altura das crianças para que estas possam se lavar sem auxílio de um adulto, assim como a prateleira onde as crianças pegam canecas para beber água são proporcionais à escala da criança e o bebedouro lhes permite fácil acesso.



Figura 218 – Bolsista circulando pelo refeitório



Figura 219 – Crianças pegam água no bebedouro



Figura 220 – Depois de lancharem crianças dispersam

Considerando a questão da *territorialidade*, podemos dizer que, apesar de possuir 2 ambientes com um mesmo mobiliário, o lado esquerdo é sempre o mais utilizado. As crianças e bolsistas parecem já habituados a esta estrutura e raramente movimentam-se pelo lado direito do refeitório. Notamos que as crianças respeitam esta decisão sem qualquer questionamento contrário.

PÁTIO INTERNO

Devido a sua localização, o pátio interno tem por natureza um caráter de circulação e, conseqüentemente, vários *deslocamentos* nele ocorrem. Para acessar o refeitório, a sala de artes e/ou a sala de brinquedos, é preciso passar por este ambiente. Por outro lado, os *deslocamentos* gerados durante as atividades com os educadores estão ligados à movimentação das crianças desta atividade. Durante nossa pesquisa de campo, observamos o pátio sendo usado pelas crianças como palco para representações como local para brincar e mesmo para relatar em seus cadernos os passeios realizados com os professores.

O pátio interno é um local onde há uma grande *interação* das crianças. Notamos na turma dos menores que os alguns dos meninos costumam brincar juntos no brinquedo de montar localizado próximo ao palco, enquanto o restante deles preferem brincar com os velocípedes. No caso das meninas, percebemos que estas tendem a ficar próximas às educadoras, principalmente as mais novas, interagindo ou não com elas.



Figura 221 – Meninos brincando nos velocípedes



Figura 222 – Meninas brincando com as educadoras

A turma dos mais velhos parece brincar de forma mais independente do adulto, apesar de sua presença sempre estimular o grupo. Observamos em uma ocasião onde o educador propôs às crianças brincarem com fantasias e fazerem apresentações no palquinho. A princípio todas as crianças brincaram de se fantasiar, no entanto, depois de algum tempo, os meninos se dispersaram passando a se divertir com outras brincadeiras típica dos meninos (correr, andar de velocípede), sempre interagindo uns com os outros. Já as meninas demonstraram adorar a possibilidade de se apresentar para uma platéia – no caso, os educadores e bolsistas. Identificamos, nesta ocasião, um certo comando por parte das mais velhas que procuravam dominar a situação, colocando as mais novas em segundo plano obedecendo às suas ordens, mostrando, mais uma vez, como a questão da *faixa etária* interfere no comportamento das crianças. Em outro momento, observamos a turma dos mais velhos assentados em uma ‘rodinha’ para relatar em seus cadernos o passeio feito com a professora. Nesta atividade percebemos uma maior interação com a educadora que estimulava as crianças com perguntas a respeito do passeio.



Figura 223 – Turma dos maiores no pátio interno



Figura 224 – Turma dos maiores no pátio interno

Em relação ao fator *transformação*, por se tratar de um ambiente que permite uma grande flexibilidade de uso e que abriga uma gama de atividades livres e/ou programadas, pudemos observar, em nossa pesquisa de campo, que tanto as crianças quanto os educadores transformavam o ambiente conforme a finalidade desejada. Considerando a questão da *transformação*, levando em conta as transgressões das crianças sobre uma atividade proposta pelo professor, podemos dizer que raramente ocorrem na medida em que grande parte das atividades são livres.

PÁTIO EXTERNO

O pátio externo, também conhecido pelas crianças como ‘parquinho’ é acessado através da sala de atividades 2 e do berçário. Em relação a sua *acessibilidade*, podemos dizer que, apesar da sua pouca variedade⁵⁰, os brinquedos são coerentes com o tamanho das crianças. Normalmente, as gangorras são usadas com um adulto por perto. O escorregador, por outro lado, é o brinquedo usado de forma mais independente. A horta, por sua vez, apesar de estar à disposição das crianças, sem um fechamento que sirva de obstáculos aos pequenos, só é visitada através do estímulo das educadoras. Tanto os brinquedos, quanto a horta e o “chuveirão” se concentram do lado esquerdo de quem está nas sala, o que resulta em uma grande área verde no restante do pátio que é usado pela educadoras de formas variadas, principalmente, por ocasião de festas.



Figura 225 – Crianças na gangorra



Figura 226 – Crianças no escorregador

Durante nossa pesquisa de campo, observamos as crianças aproveitando do chuveirão para se refrescar, regando a horta, participando de alguma gincana com o educador, ou mesmo se divertindo em seus brinquedos. Nestas ocasiões, percebemos que a interação ocorre de forma variada. No caso chuveirão, por exemplo, notamos que as crianças da turma dos mais novos mesmo brincando com baldinhos e regadores embaixo d’água, interagem com

seus coleguinhas. Nesta ocasião, um menino não quis tirar a roupa para entrar no chuveirão. Todavia, mesmo não participando da atividade, esta criança permanecia ao lado do grupo pedindo à professora que enchesse um baldinho para ele. Em outras atividades onde a turma dos mais novos usava o pátio externo, chamado por ela de "parquinho", notamos que o brinquedo palco de maior *interação* das crianças era o escorregador. Um aspecto interessante ainda a ser relatado sobre o pátio externo, está relacionado ao uso que a turma dos mais novos faz dele. Percebemos que esta costuma utilizá-lo na parte da tarde apenas parcialmente – as crianças, junto aos educadores, trazem seus brinquedos e cadeirinhas para brincar na área cimentada, entre o nicho formado pelas formas hexagonais da edificação. Tal fato demonstra uma *transformação* dada à sua função principal e, ao mesmo tempo, trabalha o aspecto da *territorialidade*, já que há, por parte desta turma, uma maior demarcação do espaço.



Figura 227 – Crianças no chuveirão



Figura 228 – Crianças interagindo

⁵⁰ É esperado que outros brinquedos sejam comprados

4.6– ANÁLISE DOS ARRANJOS ESPACIAIS

Como dissemos anteriormente, durante nossa pesquisa de campo, procuramos também avaliar os arranjos da Creche UFF, segundo os conceitos de LEGENDRE que caracterizam os espaços como aberto, semi-aberto e fechado. Vale frisar que um dos fatores considerados por nós para classificarmos os ambientes avaliados foram as possibilidades de saídas. Desta forma, consideramos o refeitório, a sala de artes e a sala de brinquedos⁵¹ na categoria de fechado, uma vez que só permitem à criança uma saída.. Estes ambientes são mais fechados e espera-se do professor um maior controle da situação e das crianças. As salas de atividades podem ser classificadas como semi-aberta, ou seja, semi-estruturadas, uma vez que possuem pelo menos 3 saídas (para a circulação interna, para o banheiro, para sua sala conjugada e, no caso da salas de atividades 3 e 4, para o pátio externo), além de possuírem um arranjo mais elaborado de forma a valorizar as brincadeiras de grupo de pelo menos 3 crianças. O pátio interno também entra na categoria de arranjo semi-aberto / semi-estruturado. Apesar de possuir um caráter que lhe aproxima dos arranjos abertos, é planejado para ser semi-estruturado. Sua estruturação, no entanto, diferencia-se das salas de atividades na medida em que está baseada em uma estruturação geográfica onde os desníveis demarcam as diferentes áreas de atividades e não apenas o mobiliário como nas salas de atividades. Os ambientes considerados como aberto são o pátio externo e a entrada de britas.

Nestes ambientes mais abertos onde concentram-se as atividades motoras e de livre expressão, as crianças tendem a ficar mais próximas da figura do adulto ou do espaço estruturado. Tal fato foi verificado em nossa pesquisa de campo quando observamos as crianças utilizando o pátio externo. Nestas ocasiões, notamos que as crianças tendiam a ficar nos brinquedos (Fig.229 e 230) ou próximos dos educadores e bolsistas, utilizando a parte não-estruturada do pátio apenas quando estimulados por alguma atividade proposta pelo professor (Fig.231, 232, 233 e 234).

⁵¹ Apesar de não termos tido a oportunidade de observar as crianças utilizando a sala de brinquedos, achamos pertinente enquadrá-la em sua categoria já que este ambiente é citado pelas crianças nos desenhos como um dos ambientes preferidos na creche. Assim, apenas classificamos a sala de brinquedos sem podermos citar exemplos das interações que nela ocorrem.



Figura 229 – Crianças da turma dos mais velhos brincando próximas aos brinquedos



Figura 230 – Crianças da turma dos mais novos brincando próximas aos brinquedos



Figura 231 – Educadora propõe à turma dos mais novos uma corrida na área não-estruturada



Figura 232 – Educadora propõe à turma dos mais novos uma corrida na área não-estruturada



Figura 233 – A turma dos mais novos brincando na área não-estruturada com a educadora



Figura 234 – Garotinho brincando com o túnel sob olhar da educadora

Os ambientes semi-abertos / semi-estruturados são usados de forma a permitir a autonomia das crianças e uma maior interação delas. Percebemos na turma dos mais velhos, por exemplo, que, durante as atividades propostas pelos educadores, algumas crianças costumam, sentar-se em grupos que se repetem com uma certa frequência. Estes grupos apresentam uma maior interação por parte dos seus componentes que trocam idéias e pedem opiniões aos outros o tempo todo.



Figura 235 – Grupo de meninas tocam idéias sobre a atividade na sala



Figura 236 – O mesmo grupo de meninas interagindo durante uma atividade no pátio interno

Os espaços fechados, no entanto, são estruturados com o foco na ação que nele será desenvolvida. São neles que se concentram, principalmente, as atividades cognitivas. Tanto a sala de brinquedos quanto a sala de artes se propõem a desenvolver uma proposta expressiva. Todavia, enquanto a primeira está relacionada a brincadeiras de faz-de-conta, a segunda está ligada ao aspecto da criação. Na sala de artes, observamos que apesar do foco estar voltado para a atividade de criação, as crianças da turma dos mais velhos interagem umas com as outras. No entanto, esta interação é menor que nas salas de atividades. Já com as crianças menores, observamos que estas interações quase que se restringem ao educador que as estimula para que realizem a atividade criativa.



Figura 237 – Grupo dos maiores trocam idéias durante atividade na sala de artes



Figura 238 – Grupo dos menores é estimulado pelas educadoras enquanto participam da atividade

Diante destas evidências, notamos como a presença de limites externo é importante para que as crianças possam organizar suas brincadeiras. Nesta mesma linha de raciocínio, podemos concluir que as interações ocorrem principalmente nas áreas estruturadas dos ambientes abertos. A criança demonstra necessidade de referenciais, representado pelos brinquedos grandes pois, caso contrário, tendem a ficar próximas a figura do adulto que

passa então a ser o objeto estruturador do espaço. Assim, compreendemos como é valioso que a creche ofereça tanto espaços abertos, semi-abertos e fechados. Neste sentido, podemos dizer que a Creche UFF é bem estruturada na medida em que oferece às suas crianças os 3 tipos de arranjos dispostos de forma coerente com as atividades que abrigam.

4.7– ANÁLISE GERAL DOS DADOS OBTIDOS

Salas de Atividades

As salas de atividades apresentam como principal problema a temperatura interna ocasionada, como já dissemos, pelo tipo de cobertura e forro usados. Este aquecimento das salas de atividades reflete no comportamento das crianças que em dias quentes ficam agitadas e pouco colaboram com as atividades. O tipo de janela adotado também não permite uma boa ventilação, prejudicando ainda mais o conforto térmico destes ambientes, nem mesmo uma boa iluminação. Outro aspecto negativo destes ambientes são as inúmeras goteiras e infiltrações decorrentes das chuvas. Nestas ocasiões, a água invade os ambientes pela fresta superior das portas deixando o piso todo molhado e interferindo no bom desempenho da mesma.

Por outro lado, mesmo tendo recebido um certo índice de reclamações a respeito da sua qualidade e conforto, no geral, o mobiliário das salas de atividades são proporcionais à escala da criança e fáceis de limpar. Nota-se também a preocupação em deixar os objetos de forma que sejam acessíveis às crianças. Assim, observamos que as prateleiras e painéis são compatíveis com a altura delas. Ao contrário, as instalações elétricas são mantidas mais altas de forma a evitar pequenos acidentes. O arranjo das salas, planejados de forma a oferecer um ambiente semi-estruturado, permite, além de uma boa flexibilidade de mudanças, que a criança tenha liberdade de brincar e interagir, ao mesmo tempo que tem um espaço estruturado. Assim, observamos uma grande frequência de interação com coêtanos permitindo uma maior socialização da criança tão importante no desenvolvimento da sua autonomia.

Sala de Artes

A sala de artes também possui problemas com a infiltração de água da chuva que entra pela fresta inferior da sua divisória estrutural. Nestas dias, o piso do ambiente fica molhado atrapalhando o bom uso do espaço. Assim, como os demais ambientes da creche, a sala de artes possui janelas tipo bascula. No entanto, após um acidente com uma criança, uma delas – a que encontra-se voltada para a circulação do pátio interno – foi trocada por um modelo de correr. Esta reforma além de oferecer maior segurança às crianças, permitiu uma melhor circulação de ar do interior da sala.

O seu mobiliário é proporcional à escala da criança, além de não possuir quinas em que estas possam se ferir. As prateleiras e o varal são posicionados para que as crianças possam acessá-los de forma independente. Assim, observamos que durante as atividades estas se levantam e pegam materiais para trabalhar o que demonstra que este espaço lhes permite desenvolver sua autonomia. Por se tratar de um ambiente onde as atividades têm como foco desenvolver a criatividade através de trabalhos artesanais, percebemos que seu arranjo fechado é coerente com sua finalidade. Vale dizer, no entanto, que, nestas atividades, observamos que as interações ocorrem com menor frequência do que nos ambientes semi-abertos / semi-estruturados.

Um outro aspecto interessante a notar está relacionado à possibilidade das crianças deixarem suas marcas no ambiente, fato este observado pelas pinturas feitas por elas nas divisórias da sala de artes.

Refeitório

Apesar de possuir janelas em quase todo o seu comprimento, o refeitório é um ambiente quente e cuja ventilação é apontada pelos usuários como ser principal ponto negativo. Suas janelas tipo bascula além de dificultarem a circulação de ar, na medida em se abrem para o pátio interno apresentando superfície pontiaguda, tornam-se um perigo às crianças que por ali passam desatentas. Por outro lado, suas inúmeras aberturas, somadas às clarabóias distribuídas pela laje, permitem uma boa iluminação no ambiente.

Assim como os demais ambientes da creche, durante as chuvas, inúmeras goteiras surgem no ambiente. Observamos que, por este motivo, o revestimento das clarabóias encontram danificados bem como a laje apresenta sinais de infiltrações.

O refeitório possui uma grande área já que foi planejado para atender a creche mesmo depois que esta fosse duplicada como previa o projeto. Assim, observamos que sua utilização concentra-se, quase que exclusivamente, do lado esquerdo de quem entra no refeitório. Suas dimensões generosas permitem ainda um excelente circulação no seu interior. Durante nossas observações observamos diversas movimentações tais como: crianças buscando água no bebedouro, bolsistas e educadoras atendendo às crianças e cozinheira servindo refeição.

O mobiliário é proporcional à escala das crianças e, além de possuir revestimento que permite fácil limpeza, não possuem quinas onde as crianças possam se acidentarem. Por outro lado, evidenciamos que nos questionários os usuários se queixam da qualidade e conforto do mobiliário, uma vez que o refeitório não oferece um mobiliário específico para os educadores e funcionários que fazem suas refeições na creche.

Este ambiente foi planejado de forma a oferecer um arranjo fechado que colaborasse para que as professoras tivessem maior controle sobre as crianças. Assim, nestes ambientes não observamos interações tão frequentes como nos ambientes semi-estruturados (sala de atividades e pátio interno).

Pátio Interno

O pátio interno possui uma excelente localização e tamanho na opinião de seus usuários. No entanto, apesar de possuir áreas descobertas não oferece boa iluminação a parte coberta, fato este também notado pelos respondentes dos questionários. Sua composição cercada de fechamentos não permite uma circulação indireta que poderia amenizar a questão térmica do espaço. Sua vedação em alvenaria estrutural apresenta também sinais de desgaste, manchas e grande incidência de infiltrações. As grades e portas, por sua vez, apresentam sinais de ferrugem., bem como os ralos encontram-se danificados.

Apesar do pátio não oferecer um mobiliário mínimo – um palco, pneus e um brinquedo de montar – pode ser considerado como um ambiente cujo arranjo é semi-estruturado. Sua estruturação no entanto, está mais ligada a marcação geográfica do espaços através dos desníveis. O pátio interno, como os demais arranjos semi-estruturados permitem maior interação das crianças, fato este observado durante nossa incursão na creche. Assim, evidenciamos através dos questionários que os usuários estão satisfeitos tanto com o conforto e qualidade dos materiais quanto com sua flexibilidade de uso. Neste ambientes percebemos que as crianças e os educadores transformam constantemente o espaço em função da atividade desejada. Assim , observamos o pátio interno sendo usado de diversas maneiras, a saber : como circulação, como local de reuniões entre pais e educadores, como palco para encenações, local para rodinhas , para atividades de desenho e brincadeiras com pneus e triciclos.

Pátio Externo

O pátio externo, por ser um ambiente aberto, possui uma boa ventilação que torna a temperatura mais amena. Sua grande área permite uma boa flexibilidade de uso, o que permite que a professora proponha a atividade que desejar. Assim, durante nossa incursão na creche, observamos as crianças cuidando da horta, refrescando-se no chuveirão, divertindo-se nos brinquedos e brincando com a educadora. Mesmo apresentando um mobiliário reduzido- objeto de reclamação dos usuários nas respostas dos questionário -, as crianças têm o parquinho como seu ambiente predileto – fato observado nos desenhos tanto da turma dos maiores quanto dos menores.

Em relação à questão da segurança, evidenciamos que alguns pais mostraram-se preocupados com o muro de divisa da creche e da favela, solicitando, até mesmo, a sua ampliação. Já os brinquedos não possuem quinas o que acaba por evitar pequenos acidentes com as crianças.

O arranjo espacial do pátio externo, assim como a entrada de brita, é classificado como aberto. Nestes tipo de arranjos, observamos que as crianças tendem a ficar próximas ao adulto ou aos brinquedos – parte estruturada do ambiente e local onde as interações ocorrem com maior frequência.

O pátio externo é cercado no seu comprimento pela fachada lateral da creche e pelo muro de divisa com a favela. Suas laterais são fechadas por grade e blocos de cerâmica vazados. A fachada lateral voltada para o parquinho apresenta grande incidência de infiltrações e manchas. Já as grades, apresentam sinais de ferrugem. Por outro lado, os usuários da creche consideram que o pátio externo é muito bem localizado, possui um bom tamanho e apresenta-se sempre limpo e bem cuidado.

5 – RECOMENDAÇÕES E CONCLUSÕES

“Se a essência dos objetos coincidissem com a forma de suas manifestações externas, então toda ciência seria supérflua.” (MARX apud VIGOTSKY, 1998)

5.1– RECOMENDAÇÕES PARA REABILITAÇÃO DO EDIFÍCIO

As informações coletadas e analisadas através deste estudo, obtidos a partir da análise técnica e das observações, participantes ou não, permitem-nos sugerir algumas recomendações para melhorar o desempenho da edificação da Creche UFF, visando um ambiente mais favorável ao desenvolvimento infantil. Apresentamos a seguir uma tabela onde listamos as principais deficiências encontradas em nosso estudo juntamente a recomendações para sua reabilitação.

QUESTÃO/PROBLEMA	RECOMENDAÇÕES
Elevada temperatura interna	Estudar possibilidades da troca do forro
Ventilação insuficiente	Estudar possibilidade de substituição das janelas
Estado de conservação	Prever manutenção constante
Infiltrações	Estudar causas das infiltrações para assim saná-las
Iluminação	Estudar possibilidades de melhorar iluminação
Qualidade e conforto do mobiliário	Adequação do mobiliário
Poucos equipamentos no parquinho	Confecção de novos equipamentos

MELHORIA DA TEMPERATURA INTERNA

Diante das respostas obtidas nos questionários e entrevistas, bem como das observações participantes, nas quais registramos o comportamento agitado das crianças devido ao intenso calor, podemos concluir que a elevada temperatura interna da edificação é o problema mais grave enfrentado pela creche em questão. De fato, a solução utilizada como forro – treliça de madeira – não veda o calor irradiado pelas telhas da cobertura, superaquecendo o ambiente interno. Por outro lado, como veremos mais adiante, a sensação de calor no interior da edificação não é amenizada por uma correta aeração, pois não há ventilação cruzada que permita que o ar quente seja renovado por um ar mais fresco, vindo do exterior.

Como forma de amenizar a questão térmica da edificação, propomos o estudo da viabilização da troca da treliça de madeira por outro material capaz de amenizar os efeitos do calor emitido pela cobertura que incide diretamente nos ambientes da creche.. Vale frisar, no entanto, que para que esta medida seja realizada, seria necessário que a priori fosse sanada a questão de infiltrações de águas pluviais da cobertura que hoje danificam algumas áreas da cobertura de treliça. Neste sentido, sugerimos que seja feito um levantamento da real situação da cobertura para diagnosticar se a questão da infiltração se deve a algum problema na fixação / superposição das telhas.

MELHORIA DA VENTILAÇÃO

Outro problema detectado na pesquisa, também responsável por comprometer o conforto térmico nos diferentes ambientes da creche, foi a questão das janelas do tipo bascula. Estas, além de não favorecerem uma boa ventilação de ar no interior da edificação, são também obstáculos que podem causar acidentes às crianças. Como já foi dito anteriormente, uma das janelas da sala de artes foi trocada depois de uma criança se machucar nela.

Sugerimos então a substituição destas janelas tipo bascula por outro modelo que permita uma ventilação mais apropriada aos ambientes, além de proporcionar mais segurança física às crianças atendidas pela creche. Frisamos, no entanto, que a substituição das esquadrias deve tomar o cuidado de não comprometer a arquitetura original da edificação e sugerimos

mesmo que a escolha das novas janelas seja submetida à aprovação da autora do projeto para evitar que sua obra seja descaracterizada.

CONSERVAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

Através da análise *walkthrough*, pudemos constatar que o estado de conservação é bom, porém apresenta deficiências em alguns pontos tais como: infiltrações nas paredes e cobertura, manchas no teto, desprendimento de material, grades e portões com sinais de ferrugem, desgaste de revestimento, trincas no forro de gesso, entre outros. Por se tratar de uma edificação onde os materiais encontram-se aparentes, está sujeita a problemas advindos do contato com as intempéries. Aconselhamos assim, uma avaliação mais criteriosa a fim de identificar possíveis comprometimentos em sua estrutura. Recomendamos também, uma manutenção mais rigorosa e constante das grades e portões a fim de evitar qualquer problema com ferrugens; vistoria nos ralos do pátio interno que atualmente apresentam desgaste do material; cuidado com a alvenaria que evidencia sinais de desprendimento de material e pequenos consertos quando necessário; verificação constante das telhas da cobertura para evitar a entrada da água da chuva e, conseqüentemente, evitar infiltrações de água nos ambientes.

MELHORIA DA ILUMINAÇÃO

Durante nossa pesquisa de campo, observamos que os vãos das janelas e as clarabóias não eram suficientes para iluminar os ambientes que necessitavam, muitas vezes, de uma complementação de luz artificial mesmo em dias claros. Como estas constatações foram feitas através da avaliação do investigador, sugerimos uma avaliação técnica mais rigorosa utilizando os instrumentos necessários para fazer uma medição da luminância de cada ambiente.

Na questão da ventilação, indicamos a troca das janelas do tipo bascula por modelo – a ser estudado – que permita uma maior circulação de ar. Assim, sugerimos que ao ser avaliado um modelo para substituição das janelas, seja também considerada a hipótese de se especificar uma janela com maior vão – quem sabe uma esquadria que ocupe todo o vão do montante em laminado estrutural?- que além de permitir uma melhor ventilação possibilite às crianças visualizarem o exterior.

RESOLUÇÃO DAS INFILTRAÇÕES

Foram verificados diversos pontos de infiltrações nas alvenarias e na cobertura. Observamos, ainda, que em dias de chuva, as águas pluviais inundam os ambientes, entrando pelas gretas das portas e das divisórias. Neste sentido, acreditamos ser necessário, como já dissemos anteriormente, um levantamento das condições atuais da cobertura para averiguar possíveis problemas com a fixação / superposição da telhas. As clarabóias também encontram-se em estado precário, sendo necessário a troca do revestimento por material resistente à água e deve ser estudado um acabamento para clarabóia que vede as águas das chuvas.

Durante nossa pesquisa, observamos, ainda, que as águas pluviais entram no interior das salas de atividades pela parte superior das esquadrias. Acreditamos que a ausência de pingadeira bem como problemas de vedação possam ser os causadores deste fato. Assim, sugerimos que sejam estudados estes 2 fatores para que a questão seja solucionada.

MELHORIA DO MOBILIÁRIO

Nos dados obtidos através dos questionários, evidenciamos que uma média de 25% dos respondentes deram notas negativas para a qualidade dos mobiliários, fato este que demonstra uma certa insatisfação por parte destes usuários. Assim, propomos que seja realizado um estudo mais aprofundado de modo a identificar quais os mobiliários não atendem às expectativas dos usuários, principalmente, às crianças. Sugerimos, ainda, que sejam considerados nesta análise questões como: proporção ao tamanho da criança, qualidade dos materiais dos móveis, se os tampos das mesas refletem a luz prejudicando a visão dos alunos, entre outros.(preciso pensar mais...)

EQUIPAMENTOS PARA O “PARQUINHO”

Os resultados desta pesquisa nos mostram, ainda, que os usuários consideram que o parquinho poderia oferecer uma maior variedade de brinquedos para as crianças. Através de conversas informais com os responsáveis pela creche, descobrimos ainda que havia um projeto que previa diversas outras instalações para as crianças no pátio interno e externo, mas por falta de verba ainda não puderam ser realizadas. Assim sugerimos que sejam

estudadas outras alternativas para a confecção de brinquedos como, por exemplo, um workshop envolvendo pessoas da própria comunidade para que estas, coordenada por uma pessoa capacitada, pudessem elas mesmas fabricar os equipamentos. Esta atitude possibilitaria também uma maior identificação com a creche e com o “parquinho”.

5.2– CONCLUSÕES

Preocupados com qualidades das edificações destinadas à creches, procuramos aplicar, através de um estudo de caso a metodologia da avaliação pós-ocupação, junto a instrumentos da psicologia de modo a averiguara a aplicabilidade e viabilidade destes materiais e métodos em uma pesquisa de campo cujo objetivo é avaliar a qualidade do ambiente construído da creche e suas influências no desenvolvimento infantil.

Diante dos resultados obtidos em nosso estudo, podemos concluir que os instrumentos e conceitos utilizados – análise walkthrough, entrevistas, questionários, desenhos com as crianças, mapas comportamentais e análise dos arranjos espaciais – demonstram-se eficientes pois, através deles, nos foi possível identificar os principais problemas enfrentados pela creche, bem como identificar suas qualidades.

Conforme evidenciado no capítulo 4- *Análise dos Resultados*, principalmente no item 4.1 – *análise walkthrough*, a Creche UFF apresenta inúmeras questões a serem resolvidas de modo a melhorar o desempenho de sua edificação. A questão considerada mais crítica refere-se ao conforto térmico, haja vista a elevada temperatura no interior dos ambientes e seus reflexos no comportamento das crianças. Para tanto, relacionamos, no item anterior, algumas atitudes aconselhadas em prol de solucionar-se os problemas diagnosticados nesta pesquisa.

Todavia, precisamos também reconhecer que esta instituição possui um espaço elaborado de forma a colaborar com a sua proposta pedagógica que visa proporcionar às crianças a possibilidade de desenvolver sua autonomia. Neste sentido, seus ambientes foram projetados para permitir que as crianças acessassem os materiais de forma independente de um adulto além de propiciar-lhes a interação com outras crianças – fator importante na

socialização e, conseqüentemente, na construção da autonomia. O estudo comprova, ainda, a preocupação com a estruturação dos ambientes seguindo os conceitos de LEGENDRE sobre arranjos espaciais, de modo a promover arranjos coerentes com as atividades desenvolvidas em cada ambiente visando assim contribuir com o desenvolvimento infantil.